

Alexandra Lima da Silva



"Você não sabe o quanto eu caminhei"

**Memorial acadêmico,
pertencimento
e história**

"Você não sabe o quanto eu caminhei": **Memorial acadêmico, pertencimento e história**

1º Edição - Copyright © 2024 dos autores

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei

nº 9.610/98.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

"Você não sabe o quanto eu caminhei" [livro eletrônico] : memorial acadêmico, pertencimento e história /organizadora Alexandra Lima da Silva. - - 1 . ed. Belo Horizonte, MG : Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-982982-3-4

1. Ensino superior 2. Estudantes de pedagogia
3. Estudantes - Biografia 4. Memorial acadêmico
I. Silva, Alexandra Lima da.

24-225241

CDD - 378

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias : Estudantes de pedagogia : Vivência acadêmica : Educação superior 378

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB - 1/3129

FICHA TÉCNICA

Organização:

Alexandra Lima da Silva

Autores:

Estudantes da disciplina de PPP1 (Pesquisa e Prática Pedagógica) do curso de Pedagogia da UERJ.

Produção editorial:

Priscila Paula

priscilapaula@hotmail.com.br

**Este livro foi produzido com os recursos:
"Bolsa Proatec UERJ (Nível 4)",
Coordenado por Alexandra Lima da Silva.**

Sumário

Apresentação: A sala de aula como lugar de acolhimento e afeto Alexandra Lima da Silva	6
A (re)construção da minha trajetória acadêmica Amanda Peixoto de Pina	9
Oriunda da Baixada a escolhida pela educação na UERJ Ana Beatriz Melo dos Santos	20
Relembrando o ontem, vivendo o hoje e sonhando com o futuro Ana Lidia de Meneses Leite Vieira da Silva	28
Mulheres com sonhos ancestrais Bruna da Silva dos Santos	36
Educação e favela: desafios de uma estudante favelada de pedagogia na UERJ Bruna Ferreira Vanzillotta	41
Tornando-se educadora: uma jornada de inspiração desde a infância até a universidade Débora Marcelino Constantino	47
Desafios e aprendizados: minha jornada de vida e educação Debora Ribeiro dos Santos	53
As histórias que me trouxeram até aqui Érica da Silva Oliveira	60

A estrela nunca se apaga Fernanda Martins Botelho de Lacerda	69
A importância de pertencer: tecendo caminhos possíveis para o futuro Hevelyn de Jesus da Silva	78
Minha trajetória na Pedagogia e a importância da autoestima para mulheres negras Jeycellany Dionisio da Conceição	86
Recordando memórias Kianny Oliveira Dias	89
O poder humanizador da formação educacional Larissa Gonçalves Oliveira	93
Nossos passos: da Maré para a universidade Luanna de Sena Passos	101
Começos e meios do "meu" Memorial Luiz Tiago da Silva Gomes	109
"Antes de chegar, tudo é sonho": nos vemos no exercício docente Luma de Lima de Oliveira	121
"Não permitirei que o medo me paralise": como cheguei à universidade Maria Rizonete da Silva	127
Nasci navegando por essa Maré Matheus Siqueira Euzebio	132



Enegrecendo por meio da educação: relato de descobertas por meio da educação

Núbia de Sá Teixeira Lima

137

Entre sonhos e desafios: a trajetória pela formação profissional

Stefanny Sodre de Azevedo

147

Uma trajetória de resistência, permanência e resiliência

Thamyris Cristina da Silva Barboza

158

Um passeio saudoso às memórias e ao legado de minhas ancestrais

Victória Fernanda de Ornelas Azevedo

164

Licença para sonhar

Alexandra Lima da Silva

170

Autores

172



Apresentação

A sala de aula como lugar de acolhimento e afeto

O livro *“Você não sabe o quanto eu caminhei”*: *Memorial acadêmico, pertencimento e história* é fruto da Pedagogia do Encontro e do Afeto. Ele reúne as histórias de Amanda, Ana Beatriz, Ana Lidia, Bruna Santos, Bruna Vanzillota, Débora Marcelino, Débora Ribeiro, Érica Oliveira, Fernanda Martins, Hevelyn da Silva, Jeycellany Dionisio, Kianny Dias, Larissa Gonçalves, Luanna Passos, Luiz Tiago da Silva Gomes, Luma de Lima, Maria Rizonete, Matheus Euzebio, Núbia Lima, Stefanny Sodré, Thamyris Cristina Barboza e Victória Ornelas.

Essa jornada teve início em novembro de 2022, na disciplina de PPP1 (Pesquisa e Prática Pedagógica). Durante um ano e meio, nos reunimos e em comunhão, nos educamos, e criamos algo nosso, um espaço de compartilhamento de afetos, esperanças e sonhos.

Em julho de 2024, concluímos nossa jornada, agora na disciplina TCC1 (Trabalho de Conclusão de Curso). A avaliação da disciplina foi a entrega de um ensaio, um memorial acadêmico. A partir deste exercício, emergiram dores, lutas, mas também, a compreensão de que a educação superior é um direito. Para muitas e muitos, a escrita foi também, um refúgio e um lugar de cura.

Ao fim da nossa jornada, aprendi que posso transformar a sala de aula em um lugar de acolhimento. Essa é a maneira que eu acredito estar fazendo a diferença.

Me reconheço e me conecto com as histórias presentes neste livro porque eu também, sou cria da escola pública. Somos os sonhos de todas aquelas pessoas que não tiveram a chance de ocupar este espaço. O maior patrimônio da UERJ são as/os estudantes. É isso o que tenho aprendido.

Somos sementes.
E vivemos para contar nossas histórias.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 20 de julho de 2024
Professora Alexandra Lima da Silva



Adulta está difícil, mas não posso desistir
Depois da Tempestade, Flores voltam a surgir
Porque quando a Tempestade demora a passar
A vida até parece fora do lugar

Não perca a Fé em Deus, Fé em Deus
Que tudo irá se acertar.

Não tenho medo de ser quem eu sou. Por isto escrevo
despretensiosamente, para não alixar de ser.

A trajetória que só podem ser possíveis
através da escuta sensível, a educação favorecida
desta obra de encontro do ordinário cotidiano
dos espaços de formação humana.

Minha avó,
analfabeta,
primeira

Do mesmo jeito
viver vivendo,
primeiramente
sendo e fazendo
se pode aprender

que mesmo
foi a minha
educadora.

que se aprende a
aprender a amar amando
a si e depois os outros,
o melhor, porque não
é que não se tem.

O que vale
é o apeto nas
palavras.

Nunca serei uma leitora e uma pessoa pronta, as vivências
futuras e experiências que me esperam remodelarão quem eu sou
e sobre o que leio!

"mas nunca tentavam me entender eu
compreender como eu me sentia..."

A (re)construção da minha trajetória acadêmica

Amanda Peixoto De Pina

Pelo presente memorial, descrevo minha trajetória acadêmica e profissional, bem como outras experiências que julgo relevantes para o trabalho final da disciplina de TCC1. Minha trajetória escolar iniciou-se aos cinco anos de idade, no Colégio Cosmorama, onde nos anos 2000, fui induzida a começar a alfabetização ainda na Educação Infantil. Lembro-me dos traumas que tinha da escola, pois era um lugar onde precisava fazer o que era proposto pela professora nas quatro horas de aula. E as atividades propostas eram escrever, copiar, cobrir e somente um dia na semana os alunos eram incentivados a brincar no parquinho. Essa experiência na Educação Infantil impactou o meu período de alfabetização de uma maneira negativa, onde recebi o encaminhamento para as chamadas “explicadoras”. Uma espécie de reforço escolar, realizado por professoras que moravam no bairro e auxiliavam os alunos com dificuldades escolares.

Após muitas dificuldades no processo de alfabetização e inúmeras vezes sendo convidada para permanecer na escola depois do horário de aula para terminar a cópia do quadro, ou ter reforço de leitura com a diretora da escola, enfim chegou o dia da formatura da Classe de alfabetização. Essa formatura ficou marcada, pois me lembro de chorar a formatura toda. A música que tocou na formatura me emociona até os dias de hoje, e o sentimento que consigo expressar é a solidão. Infelizmente, a primeira infância ficou marcada pela solidão de um sistema de ensino que não enxergou com afeto uma criança que precisava de acolhimento no começo da sua trajetória escolar.

Em 2002, iniciei a primeira série em uma nova escola: Centro Educacional Aguiar Garcia. Permaneci nessa escola



até o sexto ano do Ensino Fundamental. As séries iniciais do Ensino Fundamental deixaram de ser um fardo, após o trauma da Educação Infantil e da Classe de Alfabetização. Cada vez mais desenvolvia habilidades escolares que seguiam a cartilha dos chamados “alunos destaques” e tornei-me próxima das professoras que lecionaram nas classes onde frequentei. Minha irmã mais velha, Lílian, é seis anos e meio mais velha que eu e costumávamos brincar muito de escolinha em casa. Nessas brincadeiras, Lílian aproveitava para revisar todo o conteúdo que era passado em sala de aula, e reforçava as atividades, além de auxiliar nas tarefas em que tinha mais dificuldade. Brincar de escolinha era o momento preferido do meu dia. Com isso, vivenciava o ambiente escolar na escola e em casa, de brincadeira.

Com o passar dos anos, minha irmã cresceu e não queria mais brincar comigo. Precisei aprender a brincar sozinha e vivenciava momentos de ludicidade ao brincar com bonecas e ursos de pelúcia. Um faz de conta onde me tornei a professora. Agora já dominava os conteúdos e conseguia transmiti-los, mesmo que fosse para brinquedos e bonecas inanimadas.

Compartilho essas experiências porque nesse momento a pergunta: “o que você quer ser quando crescer?” era sempre respondida como professora. E a partir desse momento, a resposta não mudou mais.

No Fundamental II, ainda no CEAG, ganhei um concurso de redação, em segundo lugar. Toda minha família ficou muito orgulhosa de mim, e eu mais ainda por ter conseguido sair de aluna destaque para ganhadora de um concurso de redação. Terminando minha trajetória no Centro Educacional Aguiar Garcia, o ano de 2006 foi marcado pela transição para o segundo segmento do fundamental e a adaptação de ter diversos professores ministrando disciplinas independentes. Cada professor com uma característica, e nesse momento percebi a minha inclinação para as disciplinas de humanas. A

primeira nota vermelha chegou e com ela a frustração de não ser mais a melhor aluna da classe. Aprender a lidar com esses sentimentos e desafios dos ciclos escolares me permitiu permear meus conhecimentos prévios apenas em aulas que eu me identificava. Por sorte do destino, a professora de matemática passou um trabalho como prova final e consegui ser admitida no sétimo ano.

Os três últimos anos no Ensino Fundamental foram desafios a serem perpassados. Cursei-os em duas escolas diferentes: Escola Municipal Doutor Deoclécio Dias Machado Filho e Colégio Estadual Aydano de Almeida. Infelizmente, por falta de professores no município de Mesquita, minha passagem pelo Deoclécio foi de apenas seis meses: lembrome de ter somente aulas de Arte e Língua Portuguesa nos dois bimestres em que frequentei a escola. Por esse motivo, meus pais conseguiram a minha transferência para o Aydano, escola estadual do município vizinho ao que residimos; uma escola tradicional, cuja diretora na época era conhecida por sua rigidez e disciplina com os alunos e funcionários da escola. É engraçado como a vida secular interfere diretamente no caminho escolar que percorremos. Já no início da adolescência, não importava mais ser a aluna destaque. Ter média para passar de série já era o suficiente. Já no último ano do Fundamental II, os professores começaram a indicar para a turma que fizéssemos Ensino Médio técnico para sairmos do Ensino Médio com uma profissão e conseguirmos entrar com mais facilidade no mercado de trabalho. A essa altura, minha irmã mais velha, Lílian já havia se formado no Curso de Formação de Professores, realizando o Ensino Médio na modalidade Normal, sendo motivo de orgulho para a família, uma vez que nos últimos anos do Curso Normal ela conseguiu estágio remunerado, com promessa de admissão assim que terminasse a formação. E assim aconteceu. Aos 18 anos, minha irmã já lecionava e trabalhava de carteira assinada.

Com tudo isso acontecendo, minha mãe não me deu

escolha: eu teria que cursar o Curso Normal. O que para minha mãe, não seria um problema, uma vez que eu expressava esse desejo desde a infância. Porém, com a chegada da adolescência, muitas coisas mudaram, e eu não queria seguir os passos da minha irmã. Queria seguir meu próprio caminho. Porque não fazer Ensino Médio e depois um pré-militar? Isso! Era isso que eu queria!

Infelizmente nesse período, meus pais tinham a última palavra e não pude realizar meu desejo.

Em 2010 ingressei no Curso Normal no Instituto de Educação Rangel Pestana. Seguindo as ordens dos meus pais, iniciei o ano letivo sem entender muito bem o que me esperava nos próximos três anos. Descobri por acaso, conversando com a minha avó, que tinha uma tia pedagoga, tia Zizinha. Ela mora até hoje em Aracaju, cidade onde meu pai nasceu e conversando com a minha avó sobre ser pedagoga, minha avó falou: “Minha filha, eu não sei muito bem o que é ser pedagoga, mas sua tia Zizinha é. E ela é muito feliz na sua profissão! O que eu sei é que ela fez o Curso Normal e depois fez faculdade. Acho que de pedagogia. Podemos ligar pra ela um dia e perguntar, se você quiser.” E eu quis. Num domingo, fomos à casa da minha avó como de costume e como sempre acontecia, minha avó ligava para as irmãs, que moravam em Aracajú. Nesse domingo, minha avó ligou para a tia que era Pedagoga. E conversamos por uns bons minutos sobre como tia Zizinha era feliz na profissão que ela escolheu.

Fui muito feliz nos três anos de formação no Curso Normal. Me identifiquei com todas as disciplinas, e não sentia falta das matérias regulares de química, física e biologia. Inclusive, no ano em que ingressei no Ensino Médio, houve uma reforma curricular e o Curso Normal passou a ter três anos e não mais quatro de duração.

Em contrapartida, o horário seria integral. Foram três anos intensos e felizes, de muito aprendizado e encontro comigo mesma e com a educação. As disciplinas de educação

traziam um esclarecimento muito grande sobre o mundo escolar e cada vez mais sentia o pertencimento com a educação fazer parte da minha construção como ser humano.

Penso que foi nesse momento, em que me dei conta que estava me tornando uma educadora, mesmo com pouca idade, sentia-me munida de estratégias educacionais para lidar com os alunos, com a burocracia do ambiente escolar e até com colegas de profissão. Tudo isso perpassando as matérias que eram trazidas a cada ano pelos professores do Curso Normal. Lembro-me das aulas de Estágio Supervisionado: estágio em Educação Infantil, Fundamental, EJA, e na época, o Instituto de Educação Rangel Pestana ainda tinha sala separada para os alunos da Educação Especial. Recordo com carinho de todos os estágios e me via exercendo a profissão em qualquer que fosse o segmento que se apresentasse a mim depois de formada.

O estágio em Educação Especial ficou marcado por um início de laço de amizade que permanece até hoje, dez anos depois. Comecei o estágio com uma colega de turma, com a correria dos contraturnos e estágios, provas, trabalhos, prova de aula, a colega virou amiga e a semana em que passamos na Educação Especial foi produtiva e relevante para a nossa formação. Os alunos eram surdos e davam um sinal para as professoras e estagiárias, recordo e uso o sinal que eles me deram até hoje.

Quando cheguei à creche para cumprir a carga horária do estágio na Educação Especial, recordo da recepção sem expectativa da diretora. Uns dias antes tinha sido descoberto a falsificação de assinaturas de estagiárias na creche e o clima não era dos melhores. Como eu disse a parte burocrática do sistema educacional não é das melhores, porém, professores não são resumidos a burocracia. Que bom! Esse estágio foi mais longo, e durou quase dois meses. Com isso, a rotina da Creche Comunitária Padre Daniel tinha se tornado parte das tardes do ano de

2011.

O Curso Normal teve seu fim em 2012, eu tinha apenas 17 anos, e o estágio na EJA foi um desafio para os meus pais. Para mim, foi um prazer! Lembro-me de os alunos levarem lanches durante os quinze dias de estágio, a aprendizagem que recebi nesse estágio, a recepção da Escola Municipal Doutor Deoclécio Dias Machado Filho, escola que estudei em um curto período de tempo e retornara como estagiária me faziam acreditar que sim, vale a pena o esforço que o Ensino Médio Normal trazia para os alunos.

Acabando o Ensino Médio, a certeza que seria professora precisaria se concretizar com uma escola me contratando como professora regente. Porém, não foi esse o cenário. Ainda no último ano do Ensino Médio, a Prefeitura de Nova Iguaçu abriu um concurso público para a prefeitura, oferecendo vaga para professores formados na modalidade do curso normal, sem ter realizado o Ensino Superior. Muitos alunos que estudavam no Instituto de Educação conseguiram a sua aprovação nesse concurso. Infelizmente, eu não.

O que restava era enviar currículo para escolas particulares do bairro. Porém, a esperança do primeiro emprego como professora não se consumou nesse período. Meus pais tinham um lema: terminou o Ensino Médio, agora é trabalhar para ganhar dinheiro. Com isso, fui trabalhar de telemarketing no Centro do Rio para conseguir pagar minha faculdade. Trabalhei por seis meses, pegava o trem às 5h45 de segunda a sábado e à noite ia para a faculdade de Administração.

A escolha do curso se deu através da influência do meu pai, que tinha o sonho de ter feito Administração e me convenceu que seria a melhor opção no momento. Guardei o sonho de ser professora, Pedagoga igual à minha tia-avó em uma caixinha e aventurei-me ao curso de Administração. Cursei dois períodos, muito difíceis de serem concluídos até perceber que não era uma boa opção ser facilitadora de

realizar um sonho de outrem.

A essa altura, não trabalhava mais com telemarketing e me aventurei a trabalhar como caixa na farmácia Alba. Ainda não tinha conseguido uma vaga como professora, mas acreditava que cursando a faculdade de Pedagogia a oportunidade apareceria. Com isso, em 2014 fiz a matrícula na faculdade de Pedagogia na UNIGRANRIO. Aqui, meu amor pela pedagogia voltava a pulsar e coincidentemente fui chamada para uma vaga de professora na educação infantil em uma escola no bairro onde moro.

O ano de 2014 trouxe muitas realizações e estava muito feliz cursando Pedagogia, dando aula e vivenciando novamente o ambiente escolar que era tão presente no tempo do meu Ensino Médio. Em 2015, outra escola me chamou para trabalhar, agora com uma turma do 2º ano do Fundamental, e devido à mudança de direção na escola onde estava, resolvi arriscar e trocar de escola e segmento. Como professora, já tinha mais segurança em desenvolver as atividades com os alunos em sala, e sempre trazia as ideias da faculdade para a minha prática como professora. Escolas de bairro tradicionais costumam engolir professores que tentam fazer algo diferente, e a resistência com práticas pedagógicas novas vinham de professores antigos e da própria direção da escola. Com isso, realizava alguns jogos diferentes em sala com os alunos, colocava a turma em círculo, trazia um vídeo para assistir, pequenas coisas, que faziam a diferença para as crianças.

A vida vai acontecendo e as prioridades vão mudando ao longo da caminhada, e foi assim que no início de 2016 decidi trancar a faculdade e estudar com o meu noivo para o vestibular da UERJ. O sonho de casar estava sendo impedido de se concretizar devido ao preço pago na faculdade de Pedagogia na UNIGRANRIO. E a saída que encontrei foi prestar o vestibular de uma faculdade pública: assim conseguiria me isentar da mensalidade da faculdade e conseguiria juntar dinheiro para o casamento.

No ano de 2016 fui professora em tempo integral: lecionava na parte da manhã e à tarde dava aulas particulares para algumas crianças do condomínio. À noite, junto com meu noivo que já estudava na UERJ, refazia questões de vestibulares antigos.

Entrei na UERJ em 2017.2 devido ao atraso do início das aulas por conta de uma greve que a Universidade enfrentava. O sonho de cursar uma faculdade pública, ver meu nome na listagem de classificados me fez acreditar que toda caminhada valeu a pena. O primeiro período se deu por meio de muita animação e passou rápido demais. Quando a euforia passou, percebi que a grade era composta por oito ou nove disciplinas, quatro a mais que a grade da UNIGRANRIO oferecia, e percebi que o horário em que saía do trabalho me fazia perder metade do primeiro tempo do turno da noite, quando não perdia a primeira aula toda com o atraso dos trens da Supervia. A euforia deu lugar ao desespero de tentar puxar todas as disciplinas sugeridas no período e dar conta do emprego que tanto lutei para conseguir.

Em 2019 com muitas matérias acumuladas, resolvi que pegaria menos disciplinas no período de 2019.2, porém, no meado do período sofri um aborto retido, onde precisou ser realizado um procedimento de curetagem, ocasionando três dias de internação e quinze dias de resguardo. O pior momento da minha vida em meio à realização do meu maior sonho, o que resultou no abandono do período, pois não entendia a parte burocrática da faculdade e não conhecia meus direitos. Ao final do mesmo ano, fui acometida por uma crise de pânico. Mais uma vez minha vida acadêmica deixou de ser prioridade, agora para tratar de problemas psicológicos.

Ainda em passos lentos na recuperação, quis fazer do ano de 2020 um ano de excelência acadêmica e profissional. Logo no início do ano consegui outra escola para lecionar, agora para o 5º ano do fundamental, o que dobraria minha

carga horária e forneceria mais experiência profissional. A faculdade ficaria no horário da noite e continuaria pegando poucas matérias. A ideia era a qualidade do aprendizado, e para isso, percebi que precisava ir no meu tempo com as disciplinas e não mais seguir a grade sugerida.

Porém, fomos acometidos com a Pandemia de COVID-19: tempos sombrios pairavam sobre todo o mundo e a luta pela sobrevivência se dava com a diminuição do contato social e aceitação das regras que eram impostas a todo o mundo como contenção de danos enquanto a vacina não chegava até nós. Nesse meio tempo, perdi vizinhos, tios, amigos próximos e o medo assolava cada dia mais toda a humanidade.

Em meio a tantas perdas, uma notícia de vida: descobri uma gravidez em meados de 2020. Quando a UERJ se mobilizou para voltar às aulas de forma remota, eu vivia a experiência de gestar em meio à pandemia. Considero vitoriosas as pessoas que conseguiram seguir com seus estudos em meio ao que vivemos em 2020/2021. Eu, infelizmente, não tinha psicológico e saúde para continuar os estudos. O trabalho se deu por meio remoto, consegui entregar as turmas ao final do ano com louvor, apesar de todos os problemas com as aulas remotas para crianças, e me inscrevi em apenas uma disciplina para não ter trancamento automático de matrícula.

Depois do nascimento da minha filha, minha vida profissional não fazia mais sentido. Comecei a almejar uma estabilidade que as escolas particulares não me garantiam e alguns pensamentos começaram a mudar em relação a minha formação acadêmica. Resolvi então, sair da escola onde lecionava e me dedicar integralmente à UERJ, almejando melhores oportunidades e sonhando em vivenciar tardiamente a experiência de universitária.

E assim foi: a partir do ano de 2023 organizei os horários e ficava o dia todo na UERJ adiantando disciplinas atrasadas, lembro-me de pegar uma matéria T5, T6 e a sensação de

voltar a ser caloura, com o frio na barriga de estar na Universidade, vivenciando experiências de frequentar a biblioteca, poder descansar depois do almoço no DALB, ou marcar reuniões de estudos na Loreninha para discutir em grupo algum trabalho importante.

Inacreditavelmente, ao final do segundo semestre de 2023, o prof. Doutor Carlos Soares abriu vaga para Iniciação Científica na EJA, por uma baixa de residentes no grupo que ele era coordenador e eu consegui uma vaga de residente por seis meses, para finalizar o projeto.

Apesar de pouco tempo de residência, os aprendizados desse ciclo foram muito significativos para minha vida acadêmica: eram exigidos relatórios mensais sobre o andamento da residência e do trabalho que era realizado na escola. Além disso, as reuniões mensais com o professor Carlos Soares e a professora Jaqueline Luzia traziam discussões dos grupos pertencentes a residência e com a leitura dos artigos recomendados pelo coordenador e pela professora preceptora, o grupo de residentes imergiu na Educação de Jovens e Adultos e tiveram oportunidades únicas de aprendizagem com diversos professores desse departamento.

A escola onde foi realizada a residência foi a Escola Municipal Governador Roberto Silveira, em Mesquita. Como a escola está situada no município em que resido, os horários de saída da residência, apesar de tarde, às 22h, não se tornaram cansativos. A Residência Pedagógica acrescentou conhecimentos acadêmicos que até o momento não havia vivenciado na UERJ, me auxiliou na escolha do tema da monografia que irei produzir no próximo semestre e estreitou laços com professores da Universidade, expandindo o olhar para além da graduação.

Atualmente vivo o melhor momento da minha vida acadêmica, agora com bagagem de uma iniciação científica, com as disciplinas eletivas finalizadas, terminando agora o PPP4 para iniciar a Monografia, e principalmente com o

sentimento de realização por ter conseguido chegar até aqui, mesmo com todas as adversidades que perpassam minha trajetória.

Oriunda da baixada a escolhida pela educação na UERJ

Ana Beatriz Melo dos Santos

Eu sou Ana Beatriz Melo dos Santos ou “Bia” como todos ao meu redor me chamam desde que me entendo por gente, tenho 23 anos e daqui a pouco mais de um mês em agosto já completo 24. O tempo costuma passar muito rápido e assim foi durante esses anos, nesse memorial contarei um pouco da minha história e de como cheguei até aqui, a este momento da vida acadêmica.

Desde que eu tinha dois anos de idade minha mãe adoeceu, até hoje não se tem um diagnóstico adequado do que realmente ela tem, mas ela não é “sã” em si mentalmente, desde então eu sempre fui criada pelas minhas avós com todo o auxílio financeiro possível do meu pai. No início, continuei morando com a minha mãe e minha avó materna, no bairro da Cobrex em Nova Iguaçu, uma localidade na época agradável e muito roceira, hoje em dia já um pouco diferente, a casa é antiga, num modelo mais antigo de arquitetura, com um quintal enorme que já foi maior, mas hoje os vizinhos e familiares pegaram uma boa parte.

Antigamente, bem antes de eu nascer, nesse local era uma mini fazenda no qual meus avós e bisavós tinham criação de porcos, galinhas e outros animais, mas principalmente os porcos, são os de que mais tenho lembranças, pois, lembro vagamente dos últimos que a minha vó ainda tinha quando era bem pequenininha. No quintal têm várias e várias árvores principalmente goiabeiras, no qual eu amava subir e pegar goiabas. A casa era em frente a um campo de futebol, no qual tinha apenas uma enorme mangueira dividindo, porém infelizmente foi derrubada e foi construída uma casa no lugar, acabando com a vista e a diversão que ali tinha. Foi nesse campo de futebol

que vivi boa parte da minha infância, foi onde aprendi a dar estrelinhas, cambalhotas e brincava de todas as brincadeiras possíveis com crianças do bairro inteiro que iam para lá.

Porém, o tempo foi passando e assim mudando os aspectos do bairro e o entorno do campo virou um enorme espaço de obras da prefeitura que iria construir ali um condomínio de casas, deste modo, até as manilhas da obra eram feitas de brinquedo por todos nós. O que hoje entendo perfeitamente, já que, “ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade”, essa famosa fala de Vygotsky retrata bem a minha realidade na época, tinha sim acesso a brinquedos que o meu pai trazia pra mim ou ganhava de minhas tias, mas sempre amava brincar com a areia do quintal fazendo bolinhos de areia, as folhinhas de goiaba picotadas porque era a minha comidinha, via nas pequenas coisas uma alegria e vontade de viver imensa independente das dificuldades da época, como o fato de não ter uma mãe ali presente comigo, ela estava de forma física, mas não realmente presente como mãe, e acho que foi quando fui pra escola que sofri mais com essa situação.

Minha primeira escola foi no bairro mesmo, era o principal e único colégio particular da região, o Centro Educacional Nova Jerusalém, o colégio da Tia Sônia, uma mulher incrível que hoje infelizmente quase não a vejo, mas que mudou a minha vida e sempre fez de tudo tanto para mim quanto para a minha irmã estudarmos, independente da realidade que vivíamos. Meu pai com muita dificuldade sempre fez de tudo pela nossa educação, pagou essa escola pra gente até a 5° série, e sempre auxiliou a gente nos estudos como faz comigo até hoje me dando todo o suporte financeiro pra poder estudar, e a minha irmã também.

Era uma escola ótima, onde aprendi a ler e a escrever, com muito êxito e com muita ajuda dos excelentes professores que tive na época. Sempre tirei boas notas



desde nova, tanto que todos os domingos quando meu pai vinha ver a gente ele passava lá pra conversar com ela e sempre ouvia muito bem da gente. Pois, desde criança sempre ouvi do meu pai que tinha que estudar pra mudar a vida da minha mãe e quanto ela dependia de mim e da minha irmã, sempre carreguei isso comigo pelo resto da vida, já que de fato é a minha realidade. Enquanto muitas crianças só cresciam e curtiam a sua vida eu já tinha desde cedo a responsabilidade de mudar a minha trajetória e a da minha família.

Sentia muito quando nas apresentações de escolas todos tinham os seus pais lá e infelizmente isso em muitas situações não foi possível pra mim, o que eu não desejo pra ninguém, é doloroso demais. Mas, por um lado entendia, afinal meu pai sempre morou longe pra poder trabalhar e dar uma vida melhor para mim e minha irmã. E minha mãe, tinha a doença dela no qual não está no mesmo mundo mentalmente que todos nós, mas mesmo assim tinha poucas apresentações que ela ainda ia, e isso me deixava extremamente feliz.

Sofria muito *bullying*, devido não ter as mesmas condições que muitos ali, criavam diversos apelidos pra mim, mas também criei muitas amizades, alguns ainda tenho o contato e os vejo na rua hoje em dia, mas a maioria se foi com o tempo.

Principalmente depois que tive que ir morar com a minha avó paterna aos nove anos de idade, pois segundo o meu pai já estava uma mocinha e ali na casa da minha mãe já não era mais o lugar adequado para eu viver. O que de fato não é uma mentira, já que a casa não tem muro e nenhum tipo de segurança devido à forma de viver da minha avó materna que se dava bem com o bairro todo, todos sempre iam lá.

Portanto, aos meus nove anos de idade fui morar no bairro vizinho Ponto Chic na casa da minha avó, ela me criou com todo o amor e zelo do mundo, precisei mudar de escola e foi muito complicado pra mim pois fui para a escola

pública, de início um choque de realidade, mas gostei muito, criei muitas amizades, vivi experiências incríveis na Escola Municipal Douglas Brasil, a escola era a duas ruas da minha casa, no começo ia com a minha avó, mas depois passei a ir sozinha com meu melhor amigo e vizinho que era da minha sala na escola, criei mais autonomia ainda nova, estudei por cinco anos nesta escola, vivi momentos incríveis até que resolvi por conta própria cursar o meu ensino médio em uma escola de curso normal, todos em minha volta diziam que não, não valia a pena, a escola era integral e no centro de Nova Iguaçu, a mais conhecida da cidade, o Instituto de Educação Rangel Pestana, uma escola incrível que me fez amar o magistério.

Eu vivi incríveis três anos integralmente nessa escola, só ia em casa literalmente para dormir em muitas ocasiões, antes de entrar na escola no período de matrícula eu dizia que queria porque já ia ter uma formação mas quando entrei e fiz logo no final do primeiro ano do ensino médio normal o estágio na educação infantil, senti aquela recepção das crianças, o que era a sala de aula, eu me apaixonei. Lembro exatamente do meu primeiro estágio, foram três dias só na escola, mas três dias incríveis.

Logo após o curso normal, fiz o Enem e vestibulares assim como todos os jovens brasileiros, porém passei para uma universidade muito longe da minha casa e infelizmente não era a que eu queria, não era a UERJ. Assim, meu pai sempre me apoiando em tudo pagou um curso preparatório para mim e assim fiz, mas ainda não tinha muita maturidade, na época resolvi sem motivo algum que queria cursar outra profissão ainda não entendia que a minha vocação era a Pedagogia, então na hora do vestibular coloquei outro curso como opção e não passei, fiquei frustrada, mas mal sabia eu o que estava por vir. O tempo foi passando, continuei estudando, trabalhei como explicadora, aí veio a Pandemia COVID-19 que infelizmente impactou muito na minha vida. Na época tinha me inscrito assim como muitos para o



vestibular da UERJ, nunca desisti.

E de fato, ela também nunca desistiu de mim, pois neste período problemático para todos. A prova foi se adiando, e adiando e adiando, o que me desanimou de até mesmo estudar pra ela já que a mente só pensava em sobreviver. Até que enfim teve uma data, pensei muito se iria ou não fazê-la, já que não tinha me preparado tanto, mas resolvi arriscar e a fiz. Passei dois meses, em uma festa de aniversário da filha de uma amiga eu quebrei o meu pé, fiquei de cama e passei por alguns problemas, na véspera do meu aniversário ainda estava com o pé enfaixado e em cima da cama quando fui acordada aos gritos pela minha irmã dizendo que eu tinha conseguido, eu finalmente era aluna da UERJ e de Pedagogia.

A felicidade tomou conta de mim, mas ainda por conta do momento em que o mundo vivia as aulas e etapas de integração da universidade foram de modo remoto o que me fez só conhecer a faculdade de fato presencialmente no ano seguinte. Entretanto, quando conheci de cara foi incrível uma sensação inesquecível, lembro que só vim para uma aula no início, foi uma aula de Libras, tinham poucas pessoas na sala, mas logo criei amizades e até hoje a maioria está junto na graduação.

No início foi um pouco puxado para mim, não me senti tão acolhida pela universidade, pois morava longe, precisava acordar muito cedo pra chegar aqui, às vezes 4:30 da manhã, mesmo assim chegava atrasada, já que dependia dos trens o que não é muito favorável, sempre acontecia algo e eles atrasavam, alguns professores entendiam pois sabem as dificuldades e outros simplesmente não. O que se tornou um problema pra mim logo no início da graduação. Depois de uns meses, minha avó acabou ficando doente e foi internada, o que ocasionou de eu ter que revezar com a minha irmã e minha prima para poder ficar com ela no hospital, muitas das vezes eu dormia com ela e tinha que ir pra faculdade depois, o que me fazia chegar atrasada e sofri

muito pois tiveram professores que quase me reprovaram por conta disso, mesmo explicando o que estava acontecendo. Ninguém é obrigado a aceitar atraso de ninguém, mas numa universidade que se diz inclusiva é necessário que os professores saibam acolher os seus alunos de modo que procurem entender o que de fato possa estar acontecendo.

Infelizmente, meses depois perdi a minha avó, que cuidou e me criou com tanto amor e carinho, o que simplesmente mexeu muito comigo. Afetando claro o meu rendimento acadêmico, mas as pessoas que encontrei pelo caminho dessa vida me ajudaram muito, cheguei a pensar em trancar o curso, mas voltei atrás e continuei, ainda bem, pois tudo que vivi até aqui foi incrível. Desde o primeiro dia de aula até os atuais, já me encontro na reta final, mas tudo foi importante demais para chegar até aqui desde o início.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sempre foi o meu sonho assim como sei que é o de milhares de outras pessoas também, é uma universidade incrível que tem os seus prós e contras como qualquer outra instituição, mas desde pequena quando fui ao zoológico e olhava ela pela janela do trem dizia que queria estudar aqui sem nem ao menos saber o que era de fato a faculdade, mal sabia que um dia conseguiria. Mesmo passando por inúmeras situações durante toda a minha pequena vida, ouvindo até mesmo que nunca chegaria a lugar nenhum, eu cheguei aqui e acho que não tem lugar melhor para se chegar do que nessa universidade, que me trouxe enormes oportunidades e desafios, mas todos de grande importância para o meu crescimento. Sendo, importantíssimo lembrar que ela é um espaço para todos, realmente TODOS.

Sendo, no curso de Pedagogia onde me encontrei, o “eu” que tentava se encaixar e sempre estava perdido. Não foi e não é fácil, pois quando eu falei que passei pra pedagogia muitos viraram o olho, dizia que eu continuaria pobre, mas quem fica rico hoje em dia com graduação? Dificilmente,



prefiro escolher e cursar algo por amor e por vocação do que chegar lá na frente e chorar de arrependimento.

Como eu sempre brincava com a minha irmã e era mais velha que ela eu de vez em quando a obrigava a ser minha aluna, talvez uma didática não muito Freiriana, mas eu só queria ser a professora de mentirinha dela. E eu amava, talvez daí veio minha vocação ou não, só sei que costumo dizer que a Pedagogia que me escolheu e não eu a escolhi. Pois, foi com o passar dos anos que tive a certeza do que eu queria, meu desejo seria de seguir a vida acadêmica. É-me muito difícil, mas também sei que não é impossível. Sou muito grata a Pedagogia pela forma que vejo o mundo hoje, através dos estágios tenho vivenciado a sala de aula de um modo diferente mais profundo, de certa forma me sinto mais íntima do que daqui a pouco tempo será a minha formação.

Através dos estágios, pude ter um contato melhor e rever o que já tinha visto no curso normal anos atrás, mas de um modo diferente, com uma base teórica melhor. Junto a essa vivência mais presente da sala de aula, pude perceber que eu realmente queria a Pedagogia para a minha vida, gostaria de seguir a vida acadêmica, mas também de algum modo gostaria de ser presente na sala de aula, sinto que ainda há esperança na educação, tenho um enorme desejo de lutar por ela, dizem que pedagogas e pedagogos recém-formados entram na sala de aula querendo mudar o mundo, pois, eu já sinto esse desejo ainda na graduação. Sendo possível sim através da educação essa mudança, sendo difícil, claro, mas não impossível, com inúmeras dificuldades e obstáculos, mas que tenho certeza que somos capazes de superar todos eles se quisermos.

A Pedagogia vai além da sala de aula, ela está presente no nosso dia a dia pelo resto de nossas vidas, através dos nossos gestos, modos de falar, de se expressar, de educar, de conviver, e tudo mais, sendo preciso dar mais valor e atenção, eu não escolhi a Pedagogia, ela me escolheu.

Referências

<https://www.associacaocedap.org.br/espaco-da-crianca-ii/e-brincando-que-se-aprende#:~:text=Ao%20brincar%2C%20a%20crian%C3%A7a%20assume,sente%20como%20agrad%C3%A1veis%20na%20realidade.&text=Brincar%20>. Acesso em 10 de junho, às 16:39.

Relembrando o ontem, vivendo o hoje e sonhando com o futuro

Ana Lidia de Meneses Leite Vieira da Silva

Meu nome é Ana Lidia de Meneses Leite Vieira da Silva, nasci na comunidade da Pedreira, em Costa Barros, na cidade do Rio de Janeiro. Fiz meu ensino médio em uma instituição pública de formação de professores, desde então não deixei o magistério. Escolhi fazer Pedagogia na UERJ com o objetivo inicial de atuar no ensino de matérias pedagógicas para turmas de ensino médio, e crescer academicamente, entretanto, estou pensando em atuar na educação infantil.

Faço estágio remunerado no Colégio Vicentino Imaculada Conceição, no qual obtive muitas experiências, fazendo com que alinhasse o teórico à prática. Através da prática pude observar comportamentos e maneiras de agir de alunos que estão alinhadas ao que aprendi na teoria, e também análise as práticas dos professores, na qual admirei muitos trabalhos feitos e rejeitei metodologias de ensino.

Na faculdade, me interessei em estudar e pesquisar sobre a história dos brinquedos alinhados ao gênero, contexto histórico e aos materiais em que são produzidos. Observo crianças brincando, lojas de brinquedos, e o material em que são produzidos e os riscos que podem causar a saúde, isso me traz uma ânsia em pesquisar e saber mais. Pretendo levar essas questões para o mestrado que almejo fazer.

Pretendo me graduar em pedagogia, estudar para um concurso público para conseguir a aprovação, e me empenhar e imergir na carreira acadêmica com o meu interesse em estudar brinquedos. Além disso, pretendo continuar estudando sobre as crianças e o seu desenvolvimento, para que eu possa ser parte de uma educação transformadora.

Memórias

Na minha infância, em 2003, frequentei uma creche que fica localizada na comunidade da Pedreira, em Costa Barros. Eu sempre fui muito arrumada, e pelo fato de ter cabelos crespos minha mãe sempre fez diversos penteados no meu cabelo, colocava presilhas e prendedores. Nessa época a contratação para trabalho não era feita através de concursos, então, como eu era bem arrumada, minha mãe foi chamada para trabalhar nessa creche, e assim teve início toda a minha história no mundo da educação.

Quando fiz três anos tive que mudar de escola, pois a creche só abrangia a Educação infantil (berçário, maternal). Fui para uma escola chamada “Tia Julia”, entretanto a escola não tinha uma base de ensino boa, ou seja, com 4/5 anos eu não sabia diferenciar as cores e nem os números, com isso minha mãe me trocou de escola, e ali eu tive memórias e experiências que guardo até hoje.

O nome da escola que marcou minha vida foi Centro Educacional Tia Norma. Era uma escola pequena de dois andares, na minha sala tinham apenas sete alunos. Ela abrangia da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental, tinham aproximadamente oito salas, um terraço e um quintal com brinquedos e a cantina.

No 2º ano tive uma experiência muito complicada, um aluno com questões psicológicas tentou jogar uma cadeira de ferro na turma, nesse momento a turma juntamente com a professora correram, entretanto eu não consegui por falta de tempo e ele ficou com a cadeira apontada pra mim e todos os alunos, professora e demais membros da escola na porta da sala tentando acalmar o menino, por fim ele abaixou a cadeira e não jogou.

Hoje eu entendo que era um aluno com necessidades especiais, que não foi acolhido pela escola por falta de estrutura e capacitação dos professores, isso gerou diversos problemas e poderia ter gerado danos inimagináveis, pois se a professora tivesse preparação lidaria com a situação de



maneira eficaz, evitando chegar a tal ponto, do aluno tentar jogar uma cadeira em mim.

No 4° e 5° ano uma professora chamada Renata começou a me dar aula, ela era muito legal, conversava com a turma e ao final das aulas nos deixava jogar diversos jogos que tinham na sala, como *twister*, dominó e dama, jogavam até mesmo jogos no celular. Foram os melhores anos da minha vida, quando eu saí dali continuei voltando na escola para falar com a professora Renata sobre todas as minhas conquistas.

Eu sempre fui muito esforçada e inteligente, sempre tirava boas notas e era a melhor aluna da turma, isso acabou me tornando um pouco soberba, não com os meus amigos, mas quando chegava em casa sempre contava para a minha mãe que fui, mais uma vez, a melhor da turma. Mas no final do 5° ano acabei ficando de recuperação em matemática, apenas um aluno passou de ano “direto”. Fui fazer a prova chorando muito, estudei chorando e entreguei a prova chorando, consegui fazer a prova e passei de ano. Depois de anos descobri que minha mãe permitiu que me deixassem de recuperação para eu me tornar menos soberba. Nenhum professor conhecia esse meu jeito, pois eu sempre fui muito reservada, então nenhum professor e aluno sabiam desse meu jeito, apenas minha família, quando minha mãe falou muitos ficaram assustados e surpresos.

Depois que saí da tia Norma fui para o Colégio Ferreira Lago, não tive muitas experiências boas, foi um período bem complicado pra mim. Essa escola abrangia do maternal até o 9° ano, entrei no 6° ano. Fiz muitos amigos, mas um em específico faz parte da minha vida até hoje, o nome dele é Lucas André, mas o chamo de Lukinha. Hoje percebo o quanto a escola era tradicional, pois antes não tinha esse conhecimento e nem percepção.

A escola tinha uma metodologia de ensino muito rígida, pois apresentava muito conteúdo, e provas, mas especificamente tinham oito provas no ano, eram

praticamente duas provas por bimestre. A ludicidade era ignorada justamente pela escola estar nos preparando para vestibulares com apenas dez anos de idade, o conhecimento justamente por enriquecimento intelectual eram deixados de lado, e os conteúdos de concursos eram muito cobrados.

Nessa escola comecei a me cobrar muito para que eu fosse boa em todas as matérias, para que tirasse boas notas e para que fosse uma ótima aluna. Esse meu hábito me levava a estudar o dia absolutamente todo, parando apenas para comer uma hora, e passando o resto do dia estudando. Perdi muitos aniversários e festas buscando ser ótima, desrespeitei os meus limites.

Eu tinha crises de ansiedade antes de fazer as provas, chorava absurdamente antes, durante e depois, ficava extremamente ansiosa para o resultado das provas e quando recebi um sete ou oito começava a chorar e me martirizar buscando uma perfeição. Atualmente consigo nomear o que eu sentia naquela época, entretanto, eu não sabia, achava que era apenas um nervosismo normal. Todos os meus colegas já sabiam da minha condição antes das provas e me apoiavam e me acalmavam.

Depois entrei para o ensino médio, fiz diversas provas para entrar em escolas técnicas, mas não passei em nenhuma. Então me inscrevi para estudar no CIEP 179 em São João de Meriti, curso de formação de professores, esse foi o lugar que eu me senti mais feliz e hoje eu posso dizer o quanto aproveitei os melhores três anos da minha vida, apesar dos problemas foram os melhores anos da minha vida.

Como era curso normal, eu tinha uma rotina muito puxada, tinham dias em que eu entrava às 07h na escola e só saía às 18:15h. Tinham muitos trabalhos e aproximadamente 20 matérias, mas eu amava todas. Eu fiz amigos que trago para a minha vida até hoje, o Pedro Henrique e a Nathália, que chamo de “Lia”. Sempre fui muito tímida, então quando entrei na escola não falava com

ninguém, mas um menino chamado André veio falar comigo e assim nos tornamos amigos e durante uns dois meses eu só tinha eles como amigos, mas descobri que ele iria para Portugal, pois o pai dele havia conseguido um emprego lá, chorei demais, senti muita falta dele, e durante o período de despedida ele me aproximou dos amigos que eu tenho hoje.

Durante o 1º ano do meu ensino médio, desenvolvi bulimia e esse meu amigo contou para a minha mãe, pois eu estava em um estágio em que eu queria parar mas não conseguia sozinha, meu cabelo começou a cair, eu já não conseguia comer direito e me sentia muito culpada. Minha mãe, depois de brigar muito comigo, me colocou em uma psicóloga que me deu alta em seis meses de consulta e então voltei novamente para outro psicólogo já com queixas de ansiedade, não mais apenas bulimia. Com um tempo me curei da bulimia.

Apesar de ser uma escola dita “tradicional”, tinha uma metodologia de ensino muito diferente do que eu já tinha visto, pois tinham muitos projetos e comemorações, e até mesmo o ensino, muitas vezes, acontecia de maneira lúdica. Tinha a incorporação, que eram as boas vindas aos calouros, passagem para o ano seguinte e o reconhecimento e apresentação dos representantes de turma, tinha a preparação para a festa junina no qual as turmas se apresentavam e tinham total autonomia para escolher e criar as danças, nos projetos de inglês de *halloween* cada turma fazia algo, como uma sala do medo ou enfeita um andar com algum tema, como Harry Potter e por fim tinha uma semana em que tinham palestras com sorteios, e apresentavam diversos temas, desde o cuidar da saúde vocal até mesmo matemática básica.

Vivenciamos um ambiente totalmente lúdico, no qual a diretora era totalmente presente no nosso dia a dia, no pátio tinha uma amarelinha africana que podíamos brincar. No dia do normalista a diretora contratou um touro mecânico, escorrega inflável e pula pula. Apesar de ter a

rotina de estudos a fim de formar bons profissionais, a escola proporcionava momentos leves, diferente da minha escola anterior, em que era o ano inteiro com total foco em passar em vestibulares e com cobranças desnecessárias. No CIEP 179 eu realmente aprendi a ser uma boa profissional e um ser humano melhor, que ouve e se sensibiliza com o outro.

Depois que saí do ensino médio me permiti ter um ano sabático, nesse período eu trabalhei como explicadora (período da pandemia 2020/2021) e estava fazendo provas para entrar em alguma universidade, fiz a prova do Enem e a da UERJ. De início queria cursar matemática, por isso me inscrevi no Enem para matemática na Universidade Rural e Pedagogia na UERJ. Para a minha surpresa passei 28º lugar para pedagogia na UERJ, fiquei muito emocionada e feliz, tanto que me esqueci do Enem, depois de um tempo entrei no site do Inep e percebi que se eu estivesse colocado meu nome na lista de espera da UFRRJ de Nova Iguaçu teria entrado, pois ficaria em 1º lugar na lista de espera.

Quando entrei na UERJ fiquei maravilhada, sempre foi o meu sonho de criança passar para uma universidade pública. Durante muito tempo estava deslocada no curso, eu gostava do curso, mas ainda estava com a sensação que aquele curso não era o que eu queria, mas quando comecei a fazer estágio, no 6º período comecei a fazer estágio não obrigatório em uma escola, e ali percebi que era aquilo que eu queria para a minha vida, que aquele era o meu lugar e que a pedagogia fazia sentido para mim.

Quando era do ensino médio e via minhas professoras dando aula de matérias pedagógicas no curso normal, eu quis aquilo para mim, eu me vi fazendo aquilo, não pela vontade de dar aula em si, mas de falar sobre a educação infantil e a história dela. Hoje vejo que meu coração pertence à educação infantil, mas minha mente ainda quer dar aulas para o ensino médio, penso em fazer as duas coisas.



Um ano antes de entrar para a faculdade comecei a sentir crises de ansiedade fortes misturadas com tristezas e durante dois anos de graduação entrei em uma depressão profunda, na qual fazer os trabalhos da faculdade era quase impossível para mim. Não tinha forças para fazer tarefas simples do dia a dia como escovar os dentes, tomar banho e levantar da cama. Todos os dias que eu acordava para ir para a faculdade era uma luta, pois eu tinha crises de ansiedade e chorava muito, por fim sempre tinha crises de pânico no metrô e passava mal no metrô, a caminho da faculdade, apresentando até desmaio. Tentei diversos suicídios por não aguentar mais sentir a dor da angústia e do vazio, mas hoje digo que a faculdade, para mim, foi um período de superação, onde consegui permanecer mesmo como todas as circunstâncias adversas.

A matéria de PPP e TCC pra mim foi indescritível, pois aprendi muitas coisas, descobri o que eu queria estudar e levar para a minha vida acadêmica, vivi muitas aventuras, além disso, essa matéria deixou minha vida acadêmica mais leve. Em meio a todas as adversidades e complicações que a graduação e a faculdade têm por meio das relações criadas com esses dois anos de convivência quando chegava às aulas eu podia conversar e desabafar com meus colegas de turma e com a professora. Posso dizer que essa disciplina marcou minha vida, me despeço dela com lágrimas em meus olhos.

Conclusão

Fazer esse trabalho foi libertador, poder contar toda a minha história e trajetória foi libertador, sinto que poderia ter escrito muito mais sobre minha vida pessoal, mas coloquei os fatos principais e que me marcaram em toda a minha vida acadêmica. Falar sobre as dificuldades e os problemas psicológicos que tive em meio à carreira acadêmica me faz querer levar esse trabalho mais fundo, com a finalidade de ajudar e trazer identificação para outras pessoas, para que elas percebam que outras pessoas

também passam por isso e está tudo bem.

Percebo que a minha vida acadêmica poderia ter sido mais leve se eu a tivesse levado de forma mais leve e não com o todo o rigor, pois eu poderia ter aproveitado mais. Hoje eu tento aproveitar a vida acadêmica e profissional, deixando de colocar peso e pressão, pois cada momento da vida deve ser aproveitado.



Mulheres com sonhos ancestrais

Bruna da Silva dos Santos

A Bruna, estudante de pedagogia, moradora de Japeri com seus poucos 22 anos, utiliza deste recurso para memorar mulheres da sua família materna com intuito de celebrar a história de cada uma de suas ancestrais.

Peço encarecidamente que leia escutando “continuação de um sonho” (BK e JXNV\$). Através do *link*: <https://youtu.be/N5MaWO9yUs8?si=ZSn87ESOJofi2enb>.

Maria José, uma mulher indígena nascida em Minas Gerais, casou-se com Carlos, também indígena do Mato Grosso. Tiveram 13 filhos, mas apenas oito conseguiram sobreviver. A filha número quatro, Cecília, nasceu em Japeri, estudou até o quinto ano do ensino fundamental e teve uma infância amorosa e simples. Conheceu Adilson aos 13 anos e casou-se aos 15. Aos 18, teve sua primeira filha e logo depois um menino. Esses filhos, desejados e planejados, receberam o sobrenome completo da família paterna, devido ao grande apreço de Adilson pelas crianças. Infelizmente, durante esse período, a mãe de Cecília, Maria José, faleceu em um acidente de carro na Rua Dias da Cruz, Méier, RJ.

Cecília estava em um relacionamento abusivo, com infidelidades por parte do marido. Ela não podia trabalhar nem estudar e vivia como uma esposa *Amélia*. Adilson trabalhou de forma autônoma como pintor e não conseguiu fornecer estabilidade à família. Eles mudavam frequentemente de casa, alugando.

Durante esse período, nasceram mais dois filhos, um menino e a caçula. No dia do nascimento dela, o pai prometeu que, se não nascesse até 12/03, ele iria embora sem registrar a menina. Os filhos indesejados recebem apenas o sobrenome da mãe.

A caçula, Alessandra, nasceu no limite do prazo estipulado

pelo pai. As quatro crianças tiveram uma infância cheia de contratempos, mas com uma mãe amorosa, gentil, dócil e amigável, sempre as protegendo do possível. Alessandra foi a filha mais próxima de Cecília e testemunhou os conflitos dela com o pai, que descontava suas raiva em agressões físicas constantes na esposa, acompanhadas pelo alcoolismo.

Em 2000, saindo de uma festa de terreiro, Cecília foi atropelada por um trem em Austin. Alessandra tinha 16 anos e testemunhou, com sua irmã mais velha já casada e com um filho presente, o trágico acontecimento. Foi o momento mais triste da família, com os filhos retirando o corpo ensanguentado da mãe, crianças ao redor, uma tragédia fatal.

O trauma fez com que uma casa que antes abrigava uma família se tornasse um ambiente infestado por homens, drogas e brigas. Alessandra viu seus irmãos se envolverem no mundo do crime, ambos serem presos e um deles morto dentro do presídio, enquanto seu pai frequentava bares, embriagado. Com medo, Alessandra pediu para ficar na casa de sua irmã.

Durante o luto, um amigo da mãe dela se achegou, Lael. Com pouco tempo de namoro, apenas três meses aconteceu o choque: uma gravidez indesejada na adolescência. A chegada foi um grande susto para a família; meus pais montaram um quartinho com cozinha em apenas dois meses.

Minha mãe já sabia que meu nome seria Bruna, pois o sonho de sua mãe era ter dado esse nome a um dos filhos, o que foi negado por seu marido. Alessandra prometeu à sua mãe que daria o nome desejado para seu primeiro filho. Lael, conhecendo o vínculo entre sua namorada e a mãe dela, não contestou o nome escolhido.

Em dezembro de 2001, cheguei ao mundo, uma menina que levaria o nome tão sonhado por sua avó. Bruna chega aos braços de um casal jovem; a mãe tinha acabado de completar 18 anos e o pai, 19. Não sabiam se o

relacionamento daria certo, mas prometeram amar, respeitar, cuidar e proteger um ao outro. Felizmente a relação foi bem sucedida e atualmente é um casal admirável, inspiração de relacionamento saudável.

Alessandra concluiu o ensino médio enquanto estava grávida, e depois fez um técnico em administração e contabilidade quando sua filha tinha cerca de oito anos. Lael deixou os estudos e ingressou no mercado de trabalho CLT, como operador de máquina.

Quanto a mim, Bruna, posso dizer que tive uma infância extremamente feliz, mimada por ser a primeira menina de ambas as famílias. Tive o privilégio de ter pais amorosos e protetores na medida certa. Considerava o máximo morar em um sítio com meus avós paternos, os olhos ingênuos da infância não me permitiam perceber as dificuldades enfrentadas por meus pais, fizeram um excelente trabalho quanto a preservar minha infância de forma digna.

Em 2006 conquistamos nossa casa própria, meus pais casaram no civil, ganhei meu tão sonhado quarto rosa e um cachorrinho que me acompanhou por longos anos. Me lembro da felicidade exalando em nosso tão sonhado lar. Ter nosso espaço para criar nossas próprias tradições e rotina fez toda diferença.

Estudei na escola municipal do nosso bairro, nunca dei grandes problemas aos meus pais, sempre fui dedicada, fiz bons amigos e tive a presença constante da família na escola. Hoje como estudante de Pedagogia percebo a importância da atenção à dedicação familiar desde o início da vida acadêmica.

Minha mãe sempre foi minha melhor amiga, buscando ter uma relação comigo semelhante à que tinha com sua mãe. Fez questão de me contar tudo sobre dona Cecília, mesmo eu nunca tendo o privilégio de conhecê-la pessoalmente, sinto uma conexão enorme. Preparar Nhoque em nossa casa é a maneira mais vívida que encontramos de comemorar tudo o que Cecília deixou (era sua comida favorita). Fui

presenteada com xícaras, pratos, camisolas e bordados da minha avó, objetos que carregam toda a energia que essa mulher exalou durante seu curto tempo de vida.

Dona Cecília escolheu meu nome sem saber se eu de fato existiria. Em homenagem a ela, minha futura filha também receberá esse nome, que em meu contexto é sinônimo de amor e gentileza.

Durante toda a minha escolarização, fui estudante da rede pública. "Inteligente, porém faladeira" era o que meus pais ouviam em todas as reuniões escolares. Como qualquer adolescente típico, dei um pouco mais de trabalho no ensino médio, perdendo o interesse facilmente, achando qualquer coisa mais interessante.

No terceiro ano do ensino médio, decidi fazer o Curso Normal, pois sempre gostei muito de crianças e pensei que ser professora poderia ser uma boa opção de carreira. Nesse ano, minha professora de biologia (ex-aluna da UERJ) fez uma visita à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o que marcou meu primeiro contato real com a UERJ. Naquele ano, prestei vestibular junto com meus colegas de classe, sem grandes expectativas de aprovação.

Para minha surpresa, consegui no curso de Pedagogia, no número de vagas reservadas para cotistas negros. Ficar em sétimo lugar foi algo inacreditável para mim, já que frequentar uma universidade pública era um sonho se tornando realidade. Com uma bolsa reservada, destinada aos cotistas, foi crucial para minha permanência na universidade, garantindo estabilidade financeira em meio à instabilidade econômica da minha família que atualmente é formada por pai pedreiro e mãe faxineira de forma autônoma.

A UERJ se tornou uma segunda casa para mim, assim como para muitos outros alunos que frequentam a universidade. Embora reconheça que a UERJ não seja perfeita e que existam muitos desafios ao longo de uma trajetória acadêmica, o corpo docente e discente é



espetacular. O acolhimento, cuidado e comprometimento com cada indivíduo presente na instituição me faz querer estar cada vez mais envolvida na vida universitária. Ter o privilégio de estudar sem a pressão de uma tripla jornada de trabalho me permitiu ter participação na iniciação científica, o que me fez perceber que não quero parar na graduação e me fez enxergar um futuro com mestrado e doutorado, algo que antes considerava impossível.

A decisão de cursar Pedagogia na UERJ foi motivada por minha paixão pela educação e por enxergar que dentro da realidade de famílias pobres periféricas a maneira mais eficaz de tornar sonhos possíveis é através da educação, o desejo de fazer a diferença na vida das pessoas como eu, o ensino motiva minhas pesquisas e futuras práticas pedagógicas. Durante os primeiros anos, enfrentei desafios típicos de qualquer estudante universitário, a minha jornada na UERJ está cada vez mais próxima de chegar ao fim nesta primeira etapa. Porém sei que meu vínculo com a instituição será eterno, espero que esta universidade acolha cada vez mais alunos que foram negligenciados pelo estado, que a UERJ se torne possível para a classe vulnerável e que as políticas públicas passem a atingir quem de fato precisa ser beneficiado.

Concluo que os desafios atravessados por meus ancestrais foi um dos geradores de desejo por conquistar espaços que anteriormente nos foi negado, em uma estrutura patriarcal, nutrida durante longos anos, o acolhimento feminino manteve a esperança de conquista viva dentro de cada uma de nós, saber a história, os percalços enfrentados por nós me faz memorar cada dia mais os espaços que anteriormente não era palpável para mulheres de nossa família. Trago comigo em primeiro plano meus sonhos e posteriormente os sonhos de mulheres que resistiram e olham por mim diariamente.

Educação e favela: desafios de uma estudante favelada de pedagogia na UERJ

Bruna Ferreira Vanzillotta

Dedico este trabalho à minha mãe que teve seus pés impossibilitados de correr, mas criou com muito esforço uma filha capaz de voar.

A todas as crianças faveladas cujos sonhos foram adiados pela falta de acesso à educação. A única diferença entre a minha jornada acadêmica e a delas foi uma oportunidade. Que este trabalho seja uma homenagem a essas vozes silenciadas, com a esperança de um futuro onde todos possam transformar vidas por meio da educação.

Meu nome é favela

Meu nome é favela

*É do povo do gueto a minha raiz, becos e vielas Eu
encanto e canto uma história feliz*

De humildade verdadeira

Gente simples de primeira

Arlindo Cruz

Trajatória e autodescoberta como educadora: caminhos que me trouxeram até a Pedagogia

Antes mesmo de escolher a Pedagogia, eu sabia que queria estudar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Recordo-me com clareza do dia em que conversando com a minha madrinha – ex-aluna de enfermagem UERJ e atualmente enfermeira no Pedro Ernesto (Hospital Universitário da UERJ) – sobre a carreira dos sonhos e procurando juntas qual universidade seguir para cursar moda e ser estilista, vimos que a UERJ estava no ranking das melhores universidades do Brasil. Desde aquele

momento, com meus oito anos, eu tive certeza da universidade em que eu iria ingressar.

A escolha de Pedagogia não decorreu de modo fácil ou em uma jornada linear na minha vida. Apesar da lembrança de brincar bastante de escola na infância, não me recordo do momento exato em que decidi ser professora, mas acredito que isso ocorreu por volta do 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental com as aulas de Geografia de um professor apaixonado em lecionar. Quando penso em Paulo Freire falando do professor enquanto animador é exatamente essa cena que aparece em meu cérebro. As aulas dinâmicas com debates reais, rodas de conversa e muitas aulas práticas me fizeram enxergar essa profissão com olhos de amor.

Aos 14 anos, por meio do programa Matrícula Fácil, fui direcionado(a) para o Instituto de Educação Carmela Dutra (IECD), também em Madureira. Essa instituição de formação de professores foi fundamental para o aprimoramento das minhas práticas docentes. Ao longo dos três anos de formação, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a educação como ato político e sobre a criança como sujeito histórico, social e parte integrante da sociedade. Mas isso não significava que eu gostaria de atuar como professora de Educação Infantil ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Com 16 anos, no segundo ano do Ensino Médio, um grupo de alunos foi selecionado para a Semana Paulo Freire que aconteceu em 2018 no 12º andar da UERJ. Eu fui uma dessas alunas e estava disposta a conhecer o andar de Pedagogia rapidamente para que eu pudesse em seguida desbravar os cursos de Geografia ou História, que naquele momento ainda eram as minhas escolhas.

Entretanto, dialogando com as alunas do curso de Pedagogia pude conhecer outros espaços de atuação da Pedagoga que perpassam a sala de aula, e enfim me apaixonar pelo curso. Naquele dia, trilhei meu futuro e decidi que em 2019 eu iria prestar vestibular para

Pedagogia na UERJ.

Em março de 2020, aos 17 anos, ingressei na UERJ, usufruindo da oportunidade de estudar em uma instituição pública de ensino superior. No entanto, na primeira semana de aula, a pandemia da COVID-19 se instalou no mundo, impactando drasticamente a realidade educacional e impondo o ensino remoto por tempo indeterminado.

Paralelamente à minha formação acadêmica, mantive um compromisso com a educação para favelados, lecionando em uma Escola Bíblica Dominical para crianças de 0 a 5 anos no Morro do São José, em Madureira. Essa experiência me proporcionou valiosas lições sobre a importância da educação na formação de cidadãos conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa e na Educação como arma de combate à criminalidade em espaços de vulnerabilidade social.

Em 2022 as aulas voltaram para modalidade presencial e só então passei a desfrutar da vida universitária, diversos professores foram fundamentais para minha formação enquanto professora, mas principalmente enquanto cidadã que compreende a Educação como um ato político e o educando como um sujeito histórico, social e cultural.

A minha entrada no PPP no período de 2022.2 se deu de modo atrasado de acordo com a grade curricular, anteriormente ingressado em outra turma não consegui me adaptar às metodologias do professor e optei por cancelar. Escolhi a Pesquisa e Prática Pedagógica em Ciências Sociais e Educação, atualmente redefinida pela Versão cinco como Escola Pública, Desigualdade e Diferença.

Ao longo dos dois anos de PPP, tivemos a presença de diversos convidados que vieram dialogar com nossas ideias e nos trazer inspiração para o processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. A professora Alexandra foi responsável por estabelecer conexões de conhecimento com espaços e pessoas que fogem do ideal cartesiano de pesquisador e que reforçam a ideia de que qualquer pessoa

é capaz de produzir ciência.

Projeto de extensão, educação favelada e escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso

Em abril de 2023 iniciei em um Projeto de Extensão chamado: Rede de Conhecimento Docente (RECONHECENDO - @uerjreconhecendo) com a professora orientadora Tatiana Fagundes. O “Reconhecendo” é um projeto que tem como objetivo publicizar a produção de conhecimento de professores que atuam na Educação Básica. A ideia principal é dar visibilidade para professores que atuam com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos nos Anos Iniciais e construir para todos a ideia de que o conhecimento não se restringe ao espaço da Universidade.

Juntamente com o Projeto de Extensão, nossas reuniões se tornaram um encontro semanal para estudar livros e artigos escritos por professores da Educação Básica ou outros pesquisadores que dialogam com as nossas vivências enquanto pedagogos de classes populares. Também apresentamos um capítulo de cada livro que lemos por meio de seminários que visam melhorar nossa oratória em público, organizar tópicos importantes em um texto com muitas páginas e apresentar como as nossas discussões têm contribuído para a nossa percepção crítica.

A Rede de Conhecimento Docente proporcionou experiências ímpares na minha formação acadêmica, em junho de 2023 participei do meu primeiro congresso como bolsista de um projeto de extensão e fomos para a UNICAMP apresentar o RECONHECENDO. Em abril de 2024 realizamos o I Colóquio da Rede de Conhecimento Docente e pudemos desfrutar de quatro dias de muito aprendizado para a nossa trajetória acadêmica.

Paralelo aos estudos realizados, aos trabalhos submetidos e ao projeto no *Instagram* iniciamos a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso com questões que intrigam a minha formação enquanto mulher favelada presente em um espaço

ainda hoje elitizado como é a Universidade. Juntamente com os outros alunos do projeto, passamos a refletir no tema que gostaríamos de abordar nesse trabalho importante concluir nosso curso em Pedagogia.

Após o período de amadurecimento de ideias e refinamento de temas que eu gostaria de abordar na construção da minha monografia, o título escolhido foi baseado na minha indagação acerca de como o Estado e a sociedade tem se mobilizado para que as crianças faveladas do estado do Rio de Janeiro se sintam pertencentes aos espaços escolarizados.

Essa indagação se deu após perceber que o índice de pretos e pardos que evadem a escola é superior se comparado ao mesmo número de crianças e adolescentes brancos. E levando em consideração o estado do Rio de Janeiro, que tem como maioria da população favelada pessoas negras e pardas, podemos concluir que favelados evadem mais das escolas.

Meu objetivo tem sido estudar por meio de materiais científicos produzidos por pessoas em diferentes espaços o porquê de esse fenômeno acontecer neste espaço marginalizado e opressor ao favelado.

A ideia do uso do termo “favelado” também se dá após perceber o uso dessa palavra apenas em conotações maléficas que tendem a caracterizar o sujeito favelado enquanto alguém perigoso, barulhento, esquisito e que deve ser isolado. O uso frequente desse termo no meu Trabalho de Conclusão de Curso se dá como aparato de resistência a quem cansou de ouvir o termo periférico no contexto da cidade do Rio de Janeiro onde morros e favelas estão presentes nos epicentros comerciais e nos bairros de luxo ocupados pela burguesia carioca.

Conclusão

Ao finalizar este Memorial, sou tomada por um turbilhão de emoções: a alegria da conquista, a nostalgia da jornada

percorrida e a imensa gratidão pelas experiências e aprendizados que me acompanham. Mais do que um mero requisito final do curso de Pedagogia, este trabalho se configurou como um mergulho profundo em minha trajetória, revisitando memórias, revisitando desafios e celebrando vitórias.

Ao longo da graduação, tive a oportunidade de me imergir em um universo de saberes pedagógicos, desde as bases teóricas até as práticas mais desafiadoras da sala de aula. Cada disciplina, cada professor, cada colega de turma contribuiu para a construção da minha identidade como pedagoga, me fornecendo ferramentas essenciais para atuar com ética, responsabilidade e compromisso com a transformação social.

Minha jornada me proporcionou a vivência de diferentes realidades educacionais, desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos. Cada contexto me proporcionou aprendizados únicos, reforçando a importância da escuta atenta, do diálogo constante e da valorização da diversidade. Aprendi que a educação não se resume à mera transmissão de conhecimentos, mas sim ao processo de construção de seres humanos críticos, autônomos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Diante dos desafios que se apresentam no cenário educacional atual, sinto-me confiante e preparada para contribuir para a construção de uma escola pública de qualidade, que seja um espaço acolhedor, inclusivo e promotor de desenvolvimento humano integral. Acredito que a educação é a chave para a transformação social, e me coloco em campo para lutar por uma educação que liberte, que empodere e que possibilite a todos a construção de um futuro promissor.

Tornando-se educadora: uma jornada de inspiração desde a infância até a universidade

Débora Marcelino Constantino

Meu nome é Débora, tenho 30 anos e sou aluna de pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vou compartilhar um pouco da minha jornada educacional, desde os primeiros passos na educação básica até a minha entrada na universidade, destacando momentos da minha infância que foram fundamentais para despertar meu interesse pela educação e influenciar na escolha do meu curso.

O Legado de Dona Jurema: Uma Jornada de Amor pela Educação Há exatamente 53 anos, no dia 05/06/71, uma mulher de origem africana, nascida em Itaperuna, com pais nascidos em Angola, deu à luz a minha mãe. Infelizmente, é comum em uma típica família brasileira que o pai da minha mãe, ironicamente português, não tenha assumido sua responsabilidade. No entanto, isso não foi um problema para Dona Jurema, que sempre lutou. Na infância, trabalhou na roça e se aposentou como arborista na cidade do Rio, sem imaginar que outro ser cruzaria seu caminho. Em 1993, minha mãe descobriu que estava grávida de mim, uma gravidez não planejada que comprometeu seu futuro. Minha avó disse que eu deveria ser entregue à minha família paterna, que por sinal estava de acordo. No entanto, quando Dona Jurema me viu, foi amor à primeira vista. Minha avó, já aposentada na época, comprometeu-se a cuidar de mim enquanto minha mãe trabalhava. Assim, minha infância foi imersa em sua cultura, como uma criança nascida e criada na baixada fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, tive uma infância lúdica e nostálgica, ou seja, uma típica criança dos anos 90. Graças a ela, minha capacidade de leitura e escrita é excelente,

porque Dona Jurema sempre me influenciou no mundo dos livros. Ela via a educação como a chave para superar qualquer problema ou dificuldade, transmitindo seu amor através dos livros e mostrando o valor da educação. Na minha infância, faltar à escola não era uma opção, exceto por estar doente ou realmente não ter aula. Essa valorização pela educação foi passada para mim, fazendo com que eu sempre desejasse ser professora, pois vejo isso não como uma profissão, mas como um ofício de ensinar, algo que vem de dentro, por amor, o mesmo amor que ela passou para mim.

Vejo minha educação infantil e o ensino fundamental I e II como algo tão prazeroso que sinto que não apreciei o suficiente. No entanto, Dona Jurema decidiu se tornar um anjo nessa mesma época, mas seus valores ficaram internalizados em mim. De acordo com a teoria do sociólogo Pierre Bourdieu, é na família que a criança adquire um acúmulo de capital cultural que serve como base para as habilidades e comportamentos necessários na educação formal, como a leitura, capacidade de concentração e disciplina. Minha avó não possuía um acúmulo de capital cultural de natureza econômica, pois sempre estudei em escolas da rede pública. No entanto, seu capital cultural foi transmitido para mim por meio de seus valores e dos livros doados e usados. Para ela, a educação sempre foi vista como algo que promove a mobilidade social em uma sociedade estratificada. Ela compreendia que era por meio da educação que eu teria meu valor na sociedade, enfatizando que viveram em uma época em que as mulheres não tinham voz, principalmente as de origem afrodescendentes como ela. O valor que ela tanto buscava era que eu tivesse essa voz e fosse quem eu quisesse ser, seja professora ou não. O importante era que eu ocupasse meu lugar de direito na sociedade. Assim como Dona Jurema, que só conseguiu concluir o ensino fundamental, sua justificativa sempre foi que não poderia conciliar os estudos com o trabalho, algo

muito comum na época, e percebo que este quadro não mudou. Para ela, estudar até o fundamental era apenas para saber ler, escrever e se virar na sociedade, como costumava dizer.

O ensino médio foi um período desafiador para mim, marcado por uma crise existencial intensa. Enquanto lidava com a incerteza em relação ao meu futuro, descobri que estava grávida. A falta de apoio e o acolhimento de Dona Jurema tornou tudo ainda mais difícil. Minha mãe, ocupada com o trabalho e com outras responsabilidades, também não pôde estar presente como eu gostaria. Mesmo assim, consegui concluir o ensino médio, mas o sonho de ingressar na universidade ficou adormecido por um tempo. Com o passar dos anos, minha filha cresceu e se tornou mais independente. Foi então que decidi retomar o sonho de cursar uma faculdade. Além disso, a vontade de ser um exemplo para ela e de mudar a trajetória da minha família materna me impulsionou. Lembro-me das palavras de Dona Jurema, imaginando como seria se eu fosse a primeira da família a conquistar um diploma universitário. A educação sempre foi valorizada pela minha família paterna, que me incentivou a buscar o conhecimento continuamente e a formação superior para eles era algo normal. Enquanto isso, o lado materno trazia uma realidade diferente. Sentia-me dividida entre dois mundos, mas sabia que era possível me adaptar e seguir em frente. Ingressar na universidade não seria apenas a realização de um sonho pessoal, mas também a oportunidade de transformar a história da minha família.

Resistência e superação: minha experiência na UERJ

Em meio à pandemia, eu estabeleci uma meta na minha vida: estudar para o vestibular e buscar um sonho. Em 2021, fui aprovada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) para cursar Pedagogia, um momento de alegria misturada com tristeza, pois minha avó não pôde estar presente para ver essa conquista. Encontrei conforto na

minha religião, acreditando que ela estaria comemorando comigo em algum lugar.

Antes mesmo de começar as aulas, já estava ansiosa, sem imaginar que seria apenas uma pequena peça em um grande oceano de conhecimento. Sentia-me excluída em alguns momentos, mas o acolhimento que recebi equilibrou essa sensação. Percebi que estava imersa em um jogo em constante movimento, onde minha presença era como uma poeira no cosmo. Enfrentei desafios na universidade, como a falta de apoio financeiro e atrasos nas bolsas prometidas desde o vestibular. Como cotista esse suporte era essencial para minha permanência na instituição. Alguns professores pareciam não compreender a vida dos alunos, focando apenas em suas disciplinas, mas outros me guiaram e me ajudaram a seguir em frente.

Os professores acadêmicos talvez não tenham noção de que são verdadeiros faróis neste vasto oceano desconhecido. O acolhimento deles faz toda diferença, pois sabemos que, no final, cada um de nós terá que caminhar sozinho. Deixo registrado aqui o meu profundo agradecimento aos professores que não apenas se preocuparam com a minha excelência na disciplina, mas também com o meu desenvolvimento integral.

No início do curso, tinha receios quanto à escolha da Pedagogia como minha trajetória de vida. Sentia que meu coração também pulsava pela Licenciatura em História. Descobri, no entanto, que a Pedagogia é um curso abrangente, que não só engloba a História, como outras disciplinas que me interessam, como a Filosofia. Além disso, o curso me apresentou à Psicologia, que antes era desconhecida para mim e agora se tornou minha paixão.

A UERJ, apesar de ser alvo de ataques e propostas de extinção ou privatização, resiste por mais de 70 anos. Mesmo com as dificuldades, ela nos protege de alguma forma. Não me arrependo de tê-la escolhido como minha casa e sinto orgulho dela. Agora, meu próximo passo é o

mestrado, e me pergunto se terei espaço nesse oceano de conhecimento ou precisarei adiar outro sonho. A educação continuada muitas vezes parece inacessível para nós alunos da casa, que desejamos tanto aprender e crescer dentro dela.

A luta pela educação libertadora é constante, especialmente em tempos de negacionismo e ataques políticos. A UERJ, assim como a Terra, continua sua jornada apesar dos obstáculos, e é nossa responsabilidade lutar ao seu lado. Pois, apesar de estarem em guerra contra ela, ela segue sendo GAIA, sofrendo ataques e poluição segue seu caminho e sua jornada, e não vai esperar por ninguém, a não ser que lutemos com ela ou por ela, para enfim seguimos nossos caminhos entrelaçados, e tudo bem se eu optar por outro caminho, mas ela segue em paz, porque por mim ela já concluiu seu propósito como Dona Jurema.

O ofício de ser Professora: uma paixão que permeia minha existência

A influência educacional que Dona Jurema introduziu em mim e se enraizou na UERJ, tornando o amor pelo ofício de ser professora algo que transcende meu ser. Quando pensamos em um professor, logo o imaginamos em seu habitat natural, onde cada objeto presente se torna parte íntima não só dele, mas também dos alunos. O quadro, a mesa, o lápis, entre outros, se unem em um só corpo. Por isso, quando uma criança conhece um professor, logo pergunta por que ele não está na escola. Lembro-me de uma situação em que uma aluna achou absurdo eu precisar ir para casa mais cedo, dizendo que a minha casa era ali, na escola, por ser professora. Expliquei que também tinha uma vida fora do contexto escolar, mas entendi o estranhamento dela, pois quando era criança sentia o mesmo, mas também sentia outro sentimento, o de angústia, porque as férias pareciam eternas e eu me confortava em ser a professora substituta das minhas bonecas. É reconfortante saber que

meus desejos não se perderam ao longo da minha jornada. Acredito no poder transformador de ser professora na vida de cada indivíduo, na sensibilidade de mudar destinos, somar, dividir e multiplicar conhecimento, experiências e transformações. Ser professora é ser condutora de sonhos, é ser lapidadora de diamantes, é honrar a pedagogia de vida de minha avó e da grande escola que é a minha universidade. Entendo que tenho o dever de propagar uma educação justa, inclusiva e igualitária, para que o acesso a ela seja um direito de todos e não um privilégio. Assim, continuarei acreditando no poder da educação para transformar vidas e construir um futuro mais justo e igualitário para todos.

Desafios e aprendizados: minha jornada de vida e educação

Debora Ribeiro dos Santos

Meu nome é Debora, nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro. Venho de uma família de origem humilde, todos trabalhadores. Já passei muita dificuldade durante a minha infância e adolescência e, no auge dos 24 anos, ainda me é recorrente. Tive poucas condições financeiras e oportunidades de estudo. Não venho de uma família letrada. Minha mãe e meu pai não tiveram o privilégio de frequentar a escola quando crianças, pois a realidade de ambos não lhes permitiu sequer serem alfabetizados. Meu pai nasceu no estado de Pernambuco, mas foi criado no Ceará e, desde muito novo, teve que abrir mão de estudar para pegar na enxada. Aos 18 anos, mudou-se para São Paulo e, anos depois, para o Rio de Janeiro, onde conheceu a mulher que me daria à luz.

Minha mãe também teve uma vida dura. Abdicou dos estudos para trabalhar na feira descascando repolhos, ajudando minha avó em sua quitanda. Passou muita fome. O pouco tempo em que estive na escola foi devido à alimentação. Lembro-me de ter perguntado como foi para ela a escola quando criança e, sendo bem direta em sua resposta, disse a mim que frequentava a escola apenas para almoçar água de batata, e que mais tarde abandonou a escola por ser muito distante de casa. A estrada pela qual ela seguia até a escola era apenas de barro, e ela não tinha calçados novos, apenas um calçado velho costurado aos farrapos pela minha avó. Essa foi a infância de meus pais – se é que podemos chamar de infância.

E os anos se passaram, e meus pais se conheceram. Quando se conheceram, minha mãe já tinha dois filhos, Douglas e Diogo, meus dois irmãos mais velhos. Em 1994, nasceu meu irmão Daniel, depois o Denis, em 1996. Eu nasci

no dia 16 de março de 2000, coincidentemente no mesmo dia e mês de nascimento do meu irmão Daniel. Dentre os filhos de minha mãe, eu fui a primeira filha a nascer. Em 2003, meu irmão Danilo veio ao mundo e, por último, a nossa irmã caçula, Dayana, em 2006. Ao todo, minha mãe teve sete filhos.

Infância silenciosa: um lar de desafios

Mas antes de falar sobre a minha infância, é importante entender o contexto familiar em que cresci. Meu pai e minha mãe viviam em pé de guerra, ambos enfrentando problemas com a bebida. Meu pai nunca esteve presente e nunca participou da criação dos filhos. Minha mãe teve que nos criar sozinha, um total de sete filhos. Com a renda insuficiente, meus dois irmãos mais velhos, assim como minha mãe, desistiram dos estudos com pouca idade. Aos dez anos, o mais velho começou a trabalhar na feira, ganhando muito pouco e sendo bastante explorado devido à sua idade. Alguns anos depois, meu segundo irmão mais velho também decidiu ir trabalhar na feira. Toda a quantia que eles recebiam era entregue à nossa mãe. Por muitos anos, meus irmãos mais velhos trabalharam para contribuir com a renda da casa.

E eu? Bom, durante a minha infância, por volta dos seis anos, tive que encarar a dura e "invisível" realidade imposta às mulheres. Era apenas uma menina, criança, mas, por ser a primeira filha mulher, a tarefa de cuidar dos irmãos mais novos, assim como da casa, era exclusivamente minha.

Criada para ser do lar, eu não tive a liberdade de sair para brincar na rua com outras crianças; era trancada dentro de casa. Não podia perguntar o porquê das coisas, expressar meus pensamentos, sentimentos e desejos. Sempre tive que permanecer calada. Atrevo-me a dizer que devido a uma educação de silenciamento, a criança de espírito livre, imaginativa, cheia de vida e rica por natureza deixava de ser a mesma quando estava em casa.

Lições e afeto: a influência de Martha e Renata

Já na escola, eu sentia a liberdade de ser criança e de agir como tal. Acolhida todas as manhãs pela Tia Martha. Minha primeira professora, ainda na educação infantil, Martha era um sonho, a personificação da mãe que qualquer criança gostaria de ser filho. Sempre me recebia com um lindo sorriso e, com beijos e abraços, acolhia a mim e as outras crianças com carinho.

Na escola eu me sentia feliz apenas por poder me expressar, brincar, fazer arte. Sem dúvida, a infância importa na vida de uma criança. As experiências vividas que são construídas a partir do convívio com nossos pares e da livre expressão de nossos sentimentos, desejos num espaço acolhedor, creio que influencia cada um de nós de uma forma única. Logo, subjetivamente, cada indivíduo aos poucos constrói sua própria personalidade, própria visão, forma de enxergar e compreender a realidade.

Acredito na importância da afetividade, interação e mediação na educação, principalmente na educação infantil. Tia Martha pode não saber, mas ela foi a primeira professora que me inspirou a ser professora.

Outra professora que guardo em meu baú de lembranças e que também me foi uma inspiração e exemplo é a tia Renata. Quando estava no 3º ano do Ensino Fundamental, tia Renata trabalhou a escrita de redação com a turma. O tema da redação era “O que eu quero ser quando crescer”. Eu fiz minha redação sobre querer ser professora, e lembro como se fosse ontem. Ao final da minha redação, escrevi a seguinte frase: “Por isso que quando eu crescer quero ser professora, porque gosto e admiro muito essa profissão.” Tia Renata ao ler minha redação, não se conteve de alegria. Para ela, não importaram os erros na ortografia, mas sim a mensagem. E com genuinidade, tia Renata me ensinou que um bom professor é aquele que reconhece e busca extrair o talento e a potencialidade de seus alunos, mesmo que erros sejam cometidos. Não é uma vírgula fora do lugar ou uma

palavra escrita errada que importa. O que vale é a mensagem e o afeto nas palavras.

Guardo em minha memória a importância dessas professoras e mulheres que me inspiram até hoje.

No curso normal

Decidida a me tornar professora, no ensino médio me matriculei numa escola normalista aos 17 anos. Numa escola situada no Bairro Jardim Botânico, pude conhecer alguns dos pensadores mais relevantes para a educação, e que mais tarde seriam uma referência para mim enquanto futura professora.

Na escola normalista, encontrei a paixão pelo ensino e a dedicação necessária para enfrentar os desafios da educação através de conselhos que recebi de alguns professores, que com muita frequência abordavam em suas aulas a importância de cursar o ensino superior. E que é claro, me incentivou.

Em tempo integral, estudei sobre diversos pensadores no campo da educação, psicologia, história, filosofia e sociologia. Mas estudar figuras como Paulo Freire, Maria Montessori, Lev Vygotsky e outros grandes educadores, abriu a minha mente para novas possibilidades pedagógicas.

Durante o curso, especificamente no 2º ano, dei início a disciplina mais temida, o estágio obrigatório. E por mais aterrorizante que tenha sido o começo, foi no estágio em Educação Infantil que senti estar trilhando o caminho certo. Não é fácil explicar com palavras a sensação. Eu apenas pude sentir e saber: esse é o lugar onde quero estar e permanecer.

Após me formar no ensino médio, optei por não prestar vestibular imediatamente e ingressar no ensino superior devido à situação financeira da família. Vi-me na necessidade de trabalhar e contribuir com o sustento da casa. De 2019 a 2021, atuei como professora de educação infantil, lecionando para turmas de maternal 1 e 2. Em outro

período, trabalhei como auxiliar de turma em outra escola de educação infantil. No entanto, com a chegada da pandemia, diversas escolas pequenas, incluindo aquelas onde trabalhei, fecharam suas portas, resultando em meu desemprego.

Primeiros passos rumo à vida acadêmica

Toda situação adversa da pós-pandemia tornou-se um ponto de virada positivo na minha vida. Foi o momento em que decidi prestar o vestibular da UERJ e ingressar no ensino superior e dar continuidade aos estudos e plano de carreira como professora.

Sem renda para custear o valor das provas, a única solução para prestar o vestibular foi solicitar o direito à cota. Consegui organizar e encaminhar todos os documentos e declarações comprobatórios de renda insuficiente. Fiquei feliz ao ver o resultado como deferido. E bom, uma etapa a menos para ingressar na UERJ. E Sim, eu consegui ingressar na UERJ. E confesso que me saí melhor do que imaginei.

Permanência estudantil

Minha jornada acadêmica na universidade foi marcada por muitos desafios, mas também por inúmeras oportunidades que me permitiram continuar meus estudos. Um dos pilares fundamentais que sustentaram minha permanência na UERJ foi a política de cotas e os diversos programas de assistência estudantil. Sem a bolsa permanência, que recebi graças a essas políticas inclusivas, não seria possível estar na universidade hoje. A bolsa não só me proporcionou o apoio financeiro necessário para custear minhas despesas básicas, mas também me deu a tranquilidade emocional para focar nos estudos, sabendo que tinha esse suporte.

No período letivo de 2021.1, vivenciamos uma situação avassaladora com a pandemia de COVID-19, que forçou todos os estudantes, inclusive eu, a nos adaptarmos ao

ensino remoto. Esse período foi particularmente desafiador, pois muitos de nós não tínhamos acesso adequado à internet ou a dispositivos tecnológicos necessários para acompanhar as aulas online. A UERJ, incluindo todas as pessoas que lutam por políticas de acesso e permanência, com plena consciência dessa realidade, implementou um programa de auxílio que disponibilizou *tablets* e *chips* com internet para os estudantes. Fui uma das contempladas com esse auxílio, o que fez uma enorme diferença na minha capacidade de continuar meus estudos durante esse período crítico.

Além disso, o auxílio material didático e o auxílio alimentação foram fundamentais para garantir minha permanência na universidade. O auxílio material didático me permitiu adquirir os livros e outros recursos necessários para acompanhar as disciplinas, enquanto o auxílio alimentação garantiu que eu pudesse me concentrar nos estudos sem me preocupar com as necessidades básicas diárias. Esses programas de assistência estudantil foram um verdadeiro alicerce para mim, proporcionando as condições necessárias para que eu pudesse aproveitar a jornada universitária.

Minha trajetória: saberes necessários

Quanto a minha jornada acadêmica, pude conhecer e fazer muitas descobertas. Passei por muitas disciplinas que trouxeram conhecimentos e saberes imprescindíveis para minha formação como um todo. E bom, dentre as disciplinas cursadas, Avaliação na Educação, Políticas Públicas e, principalmente Currículo, foram as disciplinas que mais me identifiquei. Além dessas disciplinas, Diversidade Cultural e Movimentos Sociais também me despertaram interesse. Porém sinto maior aproximação com disciplinas da área administrativa.

Acredito ser essencial refletir e aprofundar meus estudos sobre política e currículo. Inclusive meu Trabalho de Conclusão de Curso irá abordar questões de currículo e

movimentos sociais.

E ingressar na disciplina de Pesquisa Prática Pedagógica IV de Movimentos Sociais foi a melhor decisão já tomada. Tem sido incrível a experiência. No decorrer das aulas tive a oportunidade de estudar e entender a escrita acadêmica em seus diversos gêneros. Estou me esforçando para escrever meu TCC, mas admito, estou confiante de que irei conseguir. A cada aula sobre produção textual na universidade, o que antes parecia um bicho de sete cabeças, agora já não é tão aterrorizante.

Estou bem animada. E nunca pensei que ficaria tão tranquila com algo que a um semestre atrás me preocupava. Posso dizer que, de certo modo, estou segura para iniciar meu TCC e dar mais um passo importante na minha pretendida carreira.

As histórias que me trouxeram até aqui

Érica da Silva Oliveira

No primeiro momento é difícil escrever um memorial, lembrar de uma parte considerável da nossa própria trajetória, não difícil pelo menos para mim sobre o passado, mas, realmente em lembrar do máximo de fatos e com seus detalhes, confesso que minha memória não está muito boa, nunca foi ou eu acho que era melhor sempre fazer que não estava, mas depois da Covid ficou pior. Vamos tentar pelo começo de tudo.

Nasci no dia 06 de agosto de 1991, amo esse dia e por mim seria feriado, gosto de fazer aniversário, acredito que a vida é uma dádiva e viver é o melhor que temos, tantas pessoas gostariam de chegar até a minha idade e foram impedidas, então sempre celebro. Sempre fui um pouquinho comilona e arteira, minha mãe fala que sou a mais inteligente dos meus irmãos, sou a caçula com uma diferença de doze anos para minha irmã do meio e dezesseis para meu irmão mais velho, eles juntamente com minha mãe ajudaram a me criar sou muito grata pela família que tenho. Por ser bem esperta e gulosa sempre comia escondido ou fingia que estava dormindo para não precisar andar da estação de trem até em casa, quando voltávamos da casa das minhas tias. Numa dessas de abrir os olhos para saber se já estava chegando, minha mãe viu e brigou comigo e me fez andar, para minha sorte já estava perto, foi provavelmente no mesmo ano ou no seguinte em que fiquei sem meu aniversário, o único que não tenho fotos de recordação. Sempre comia biscoitos, balas e outros doces que minha mãe comprava no trem de volta para casa, ela sempre trazia alguma coisa, algumas para comer depois do jantar outras para comer na hora, eu amava aquele momento de olhar na bolsa ou nas sacolas de mercado, não me lembro de fazermos compras do mês era sempre por semana, nessas

compras da semana sempre tinham as besteiras que eu amo, biscoitos, pois bem minha mãe estava reparando que os pacotes de biscoitos sumiam, sim, sumiam porque não tinham rastros, comia tudo e não jogava o pacote no lixo de casa, jogava algumas vezes no quintal ou escondia mesmo, depois de um certo tempo minha mãe chateada falou que iria me pegar se outro pacote sumisse, eu não levei fé, continuei com minha arte e negando até o fim que havia comido alguma coisa, tínhamos uma cachorra a Pretinha, nossa, ela que me entregou, não sei o que deu naquela cachorra que ela resolveu cavar buracos e foi assim que minha mãe descobriu como escondia os pacotes que sumiam, além de apanhar pouco, minha mãe nunca foi de bater (falava que apanhou muito quando criança então preferia conversar a precisar bater e quando fazia isso, sentia-se mal) então foi de leve fiquei sem uma festa de aniversário, ai que tristeza, não poderia existir castigo pior, poderia ficar sem TV, sem os doces, mas sem festa de aniversário foi o pior castigo de todos, não poderia existir outro. Antes disso tudo ela conversou e eu não levei a sério a promessa do aniversário, achei que esqueceria ou não faria tal maldade, pois fez, não tive festa de seis anos apenas um bolinho para não passar em branco, foi como uma surpresa pensei que não teria nada, mas seria impossível não comemorar o nascimento da sua filha caçula ou temporão, mais inteligente, esperta, linda e criativa, que por mais que fosse levada, também de igual forma carinhosa.

O tempo foi passando, entrei na escola, amava minha primeira escola, não sei se gostava do nome Creche Escola Ursinhos Carinhosos, das colegas ou de dançar Chiquititas no final das aulas, sei que tenho um carinho especial, era uma escola particular que fiquei por um ano, quando minha mãe foi me matricular na pública não tinha a idade correta para entrar no antigo CA. Na creche, por ser particular sempre tinha alguma coisa para comprar, uma delas foi um



super kit de canetinhas, lápis e outros, eram caros e minha mãe não tinha dinheiro para comprar e achava bobagem, pois era, mas eu queria mesmo sabendo que não me serviria para nada, uma das coisas que teve e minha mãe fez questão foi do ensaio fotográfico, o mais barato dava direito a uma foto com porta retrato, e outra coisa que não me lembro, fiquei feliz pela foto e voltei para casa como sempre falando e pulando, num desses pulos em vez de aterrissar no chão foi no pé da minha mãe, até hoje nos lembramos desse dia ela fala que meu pé parecia chumbo e a foto está na estante da sala. Lembro-me de alguns colegas que depois acabamos estudando juntas na escola Municipal Marechal Floriano Peixoto em Duque de Caxias, lá as escolas funcionavam em três turnos de 7h – 11h, 11h 15h e de 15h – 19h, estudei nos três e com certeza o melhor era o primeiro os outros dois eram ruins, um por ser a hora do sol máximo, ir e voltar era difícil e o outro por sair tarde, sempre liberavam uns trinta minutos antes, minha mãe ou irmã sempre me buscavam, era perigoso uma criança ir sozinha nesse horário, lembro que a primeira vez que minha mãe e minha irmã vieram me buscar, fiquei rindo da minha mãe porque acharam que ela era minha avó e minha irmã minha mãe. A primeira professora nessa escola, Professora Regina, fiquei com ela por dois anos e depois com sua irmã Rosilene, a professora Rô na quarta série, não me lembro de como ou quando fui alfabetizada, acho que não foi traumatizante, gostava da professora Regina e lembro que na segunda série com a professora Rosângela já lia e escrevia muito bem, ela até me elogiou quando pediu para fazermos um trabalho sobre indígenas, criei uma história, ela estava muito boa, a professora até perguntou se eu havia copiado de algum livro, olha a audácia dela, achar que copiei, jamais faria isso, não tinha essa maldade, a história era boa porque sou criativa e com a imaginação fértil, de audácia e coragem ela entendia e também não como alguns poderiam ser muito espertos, sempre nos chamava de burros, contei para minha

mãe, ela foi à escola falar, não foi sozinha, outras mães também estavam, teve uma reunião, depois da reunião ela nos disse que confundimos, que não chamou ninguém de burro, disse apenas que ela tinha orelhas grandes como as de burro e por isso andava com o cabelo escovado escondendo as orelhas dela e que seria incapaz de falar isso da gente “aham, sei”. Claro que essa não foi a única violência que sofri nessa escola, mas, os momentos bons foram maiores que os ruins e olha que de ruim tive um em específico que me marcou, a professora, não me lembro qual, inventou de fazer uma peça, era sobre a libertação dos escravizados, pegou todos os pretos da sala e nos fez ensaiar e apresentar no palco numa festa que acho que foi a da primavera, pois depois dançamos uma outra música que eu amava ensaiar, era uma artista! (Imitava as Marias do Bairro, Mercedes, do Mar, na hora do banho, cantava horrores sempre pensei em ser rica e famosa) Apresentamos a peça, não queria muito, não achava legal me fingir de sofrida, que trabalhava muito na plantação, levava açoites, com roupas, velhas, sujas e rasgadas, para no final vir uma princesa assinar um papel e eu ter que comemorar a libertação, não falei da peça para minha mãe, e quando ela viu, óbvio que ficou furiosa e falou que se soubesse que era para isso não tinha me deixado participar, ela queria ir embora, pedi e supliquei para ficar que apresentaria a dança, ficamos, como dançava direitinho fiquei na frente mesmo a professora que nos ensaiava não quisesse muito, estava com um conjuntinho jeans e dancei a Dança dos bichos toda linda. Sempre fui boa aluna na escola, a única reclamação que todas as professoras de todos os anos faziam era que eu falava demais, o tempo todo na sala, nada que me atrapalhasse, tinha uma amiga muito querida, estudamos juntas três anos seguidos, ela se mudou e não tivemos mais contato, sentávamos juntas e conversávamos quase a aula toda, como tínhamos assunto. Nessa escola me lembro dos passeios, perdi um para o museu em Petrópolis,

faltei no dia anterior, não gostava muito de ir para a escola e perdi esse passeio, mas teve outro, foi a minha primeira vez no Pão de açúcar, como gostei, foi um passeio incrível, lá de cima vimos uma baleia na água, passeamos pela floresta, descemos, subimos e comemos um sanduíche de mortadela e bebemos guaraná sem repetição porque eu e meus colegas resolvemos não sentar e dar tchau para o Bondinho que estava subindo, perdemos a primeira rodada e quase ficamos sem lanche, comemos, rimos e brincamos, que dia divertido, que dia importante.

Quando saí, fui para uma escola Estadual, na minha época era comum sair da Escola Municipal e ir para a estadual fazer da quinta série pra frente em Caxias, pelo menos no meu bairro, teria muitos professores, mais responsabilidades, de dar conta das matérias, a escola ficava perto de casa ia e voltava sozinha, não chegava a dez minutos andando devagar, muitas das minhas amigas da outra escola foram pra lá, não me senti tão deslocada, apesar de ser estranho, fiquei um ano, nos mudamos, a casa que estavam construindo no terreno da minha avó “dava para entrar”, aí foi tudo novo, por mais que sempre fosse para lá nas festas de fim de ano, dia das mães e muitas outras comemorações, mudar para um lugar que nós chamávamos de roça era estranho, fomos morar no Bairro de Campo Grande, Zona oeste do Rio de Janeiro, lugar que moro até hoje, não que não queira sair, mas, aconteceu de ainda morar, não me tornei a cantora famosa e rica que sonhava. Estudava numa escola perto de casa, mais perto que a estadual, em prováveis cinco minutos estaria na escola, uma escola grande, com três andares, só de fundamental 2, as turmas de 5° e 6° série ficavam no segundo andar, as de 7° e 8° no terceiro, justo na minha vez de subir, mudaram isso e continuei estudando no segundo andar até concluir, era uma escola de referência para a região que parte do muro havia caído e ficado pelo menos um ano com aquela “entrada”, tinha muitas brigas, salas

cheias, mas tudo deu certo, estou aqui, aproveitei bastante, sem querer “matava” aula conversando com as amigas no pátio, pulei o muro da escola depois que consertaram (quase me machuquei fazendo isso), o que rendeu boas risadas para meu grupo, achávamos que seria fácil, sempre tinha gente pulando, não poderia ser difícil, realmente sair foi mais fácil que entrar, sempre sentava na frente o que não impedia em nada o meu costume de falar, conversar o tempo todo na sala de aula, sempre fui boa aluna nos estudos mas amo uma conversinha. Quando estava para terminar pensei o que será que eu vou fazer no ensino médio? Pensando nisso tinha algumas opções de escolas que eles sempre oferecem para os alunos e aí dentro dessas opções tinha uma escola normal, sempre falavam da escola das normalistas bem ou/e mal, é escola de formação de professores, nunca foi um sonho ser professora, mas naquele momento pensei se é para fazer o ensino médio pelo menos que eu saia com uma profissão, o que não conseguiria com o ensino médio regular e foi assim que comecei minha jornada de professora quando acabei o fundamental.

O ensino médio chegou, tive que aprender a pegar ônibus, uns quinze minutos aproximadamente, toda segunda blusa de manga comprida, cantar o hino, saia abaixo do joelho, com as abotoaduras, gravata e o broche que representava seu ano, minha mãe comprou todo o uniforme, depois de anos fui entender que também era um sonho dela se realizando, passei quatro anos, aprendi muito, criei amizades que duram até hoje, não entendia porque minha professora falava que não queria casar, que estudou para dar aula no bairro dela, que quando ela era aluna os professores sempre falavam que não queriam dar aula naquele lugar, quando se é adolescente/jovem pensamos que sabemos, entendemos e podemos tudo, hoje adulta entendo muito do que minhas professoras falavam naquela época, não tenho o que reclamar tive professores incríveis,

que aprendi muito e levo no coração, dos ruins, confesso que não me lembro e se quer faço questão, prefiro guardar as boas memórias. Quando me formei no normal tinha um plano, descansar, fazer o pré-vestibular e passar para uma universidade, não foi bem assim que aconteceu, é a vida.

Passei a primeira vez para a faculdade quatro anos depois de me formar no ensino médio, tinha saído de uma escola como auxiliar de turma, estava fazendo curso de técnico em Administração pelo Senac no PSG, que é um programa de gratuidade para os alunos de baixa renda, e fazendo curso de libras que uma colega do trabalho indicou. Quando li meu nome como classificada não acreditei, muita emoção, logo depois de ter passado para UFRJ para o curso de Letras/Libras, também passei para pedagogia na UERJ, sim eram dois cursos que eu queria o melhor curso de pedagogia no Rio de Janeiro, fiquei com muita dúvida sobre o que fazer, queria os dois cursos, mas não podia, escolhi fazer a primeira turma de Letras/Libras da UFRJ, pense será bom aprendo libras e ainda sair com um diploma da graduação, ledo engano. Quando cheguei à UFRJ foi um sonho aquele prédio, as turmas, as pessoas, me inscrever nas disciplinas, já no primeiro período percebi minha dificuldade, a turma era mista metade surdos metade ouvintes aproximadamente quarenta ingressantes, desses ouvintes quase todos eram intérpretes de Libras há pelo menos dez anos, só eu e mais uma querida que estávamos começando o cursinho básico de libras no INES, nos tornamos amigas, as duas que sabiam pouco, quase nada, negras e que moravam em bairros vizinhos na zona oeste do Rio, Bangu e Campo Grande, pegando o mesmo ônibus e que conhecíamos os perrengues da vida de pobretonas, tinham outras pessoas que moravam longe também, com dificuldades mil, mas nós duas tínhamos outras coisas mais que nos ligavam. Sair de casa para a faculdade era difícil, sair do trabalho se tornou quase impossível, comecei a trabalhar em Itaguaí com contrato de professora generalista, eu amava a ideia de poder estar em

sala de aula como professora, não auxiliar, regente de turma, aprendi muito, felizmente conheci muitas pessoas que me ajudaram muito nesse começo, por ser contratada recebia o mesmo salário, mas não tínhamos os benefícios dos concursados como direito a 1/3 extraclasse, curso de formação, passagem entre outros, trabalhava à tarde, sair de Itaguaí às 17h para chegar às 18h no fundão, era quase impossível, isso me desanimou um pouco, pedi para mudar de horário e trabalhar de manhã, como estava com falta de uma professora que foi para a sala de leitura, ela aceitou, mudar para manhã foi muito, não durou muito, teve remanejamentos na prefeitura e todos os professores concursados deveriam estar em sala de aula, saí dessa escola e fui trabalhar numa creche, à tarde de novo, saía mais cedo às 16h, mas era mais longe, com maiores dificuldades de locomoção e transporte, com isso já estava no quarto período de Letras Libras aos trancos e barrancos, desanimada pelo pouco conhecimento de Libras, trabalhava e tinha pouco tempo de estudar. Passei no concurso em 2016 para a prefeitura do Rio, que alegria, não era mais contratada agora sou concursada, entrando na prefeitura percebi que não conseguiria continuar com Letras na UFRJ, resolvi mudar de curso, pedagogia foi a escolha, já que agora seria professora realmente, pois havia passado no concurso e não pretendia deixar a profissão, tentei e não consegui mudar então resolvi deixar a faculdade naquele momento. Fiquei só trabalhando, em 2018 voltei, para a faculdade, estava fazendo pedagogia no ISERJ, fiquei apenas dois períodos e tranquei novamente achava o pessoal de pedagogia muito chato, aliás, continuo achando. Comecei a me cobrar para ter curso superior, sempre foi meu sonho, não poderia ter ou dar mais desculpas, como uma professora não tinha uma graduação? Em 2019 fiz o vestibular da UERJ, escolhi pedagogia, uma amiga falava que era pra eu escolher outro curso, mas sempre quis pedagogia na UERJ então era isso que iria fazer, em 2020.2 fui

selecionada na pandemia, foi um misto de alegria e medo, não consegui fazer as disciplinas *online* era muita coisa para administrar mentalmente, tinha todos os recursos metodológicos, mas a concentração e disposição mental para isso estava faltando, quando voltou presencialmente com poucas disciplinas, comecei devagar, “aproveitando” os períodos curtos e com poucas disciplinas. Na UERJ, aprendo muito, com os professores, observando os alunos, confesso que sou bem objetiva aqui, venho, faço as disciplinas e vou embora, não sou envolvida em projetos de pesquisa, mesmo querendo participar de algum, mas sou bem específica no meu interesse, no meu TCC pretendo falar da EREER – Educação para as Relações Étnico Raciais é o que me afeta e que me move, não sabia qual seria o tema até que no ano passado me encontrei no curso de Histórias de Inspiração Griot, amo e a partir do curso e das vivências em sala, com a construção de uma professora que está sempre buscando conhecer e saber mais sobre, tenho pelo menos o título dele, a cada ano tenho aprendido mais, estar em sala e buscar esses conhecimentos tem acrescentado muito, não só na vida profissional e acadêmica, principalmente na pessoal, acho que isso é a melhor parte, porque enquanto busco esses conhecimentos para minha vida, tenho a oportunidade de fazer um trabalho melhor em sala. Voltamos ao normal e estou aqui, praticamente sexto período, a previsão de término é 2025, não sei se vou concluir exatamente nesse ano, quando terminar a Graduação, pretendo fazer mestrado e doutorado, sei todos os passos que quero seguir, como fazer e o que me enche de satisfação em aprender, conhecer e pesquisar, não vou mais parar, tenho uma longa caminhada pela frente, não dá mais para ficar adiando os sonhos eles precisam se tornar realidade.

A estrela nunca se apaga

Fernanda Martins Botelho de Lacerda

Meu nome é Fernanda Martins, tenho 22 anos e vou contar um pouco sobre minha experiência na vida acadêmica.

Posso dizer que minha infância foi ótima até meus oito anos, quando eu ainda morava com minha mãe, brincava na rua, andava de bicicleta, pique esconde, subia e descia de patins na rua de ladeira onde morava, todos os dias eu brincava com minha melhor amiga Emilly. Mas o que mais eu adorava era brincar de boneca, fazia elas de filhas e eu mesma era mãe das minhas alunas, colocava todas minhas bonecas enfileiradas e brincava de ser professora, meus avós me deram um quadro branco e muitas canetas coloridas para rabiscar, que eram uma felicidade só, ensinava o conteúdo que eu aprendia na escola para elas, e mesmo anos depois que minha mãe faleceu e fui morar com meus avós ainda levei o quadro e até hoje gosto muito de ensinar com o uso de quadros e sou apaixonada por ensinar tudo aquilo que eu sei, não importa para qual idade seja.

Minha educação desde o início sempre foi super investida pelos meus avós maternos, meu pai nunca acreditou que escola daria futuro, até porque ele não tinha estudo nenhum, nem sei se conseguiu terminar a escola, ninguém da família dele tinha uma formação básica, para ele eu estando em uma escola pública de bairro já estaria de bom tamanho, da mesma forma que meus avós investiram na minha educação desde bem pequena, era óbvio que na educação dos filhos deles também teriam investido, minha mãe terminou a escola, mas não quis uma faculdade por escolha dela, preferiu começar a trabalhar e construir sua vida, tudo bem que na época o acesso a informações desse tipo era bem mais restrito e não era todo mundo que sabia como fazia para chegar em uma sala de aula de uma



faculdade.

Quando eu ainda morava com meus pais, nunca tive aquele incentivo à leitura, claro que eu aprendi a ler e a escrever muito cedo por causa da escola de qualidade na qual meus avós pagaram, fora a Explicadora que desde que eu me entenda como gente sempre frequentei e isso foi presente na minha vida até o 1º ano do ensino médio, mas a leitura dentro de casa nunca foi presente, lembro uma fase da minha vida que meu tio Lula trabalhava na aviação da Varig e na época havia gibis e eram da minha mãe na infância e passaram para mim durante um período da minha infância e meu avô sempre gostou de ler, a leitura é presente até hoje na vida dele, já com 75 anos e na minha infância ele completou minha coleção de gibis com a turma da Mônica, que eram meus xodós e foi por muitos anos e acabou se criando um apoio emocional, até que na minha mudança quando minha mãe faleceu e fui morar com meus avós, minha tia deu tudo para doação, por não saber do que se tratava, para ela também era apenas um pilha com mais de 200 papéis inúteis, coleções inéditas, raras que nunca mais serão vistas, foram perdidas e acho que essa é minha maior dor que eu sinto em perder um objeto em minha vida, até porque era uma recordação que eu teria da minha mãe que pertenceu a ela por anos também.

Assim foi, com oito anos perdi minha mãe e fui morar com meus avós maternos, até porque os paternos eram meio da vida errada e minha avó materna nunca deixaria eu ser criada por eles e ter uma vida que não seria digna. Quando fui morar com eles mudei de escola, porém continuei em uma particular, era melhor do que a escola de bairro que passei minha infância e com oitos anos comecei o 4º e 5º na mesma escola, cantávamos o hino e os alunos destaque sempre segurava a bandeira e eu no meu 5º ano consegui a posição, eu era um ano adiantada porque pulei algum ano inicial que não me lembro, por já saber ler e escrever.

Quando passei para o ensino fundamental mudei de

escola novamente, porque a escola anterior só tinha o primário, fiz meu 5º ano até o 9º na mesma escola, mas esse período nunca houve incentivo da escola e muito menos dentro de casa para a leitura, o máximo eram os livros paradidáticos para realizar provas do bimestre, minha avó achava e acha até hoje que livro só ocupa espaço e acumula poeira, então sempre deixou bem claro que não gastaria dinheiro com livros, se conseguimos ler pelo celular para que ter o físico.

Meu avô sempre gostou muito de ler, sempre em bancas de jornal lendo os jornais expostos na frente da banca, mas nunca levava para casa, chegou uma época que ele dele sempre chegava com um livro novo em casa que tinha comprado em algum brechó perto do trabalho e ele ia lendo todos os dias no metrô na volta para casa e de manhã cedinho para o trabalho, nunca livros comprados em lojas, porque minha avó reclamava dos livros ocuparem espaço e acumular poeira, então sempre doava para alguém ou trocava por outro no mesmo brechó onde o moço já o conhecia de tantos anos, até que chegou a época dos *kindles*, e lá foi ele todo feliz, toda semana baixava um livro novo no *kindle* para ir lendo, dizia que a hora da viagem até o serviço passava mais rápido.

A influência dentro de casa para a leitura por muitos anos era meu avô, até que os anos foram se passando e ele foi deixando de lado os livros nas viagens e começou a baixar seus filmes na Netflix e ir assistindo durante a viagem, a leitura já não era mais tão frequente como antigamente. Tendo em vista que minha vó não tem estudo, não sei nem dizer se ela terminou o ensino médio, mas sabe ler e fazer contas muito bem, mas a escrita possui muita dificuldade, sempre come algumas letras ao escrever, talvez porque ela nunca tenha gostado da leitura, nunca foi influenciada dentro de casa pelos pais, lembro de raramente quando frequentava a igreja mais nova, gostava de acompanhar o pastor lendo a Bíblia, mas os anos se passaram e ela nem

levava mais a Bíblia para a Igreja, então a pouca leitura semanal que tinha, havia acabado cem por cento, agora a única leitura era de jornais da Tv, propagandas, receitas de comida e outdoor, nem a leitura na internet havia o hábito, até os dias de hoje, ela tem zero vontade de aprender a mexer na internet, celular só para ligar e receber ligações.

Quando cheguei ao ensino médio mudei de escola novamente, fui para a melhor escola do bairro, a mais cara, um alto investimento para entrar em uma boa faculdade, a princípio entrei com uma bolsa, mas para continuar teria que manter minhas notas na média e era óbvio que eu não conseguiria manter algo tão diferente da minha realidade escolar que foi minha vida, então no meu primeiro ano na escola nova eu não consegui manter as notas, e nem recuperar nas recuperações, havia prova duas vezes na semana, exigindo uma média sete para passar de ano, no primeiro ano do ensino médio eu reprovei, me sentia mal por ter que me separar dos meus amigos, e não conseguir atingir as expectativas que tinham colocado em mim, todos meus amigos que haviam entrado no mesmo ano que eu também haviam sido reprovados e todos saíram após a reprovação, e meus avós não deixaram eu sair, continuei na escola, uma nova oportunidade estava diante de mim e eu teria que dar conta dessa vez.

Assim foi, fiz mais um ano inteiro na mesma escola, com outros colegas de turma, com a reprovação adquiri muita maturidade, tanto para a vida no dia a dia, quanto para os estudos, comecei a me preocupar com as minhas notas e comecei a pensar na escolha do meu curso. No ano seguinte a reprovação eu me isolava das outras pessoas, não gostava de ser vista pelos meus colegas da turma antiga e muito menos pelos da turma atual, então meu refúgio era ficar na hora do intervalo conversando com os funcionários, tio da cantina, tia da limpeza, porteiro e a minha maior influenciadora do meu curso, a tia Amanda, coordenadora da Educação infantil, passava o tempo todo do recreio no

prédio da educação infantil, conversando sobre a minha vida, falando sobre como era minhas relação com meus avós em casa, como era quando eu morava com minha mãe, conversava sobre tudo com a Amanda, que estava sempre disposta a ouvir e me aconselhar.

Um dia eu contei que eu tenho um primo chamado Matheus que é extremamente inteligente para a idade dele, que ele frequentava uma escola pública de bairro dentro da favela, e ele só precisava de alguém para acreditar na capacidade dele, como eu acreditada para matricular em uma escola particular que puxaria por ele e não só estava ali para passar de ano e fingir que estava aprendendo, os pais dele sempre defenderam a ideia de estudar na escola pública, sempre acharam doideira pagar tanto dinheiro para ter uma boa educação, até que eu comecei a ensinar conteúdos que eram muito além da idade e série dele na escola, até porque ele no 4º ano ainda estava aprendendo conteúdo do 1º ano, uma grade super reduzida e atrasada em comparação a particular.

Amanda começou a me questionar o porquê eu não pensava na possibilidade de fazer o vestibular para Pedagogia, eu nunca tinha ouvido falar esse termo, a existência de haver a possibilidade de fazer um curso normal não existia para mim, por incrível que pareça, fui saber o que era um curso normal no 3º ano do ensino médio, esse tipo de formação não fazia parte do meu ciclo, meus avós não me ofereceram essa oportunidade, acreditavam que a escola era a melhor opção e a escola muito menos queria perder aluno para o curso normal, Amanda pediu para eu fazer umas pesquisas sobre o curso, ver vídeos sobre o assunto, realizar testes vocacionais grátis da internet para ver as possibilidades que existiam, eu no fim sempre soube que queria algo relacionado ao contato direto com as crianças, como a Pedagogia, Pediatria, Assistência Social, Psicologia, entre outras opções que estavam muito próximo do meu interesse,



Infelizmente comecei meu terceiro ano junto com a pandemia do COVID-19 e o medo de não conseguir estudar começou a bater com a ansiedade, provas *online* não eram as fontes mais confiáveis para avaliar os alunos do outro lado da tela, todas as disciplinas e escolas se adaptando ao mesmo tempo e tentando descobrir o melhor método para conseguir que o conteúdo chegasse a todos, infelizmente não tinha como controlar se o aluno estava realmente prestando atenção e fazendo as anotações ou dormindo, cada aluno assistia às aulas da maneira que achava mais adequado.

Uma parte da turma muitas das vezes nem conseguia acompanhar as aulas por não possuir um computador ou uma internet que suportasse horas de aula online, muitos não conseguiam prestar atenção devido barulhos externo dentro de casa, por irmãos mais novos ou até mesmo por brigas familiares, eu graças a Deus e meus avós, tinha um computador e uma mesa de estudos completa para acompanhar as aulas no conforto.

A escola era muito focada no Enem, deixando de lado outros vestibulares, através de alguns amigos de turma, conversando me falaram que iam ao final do ano realizar a prova da UERJ, comecei a pesquisar sobre a prova, distância da minha casa, nota de corte, entre outras informações. Sendo assim comecei a me dedicar sozinha, sem ajuda da escola para a redação da UERJ, comprei um cursinho online que já havia visto vídeos nas redes sociais, chamado Profinho, do professor Vinicius Oliveira, baixei todo o material no computador e imprimir todas as folhas com as explicações da redação, o conteúdo das outras disciplinas, continuei com o material oferecido pela escola, e só ia me aprofundando com canais do *YouTube*. No meio de uma pandemia, sem poder sair de casa para qualquer lugar, o estudo passou a ser meu maior foco, até mesmo para tirar das minhas costas a responsabilidade de entregar o retorno de todo aquele investimento de anos em escolas particulares

e no final não conseguir entregar o que esperavam de mim, quando fiz a prova da UERJ estavam testando o novo modelo de prova, com apenas as questões objetivas e a redação, sem a parte discursiva de qualificação, era um sinal que minha aprovação estava mais perto e não poderia perder essa oportunidade que provavelmente seria única, e assim li todos os livros escolhidos para realizar a prova.

Graças a Deus quando saiu primeiro a nota da redação, algo já me dizia que eu já tinha passado e era só algo de tempo para chegar o dia para sair o resultado oficial dos aprovados e lá estava meu nome, uma das minhas amigas que tinham me influenciado a realizar a prova que me deu a notícia me ligando que a lista tinha saído e meu nome felizmente estava lá, junto com o dela para o curso de Geografia. Atualmente estou cursando o final do sexto período em Licenciatura em Pedagogia e até hoje ainda não consigo acreditar que acordo todos os dias para estudar em uma das faculdades públicas mais disputadas do Rio de Janeiro e às vezes fico me questionando se eu não tivesse passado naquele vestibular, como teste do novo modelo de prova provavelmente eu não teria conseguido na segunda parte discursiva, ano seguinte ao vestibular que eu tinha realizado o modelo antigo retornou, com a parte objetiva, redação e discursiva e vejo muitas pessoas dentro da faculdade falando a mesma coisa, que muitos não estariam ali se não fosse aquele vestibular em específico.

Desde que entrei na faculdade no semestre de 2021.2 conheci pessoas incríveis que me ajudaram tanto no dia a dia na adaptação, eram pessoas totalmente diferente da minha realidade, onde eu com dezoito anos apenas estudava na parte da manhã e não tinha obrigações extras, encontrei em sala de aula pessoas de todas as idades, pessoas que já tinha anos tentando entrar no curso, alunos que já trabalhavam, mães que precisavam dividir a vida entre ficar uma parte na faculdade, outra no trabalho e ainda cuidar da criança, onde muitas das vezes não tinham uma rede de

apoio e levava a criança junto para as aulas.

Quando começaram as aulas, ainda era um pós-pandemia, todos ainda se adaptando, alunos e professores, foram três períodos em apenas um ano, super acelerado, de um lado foi bom porque quando vi já estava no terceiro período, mas o conteúdo era super reduzido para dar tempo, não havia prova presencial, eram provas/trabalhos avaliativos entregues pelo AVA, que mesmo depois de anos da pandemia ainda continua como uma fonte de acesso para os materiais usados em aula e os professores postarem seus cronogramas, avisos, receber trabalhos avaliativos do período, quando as aulas presenciais começaram definitivamente era muito difícil para mim, a realidade de pegar ônibus, metrô sozinha para chegar em uma faculdade era muito diferente, fiz meu ensino fundamental todo com um transporte escolar me levando e me buscando e quando cheguei no ensino médio, a escola era atrás da minha casa, uma caminhada de 10 minutos e eu estava em casa.

Quando as aulas presenciais começaram, definitivamente era muito difícil para mim, pegar ônibus, metrô sozinha, várias crises de ansiedade no metrô lotado, o medo de pegar ônibus, não era minha rotina andar sozinha, cheguei a consultar um cardiologista logo no início porque as dores eram muito fortes da crise, mas a liberdade aumentou, o fato de eu ser a única da família em uma faculdade nunca deu motivos para ficarem me cobrando, para eles eu já tinha cumprido a meta que eles tinham em mente, a UERJ abriu portas de emprego, carregar o nome UERJ no currículo te torna diferente do normal, o diferencial que procuram por acreditar que estou mais preparada para o cargo.

Prestes a me formar, com professores que sempre incentivaram a continuar e a grande maioria entende a dificuldade de apresentar seminários, falar em público, penso em me aprofundar, uma pós em psicologia e quem sabe abrir uma clínica de Psicopedagogia, são planos para um futuro, realizar concurso público tanto na minha área,

quanto em outras áreas para conseguir uma estabilidade financeira.

Fico muito feliz em saber que me tornei uma pessoa que as pessoas querem seguir como exemplo, tanto dentro da minha família onde meus primos mais novos começaram a ver a faculdade como uma opção para o futuro, primeira vez que meus primos de 18 anos e de 11 anos, pensaram sobre faculdade foi através de mim, meu primo Matheus de 11 anos não ver só o quartel como uma única opção, como seus pais querem que ele siga igual o irmão mais velho, me tornei uma pessoa que sou citada quando o assunto é estudo, faculdade e se dedicar.

A importância de pertencer: tecendo caminhos possíveis para o futuro

Hevelyn de Jesus da Silva

Eu sou a Hevelyn de Jesus da Silva, nasci em 18/07/1998, tenho 24 anos e sou cria de Éden, bairro localizado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, desde que me entendo por gente.

Filha única do seu Carlos Magno e da dona Val. Meu pai tem 57 anos, motorista e minha mãe, 57 anos, costureira. Meu pai cursou até o 7º ano do Ensino Fundamental e minha mãe até o antigo 1º grau, novo 1º ano do Ensino Médio.

Sou neta da dona Morena, uma velhinha bem arretada, indígena que veio lá do Maranhão. Ela não teve oportunidade de estudar, mas tinha conhecimento de sobra. Era uma curandeira de mão cheia, conhecida e amada por todos que a conheciam. Sou a menina caçula da avó Eva, que nasceu em Duas Barras. Minha avó também não teve muitas oportunidades de estudo. Recentemente, conversando com a mesma, ela me relatou que o pai não via sentido nos estudos e que ela precisava trabalhar. Começou a trabalhar cedo na roça e se tornou doméstica mais pra frente. Por tudo o que minha avó vivenciou na infância, ela trouxe os mesmos ideais para os seus filhos que, felizmente, conseguiram seguir outros caminhos, mas alguns dos seus seis filhos não conseguiram terminar o Ensino Médio.

Meu avô Wilson, pai do meu pai, ex-professor de dança de salão, que fez parte dos meus sete anos de karatê e meu avô Francisco, que infelizmente não o conheci, mas era muito inteligente. Não tem como passar pela minha história e da minha família por parte de mãe sem contar a forma como meu avô se fez presente na vida da minha mãe e dos meus tios. Para uma família pobre, seu Francisco trabalhando na Balança, Mas Não Cai como funcionário de serviços gerais conseguiu dar uma vida estável para os seus filhos.

Proporcionou caderneta, plano dentário e sempre deixou claro que o trabalho poderia fazer parte de suas vidas, mas que os estudos precisavam estar em primeiro lugar. Dos seis filhos, a única pessoa que ingressou numa universidade foi a minha tia-madrinha Marcinha, cursou Serviço Social na UFRJ, ela teve e ainda tem papel fundamental em toda a minha formação escolar e acadêmica.

O que falar da Heve criança? Sempre muito ativa, fez sete anos de karatê, era rodeada de muitos amigos e amada por toda a sua família. Ao longo da sua formação, o quintal de casa e as mais diversas ruas de Éden e Santa Cruz se fizeram presentes. Eu passava a maior parte do meu dia em cima da laje soltando pipa ou quando meus primos chegavam, era no quintal que o pique-esconde acontecia. Soltar pipa, jogar bola e futebol sempre foram as minhas brincadeiras favoritas. Na rua, eu e os moleques com um bambu sempre no canto da calçada pra correr atrás das pipas avoadas, mas não podia faltar o seu Samuel, era o velho da rua que sempre me fiscalizava.

Na minha infância, no quintal da minha casa, nunca foi problema ser quem eu era. Eu me sentia no desenho "Os Backyardigans". Eu tocava bateria com os baldes da minha avó, eu e meu primo brincávamos de cientistas com os caramujos do terreno, contação de histórias era com a minha vó, a produção de perfume rolava a rodo com água, álcool e folhas de boldo. Tudo era possível.

Na minha época, tinham as chamadas escolas "fundo de quintal" e foi lá que eu iniciei a minha formação escolar. Já cheguei direto no CA aprendendo a ler e escrever. E a minha coordenação motora fina? Ficou com Deus. Acho que todas as crianças tinham que passar pela pré-escola.

Mesmo não tendo muitas memórias, a época da educação básica foi bem difícil. Por mais que eu gostasse de estar naquele lugar, lembro que foi um ambiente muito tóxico para crianças gordas e até mesmo as crianças arteiras. As cadeiras e mesas não eram acessíveis, existia uma prática de

colocar o aluno de castigo sozinho na sala enquanto os amigos brincavam no pátio. Eu era uma aluna muito querida pelos professores, tive muita facilidade para ler e escrever, mas o que mais me marcou naquela época eram a socialização e as vivências, a alfabetização fica em segundo plano. Lembro-me das festas e da brincadeira do balão de água, onde a gente conseguia sair daquele padrão que docilizava nossos corpos dentro de sala de aula. Após esse processo, eu fui para a antiga 1ª série em uma escola particular.

Estudei da antiga 1ª série até a 4ª série na Escola CEDAC, era uma escola próxima a minha casa. Tenho ótimas recordações daquela época, pois eu era rodeada de grandes amigos. Me deparei com uma escola onde as meninas eram majoritariamente magras e por tudo que já havia vivenciado na educação básica, não deixei me abater. Criei um laço muito grande com alguns meninos e ainda tive uma paixão na época. Coisa de criança.

No Ensino Médio, a história não foi muito diferente. Eu andava com os “nerds” do Colégio Roberto Silveira, ao todo era um grupo de cinco pessoas e eu era vista como a mais rebelde, eu sentia que alguns professores me viam como uma pessoa que subvertia o padrão e, que para aqueles alunos/amigos, eu era um perigo. No 1º ano do Ensino Médio, eu era uma aluna espetacular em Química, lembro-me que os meus colegas faziam questão de me colocarem para responder às questões orais que o professor passava em sala e eu me achava. Foi o ano que eu mais aproveitei. No 2º ano, o meu rendimento escolar caiu absurdamente. A descoberta da minha sexualidade pela minha mãe moldou completamente a forma que eu estava levando os estudos. Não existia incentivo da parte dela, somente do meu pai. E por um tempo fui muito desacreditada pela minha mãe, pois ela acreditava que eu não iria conseguir terminar o Ensino Médio. Nesse mesmo ano, uma professora me proibiu de sentar com uma amiga, pois ela sabia que eu era lésbica e

como ela era muito grudada comigo, eu poderia prejudicá-la nos estudos. Em uma apresentação de um seminário, eu não consegui apresentar, chorei na frente de todos, pois eu já estava extremamente desestruturada. Do meu grupo de *nerds*, eu só tive apoio de duas grandes amigas que puderam estar comigo no dia da minha aprovação na UERJ.

O 3º ano do EM foi somente para cumprir com as obrigações do meu processo de escolarização, com as violências sofridas por professores e até mesmo de um amigo que fazia parte do meu grupo, eu perdi completamente a minha autoestima intelectual. Não acreditava que ingressar em uma universidade era possível, me fizeram acreditar que o meu destino seria o mesmo que o dos meus pais, trabalhar para pagar contas e sonhar com a aposentadoria.

Anos se passaram e eu conheci a minha ex-namorada, ela quem pagou e me fez ter ânimo para ir fazer a prova. Estar fazendo esse trabalho também diz muito sobre quem ela foi no meu processo de chegada e de me manter na graduação. Era o sonho dela ingressar na UERJ (ela ingressou um ano após a minha aprovação, em Serviço Social) e ela dizia que seria incrível que eu pudesse cursar pedagogia nessa universidade. A prova da UERJ foi dia 18 de julho de 2021, no dia do meu aniversário. Na época, eu estudava pelo Descomplica três horas por dia, enquanto era babá de um neném de um ano. Eu passava 13 horas do dia com ele, era extremamente cansativo.

Como eu havia dito um pouco mais acima, com uma família muito grande não posso dizer que fui a primeira a ingressar em uma Universidade Pública. Desde sempre fui muito incentivada aos estudos, pois como uma pessoa pobre, somente estudando que eu conseguiria alcançar novos lugares, pessoas e cargos. Quando eu passei para a UERJ os meus pais não entenderam muito bem, pois era a primeira vez que os dois tinham contato direto com uma pessoa que prestou um vestibular para uma universidade

pública. Meus pais contaram para os meus parentes mais próximos e foi um delírio, parecia até final de Libertadores, todos chorando.

O caminho até a UERJ foi longo e trabalhoso, muitas das vezes eu não acreditei que seria possível. Quando cheguei aqui na UERJ, pude conhecer um ser humano maravilhoso que está até hoje comigo nessa batalha, minha amiga Yasmin. É minha vizinha de município, mora dois bairros depois do meu. Por ser uma pessoa introspectiva, eu tinha muito receio de ficar sozinha, mas alguns anjos apareceram na minha vida nessa trajetória da graduação. No 1º período, fiz amizade com quatro pessoas que foram fundamentais para que eu pudesse superar alguns dos traumas dos anos de escolarização. O meu primeiro seminário foi o puro suco do desespero e ansiedade, mas meus amigos me apoiaram e eu consegui apresentar.

Esse grupo não se manteve unido, mas eu, Izabella e Íris nos mantemos unidas para dar conta dos trabalhos, já que nos conhecíamos e nos dávamos bem nas atividades propostas. Ao longo do período, me aproximei ainda mais da Yasmin que fez a integração do meu trio com o grupo dela. Atualmente, somos oito amigas (Ste, Vic, Tatá, Íris, Iza, Ju e eu) cursando pedagogia e intitulamos o nosso grupo de "Opressão". Acredito que meu percurso dentro da universidade não seria o mesmo sem essas meninas. Mesmo com todas as dificuldades que existem em relações de amizade, ou melhor, com pessoas em geral, continuamos juntas, aos trancos e barrancos. Nos encontramos e nos unimos ainda mais quando estamos mal na mesma disciplina ou nos incômodos que a graduação nos traz.

No meio dessa galera toda, a pessoa que mais me ajudou e acreditou em mim foi a minha melhor amiga Izabella. Ela sempre soube da minha falta de autoestima intelectual, sempre duvidei muito da minha capacidade, mesmo conseguindo ótimos resultados nas disciplinas. Nos desesperamos juntas e nos acolhemos com muito amor

nesse lugar cinzento. Posso dizer que a minha amiga foi e continua sendo a pessoa que traz cor e mais leveza para os dias na UERJ.

Um momento muito importante para mim foi em uma aula de PPP, com a Prof.^a Alexandra. Em uma atividade ela me elogiou e disse que o texto que eu tinha feito poderia facilmente se tornar um artigo. Eu fiquei bem impactada, pois não sou uma pessoa que vê beleza nos meus escritos. Além desse dia bem especial, no 4º período fui chamada para participar de uma bolsa, pois a professora viu potencial nas minhas avaliações, porém era uma professora muito rígida, elitista e para, além disso, a pesquisa não fazia sentido com o que eu gostaria na época.

Logo após isso, comecei a atuar numa creche auxiliando a professora do Maternal I. Conciliar o trabalho com os estudos foi e ainda é um desafio constante. Eu levava três horas para chegar em casa, saía do trabalho às 18h e chegava em casa 21h/21h30. Me venderam uma ideia de uma escola construtivista, mas me deparei com práticas que foram totalmente ao contrário de tudo que vemos na graduação e do que eu acredito para uma educação infantil de qualidade. Foi um período muito difícil para conciliar os estudos, mas com a minha rede de apoio não foi pior passar por esse momento. Infelizmente, eu sofri algumas violências e até abuso de poder pela professora, fazendo com que o meu rendimento na graduação não fosse mais o mesmo.

Ao longo desses seis períodos, quatro professoras me marcaram muito. Duas negativamente e duas positivamente. Como a minha professora favorita da UERJ, que deu a de História da Educação Brasileira e as aulas de PPP, com visita ao Quilombo Sobara, convidados ilustres que enriqueceram os nossos saberes.

Falar especificamente da disciplina de PPP é de emocionar. Eu sempre falo que o sentimento que a UERJ me trouxe foi puro pertencimento e acredito que as aulas de PPP tenham feito parte desse sentimento. Além de a turma

ser pequena, as pessoas eram conhecidas e acolhedoras. Sempre senti que nas aulas de PPP poderíamos ser quem somos, sem medo de errar, de se expressar, coisa que raramente acontece dentro do espaço acadêmico.

Minha trajetória dentro da Universidade vem sendo marcada por muitas transformações positivas. Antes da graduação, eu era uma menina da Baixada Fluminense que não tinha perspectiva de uma vida melhor, fui chamada e acreditava que seria uma jovem “nem-nem”, colocava mais de 300 currículos por dia em todas as plataformas de vagas de emprego e das poucas vezes que fui chamada, não fui selecionada, pois precisaria utilizar mais de três conduções. Eu acreditava que o meu destino era trabalhar no mercado da rua da minha casa e que viveria morando no quintal da família dos meus pais.

Hoje, após esses seis períodos, tenho uma expectativa muito grande e positiva do meu futuro. A Pedagogia não era a minha primeira opção, mas sempre tive certeza que trabalharia com crianças. Hoje posso dizer que os meus planos mudaram. Através do meu esforço, das oportunidades que a UERJ e a Pedagogia me proporcionam, do aumento da minha autoestima dentro desse espaço acadêmico, eu consegui uma vaga de estágio no Ministério Público do Rio de Janeiro que mudou completamente a minha vontade de atuar dentro de sala de aula.

Sou grata por todas as oportunidades que a graduação tem me proporcionado e irá me proporcionar. A Pedagogia para mim vai além da sala de aula e acredito que essa percepção também passa pelas aulas de PPP. É isso, a disciplina de PPP me salvou muito de uma ideia mais centralizada do que é a Pedagogia. A pedagogia que eu acredito também é uma Pedagogia que se faz nas ruas, que se encontra e se atravessa nas encruzilhadas dos encontros e desencontros, sejam eles de um coletivo, de uma dupla ou de você consigo mesmo. A Pedagogia me ajuda a enxergar a educação nas paredes das ruas, nas histórias da minha avó

através da oralidade, nos encontros breves dentro do metrô, no diálogo com o diferente. Através da UERJ e da Pedagogia eu consigo enxergar as pequenas miudezas da vida e os grandes sonhos e saber que todos eu posso sonhar, acessar e alcançar.

Referência:

São Paulo: Objetiva, 2007. SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Minha trajetória na Pedagogia e a importância da autoestima para mulheres negras

Jeycellany Dionisio da Conceição

Minha jornada na pedagogia começou com a influência da minha mãe, que é pedagoga. No entanto, diferente da maioria dos meus colegas que focavam na educação infantil, minha visão sempre foi voltada para causas sociais e educação corporativa, o que me levou a trabalhar na área de Recursos Humanos com treinamento e desenvolvimento.

Durante a faculdade de pedagogia, muitas vezes me senti perdida por não me identificar totalmente com o foco em educação infantil e por não ver tantas discussões sobre questões sociais e representatividade no início. Foi quando encontrei no PPP uma oportunidade de me encaixar e explorar temas que realmente me interessavam.

Ao longo da disciplina, me senti acolhida pela turma e pela abordagem diversificada das temáticas pelas professoras. Isso me motivou a escolher como tema de estudo a importância dos coletivos e movimentos sociais na promoção da autoestima da mulher negra, algo que também foi impulsionado pelas discussões em sala de aula com colegas pretas.

Influência familiar e primeiros passos no projeto de TCC

Desde pequena, fui influenciada pela minha mãe e minha avó, embora elas não tivessem questões de autoestima bem resolvidas. Isso impactou minha própria autoestima, algo que percebi ser crucial para o desenvolvimento de meninas e mulheres negras.

Desafios na Faculdade

Durante o curso de pedagogia, muitas vezes me senti perdida e frustrada, pois a maioria das aulas e colegas

focava na educação infantil. Eu sentia falta de discussões sobre questões sociais e a visão para meninas e mulheres negras.

Encontro com o PPP da Alexandra

Minha perspectiva mudou quando encontrei o PPP da Alexandra. Embora tenha enfrentado dificuldades iniciais para me matricular, ao entrar na turma, senti-me abraçada e inspirada. As aulas abordaram diversas temáticas e traziam convidados que ampliaram nossa visão.

Desenvolvimento do Tema do TCC

Ao longo da disciplina, me senti acolhida pela turma e pela abordagem diversificada das temáticas pelas professoras. Com o apoio da turma e dos colegas, comecei a desenvolver meu tema de TCC e, me motivei a escolher como tema de estudo: Empoderamento Afro: O Papel dos Movimentos Sociais na luta contra o silenciamento da mulher negra e no fortalecimento da autoestima coletiva, algo que também foi impulsionado pelas discussões em sala de aula com colegas pretas. Percebi que a autoestima é frequentemente desvalorizada desde a infância, impactando a vida adulta.

A troca de experiências na turma do TCC foi enriquecedora, permitindo contato com diversos convidados e temas relevantes para o desenvolvimento do trabalho. Mesmo diante de desafios pessoais relacionados à autoestima desde a infância, encontrei no processo de pesquisa e escrita do TCC uma forma de se fortalecer e inspirar outras mulheres negras a se reconhecerem como belas e valorizadas.

Impacto Pessoal e Profissional

Durante o desenvolvimento do meu TCC, comecei a me sentir melhor em relação à minha autoestima. Embora ainda tenha desafios a superar, acredito que a pesquisa e escrita

do TCC me ajudarão a melhorar minha relação com meu corpo e mente.

Meu desejo é que meu trabalho sirva de inspiração não só para mim, mas também para minha mãe, primas e outras mulheres negras, incentivando-as a se amarem e se aceitarem como são. Acredito que é fundamental trabalhar a autoestima desde cedo nas meninas negras para romper com padrões prejudiciais e construir uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

O tema busca abordar a importância dos movimentos sociais na luta pela valorização e empoderamento das mulheres negras, combatendo o silenciamento imposto pela sociedade e promovendo o fortalecimento da autoestima coletiva. As problemáticas centrais incluem a invisibilização das vozes e experiências das mulheres negras, a reprodução de estereótipos negativos, padrões estéticos eurocêntricos, e a falta de representatividade nos espaços de poder, e em diferentes áreas, como mídia, arte, política e cultura. Isso envolve valorizar a beleza e a diversidade dos corpos, cabelos e traços das mulheres pretas.

Conclusão

Espero que meu TCC sirva de inspiração para mim, minha mãe, minhas primas e outras mulheres negras. Quero que todas possam se reconhecer como lindas e valorizadas, e que possamos passar essa autoestima para as próximas gerações.

O objetivo é ampliar o conhecimento e a compreensão sobre as experiências, desafios e conquistas das mulheres negras, bem como analisar o impacto dos movimentos sociais na promoção da igualdade de gênero e valorização da diversidade. Além disso, busca-se identificar estratégias efetivas de combate ao silenciamento e fortalecimento da autoestima coletiva das mulheres negras.

Recordando memórias

Kianny Oliveira Dias

Minha jornada de vida

Me chamo Kianny Oliveira Dias, nasci no dia 22 de julho de 1999, no Hospital Universitário Pedro Ernesto, Vila Isabel. Minha mãe tem artrite reumatóide desde os onze anos, e faz tratamento lá, por isso eu e meu irmão nascemos no HUPE. Minha família é muito unida, digo meus pais e meu irmão, sou muito grata por tudo que eles fazem, e que não soltamos a mão um do outro. Nós moramos na cidade de Deus, um lugar que tem muita cultura, mercados, UPA, pessoas do bem, mas que também tem confronto às vezes, comunidade é assim, porém existem diversas coisas boas que pessoas que são de fora não enxergam, justamente pelo fato de não morar nela.

Meu lugar de pertencimento da infância foi na minha casa e nos meus avós, que inclusive é bem pertinho daqui. Eu e meu irmão ficávamos um pouco em cada lugar, porque às vezes meus pais precisavam sair, ou tinha médico, e meus avós me buscavam na escola, ficava lá, brincava tanto na praça com meus primos e colegas, era muito bom. E em casa nós ficávamos bastante com meus pais, eles colocavam músicas, perguntavam como foi o dia, ajudava nos trabalhos de casa, sempre conversávamos sobre tudo, e até hoje fazemos isso, virou já nossa rotina, quando não estamos perto para poder conversar já ligamos ou mandamos mensagens uns para os outros para podermos saber de como está sendo o dia, se deu tudo certo, se está tudo bem, isso desde pequena até os dias de hoje e agradeço sempre por isso.

Além disso, eu e meu irmão sempre fizemos esportes, desde pequenos, capoeira, futebol, aí eu fiz *Taekwondo*, *ballet* (mas eu nunca gostei de fazer, achava lindo, porém nunca foi meu favorito).



Meus pais sempre foram maravilhosos, se esforçaram muito para me colocarem em uma boa escola, estudei no colégio particular aqui do bairro, eu adorava a escola, alguns professores, cheguei até fazer uns amigos que levo até os dias de hoje. A escola em que estudei desde pequena, até o 9º ano, aprendi a ler e a escrever com quatro anos, sempre fui bastante estudiosa, fazia os trabalhos, gostava sempre de participar das aulas. Porém como as pessoas dizem: “nem tudo é flores”, sofri muito *bullying* e racismo nessa escola, que me dói ainda só de lembrar, estou escrevendo aqui com dor e sentimentos que ninguém gosta de sentir, que é tristeza, raiva, chateação... me chamavam de “cabelo duro”, “gorda”, “macaca”, “balofa”, “gorducha”, entre diversos outros apelidos. E isso sempre foi muito difícil para mim, porque doía muito, eu chorava, às vezes não sabia o que fazer, como reagir, e por muitas das vezes quando eu reagia me tratavam como “agressiva”, sim isso mesmo. Como se eu fosse a errada por estar reclamando ou tentando explicar o motivo das minhas reações, mas nunca tentavam me entender ou compreender como eu me sentia, era torturador, até que eu comecei a tentar me “encaixar” no tal mundo deles, sendo que por muita das vezes, eu percebia que estava fazendo totalmente errado porque eu sabia que não pertencia aquele “lugar” e nem aquelas pessoas, tentei em diversas ocasiões mudar meu jeito, fala, vestimenta, mas sabendo que não fazia parte da minha pessoa, com um tempo fui ligando e entendendo o que era, e comecei a questionar e pensar: “se tiverem que gostar de mim, será pelo jeito que eu sou, e não por cor, por estereótipo, por ser gorda ou magra, por morar em tal lugar”. Com essa atitude tomada, eu vi muitas pessoas se afastando de mim, mas quem ficou era porque realmente gostava e tinha carinho comigo, então fiquei feliz, porque alguns deles são meus amigos até hoje, e vejo que para eles não importou raça, físico, e sim o caráter de quem eu sou.

Meu caminho dos estudos sempre foi difícil,

perpetuamente me perguntavam o que eu queria fazer, quando eu respondia que queria fazer pedagogia ficavam com uma cara, perguntavam: “tem certeza que quer fazer isso? Nem dá dinheiro, foca em outra coisa, seja advogada, administradora, empreendedora, mas logo professora? Pelo amor de Deus! As crianças estão cada dia pior, não sei se você vai aguentar!” Ou seja, perguntavam, e respondiam, mas ignoravam o que eu pensava. Para as pessoas o que importava para mim, era o de menos, tinha que ser o que eles queriam e ponto. Sendo que eu sempre fui uma pessoa autêntica, de opinião própria, e nunca deixei as pessoas decidirem qualquer coisa por mim, sempre me impus. E eu falava: “sim, pedagogia! Eu amo essa profissão, não me vejo fazendo outra coisa por agora, me vejo na sala de aula, ou numa gestão de escola ajudando nas melhorias, me vejo nessa área, e em nenhuma outra, e sinto muito para quem não acha o que eu acho, só que não estou escolhendo essa profissão por dinheiro, mas sim porque eu amo!” E até hoje, é assim, pessoas perguntam, julgam, mas eu nunca liguei, sempre ignorei e parti para o que eu queria, e cá estou eu, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que foi uma grande luta para chegar aqui. Eu jamais me imaginei na UERJ, tentei fazer para UFRJ e depois de três anos tentando eu acabei desistindo, e tive uma pessoa que me apoiou muito a tentar fazer o vestibular da UERJ, me inscreveu e eu passei. A felicidade foi tanta que para mim é difícil de acreditar até hoje, a luta é diária, não vou mentir, são textos enormes, por muita das vezes bem complexos e difíceis de entender, mas eu não desisto não, procuro saber, pesquiso, pergunto, mas eu jamais desisto, porque depois que eu entrei vi que aqui também é meu lugar, que eu posso sim e devo pertencer a essa faculdade, mesmo que às vezes não pareça, acontecem diversas coisas para nos desmotivar, e temos que entender e compreender que é nosso lugar sim, podemos estar, ser e pertencer. Passo por muitas coisas dentro da UERJ, racismo e preconceito existe sim! E no dia a

dia você vai descobrindo aos poucos, vai se questionando o porquê existe isso mesmo dentro da faculdade, e aí enxerga que são as pessoas principalmente que fazem isso, mesmo que digam que não, as atitudes de cada um, o jeito de como fala, de como te trata, dá um desânimo, uma tristeza, e em alguns momentos você se sente sozinha, acha que não deveria estar ali, que seria melhor sair ou trancar a faculdade, mas eu penso bem e me pergunto: “estou fazendo isso por quem? O que me motiva estar ali? E se eu sair, como será? Desistir é viável? Como irei dizer depois para meu eu futuro e meu eu passado o que eu fiz, e por quais motivos eu desisti, sendo que eu estou ali para lutar por eles, e pelo meu direito.” Então fico me questionando sempre por esse motivo, e conseqüentemente entendo que estou fazendo o que verdadeiramente eu gosto, e que me sinto bem, mesmo seguindo nesse combate diário que é racismo e preconceito, ninguém isento dessas questões, infelizmente. Porém aprendo com os professores, tento aproveitar um pouco a universidade, as oportunidades que aparecem e que infelizmente vão embora rápido. Mas em circunstância nenhuma eu me arrependo do curso que escolhi, mesmo sendo difícil, cansativo, exaustivo, mas sei que valerá a pena, porque eu amo e também porque a universidade pública é meu lugar, e lugar de outras inúmeras pessoas que são como eu, pretas e de favelas. Espero poder aprender e contribuir com a minha parte até o final dessa trajetória, que falta pouco, mas que logo estará acabando. Torço para que as pessoas como eu, tenham referências e que também não desistam dos seus sonhos, porque a universidade é só o começo para outras oportunidades da vida.

O poder humanizador da formação educacional

Larissa Gonçalves Oliveira

Meu nome é Larissa Gonçalves Oliveira, tenho 20 anos, sou carioca, flamenguista e vou contar um pouco sobre a minha trajetória escolar, meus gostos e o porquê da minha escolha profissional em relação à educação. É um tanto quanto difícil escrevermos sobre nós mesmos, mas vou começar falando do que amo, pois creio que são essas as coisas que nos moldam no decorrer de nossas existências. Desde a infância, sou apaixonada em ler e conhecer coisas novas, seja lugares ou pessoas. Sempre tive muita dificuldade em fazer escolhas. Me lembro como se fosse ontem do pânico que senti ao precisar decidir qual seria o meu curso de graduação, falo isso ainda estando no ensino fundamental (sempre fui muito ansiosa com meu futuro).

Eu sempre tive uma mente inquieta, borbulhante de ideias porque pra mim, ir para uma faculdade significava muito mais que a escolha de uma profissão, mas trilhar este caminho me levaria a exercer uma função que definiria, também, quem eu sou. Meus pais fizeram o possível para passar para mim seus valores e me educaram como sabiam, o que nem sempre foi da melhor maneira possível, mas não os culpo, pois errar é uma prerrogativa do existir. O carinho que meu pai colocava em todos os meus trabalhos da escola e cartinhas na porta de seu guarda-roupa, e que minha mãe enfrentou momentos extremamente difíceis para cuidar de mim e da minha irmã, se sobrepõe a toda a dor que as palavras e mãos deles já me causaram.

Posso dizer que minha infância foi ótima, eu brinquei muito com meus colegas e primos, andava de bicicleta, tomava banho de chuva, e principalmente jogava muita bola de gude, eu era ótima, então só jogava mata/mata que era para pegar as bolinhas da pessoa adversária. Ficar quieta



dentro de casa era impossível, eu estava sempre querendo brincar ou conversar, sempre gostei de falar muito, inclusive até hoje sou tagarela. Meus pais não tiveram muitas oportunidades em relação aos estudos, mas sempre me incentivaram a estudar desde pequena. Acredito que foi minha mãe quem despertou meu prazer pela leitura. Como ela não teve a chance de estudar fazia questão de me colocar na escola e, sempre que podia, comprava livros baratinhos para mim. Dessa forma, aos poucos, fui desenvolvendo o gosto pela leitura e descobrindo o prazer que os livros podem proporcionar.

Ler me salvou de muitos momentos difíceis e abriu minha mente para sonhar. E sonhar é tão bom! Morando em uma comunidade, eu me sentia um pouco oprimida e limitada, meus sonhos pareciam algo que só podiam acontecer nos recônditos de minha mente, mas hoje, estudando em uma das melhores Universidades do país, sinto que eles podem existir além do imaginário. Gosto de ler sobre a vida acontecendo, seja sobre romances, textos de autoajuda, versículos, cartas, temas sobre educação infantil ou educação antirracista. Sinto que isso tudo me acalma. Para mim, ler e escrever são as formas mais queridas de comunicar amor, carinho ou até a dor a alguém. Confesso que gosto de textos sentimentalistas e poesias, preciso me imaginar e sentir aquelas cenas, pois a leitura para mim é um ato de entrar no mundo de outra pessoa e talvez encontrar pedaços de quem eu sou lá, é maravilhoso.

Consequentemente, ser leitora contribuiu muito no meu processo de escrita e criatividade. “A literatura e a arte são formas de expressão vitais para o ser humano, e possuem o poder de criar, inspirar e fortalecer um pensamento ou uma ação. Através da literatura nos conectamos a nós mesmos, ao outro e a mundos (reais e fictícios), temos a oportunidade de aprimorar ou desenvolver nosso senso crítico e exercer nosso papel como cidadãos democráticos e politizados, entendendo que o acesso à literatura é, como

assegurado por lei, um direito de todos. A Literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado”. (CÂNDIDO, 2011).

Essa leitura constante de livros de vários gêneros me ajudou a me reconectar com a leitura, a produção de textos, e até mesmo a viver a vida sem muita autocobrança. A interação com tantas escritas me ajudou a moldar a minha, pois “os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam deste mesmo processo” (GERALDI, 1991). E dessa forma, entendo que nunca serei uma leitora e uma pessoa pronta; as vivências futuras, os encontros e as experiências que me esperam remodelarão quem sou e sobre o que leio.

Por vezes, as dificuldades, o desemprego, as frustrações e as dores do mundo parecem que vão nos sufocar, mas uma palavra que aprendi com os livros e que me inspira a continuar é “lute”; lutar mesmo quando tudo ao nosso redor parece invencível, mesmo quando as intempéries da vida nos alcançam e a escuridão parece não ter fim, e assim seguir em frente, até chegar lá, em nosso objetivo. Estou na Pedagogia com o meu coração aberto e meus ouvidos e olhos atentos a tudo o que posso aprender. Sinto-me pertencente à área que mais me cativa na profissão, educação Infantil e educação antirracista. Peço a Deus para que eu possa ser a diferença, mesmo que pequenina, em um mundo tão egoísta. Assim que terminar a graduação, planejo fazer um mestrado, ciente de que não será fácil, assim como não foi fácil chegar até a Universidade. Vejo a faculdade como algo muito recompensatório, pois entramos

pensando em nos preparar e nos especializar em uma área. No meio do processo, porém, entendemos que também se trata de nos tornarmos seres humanos melhores, atentos aos detalhes e ao próximo. Entretanto, permanecer na Universidade é extremamente difícil. Moro em uma comunidade na Zona Oeste do Rio de Janeiro, mais precisamente em Bangu, preciso pegar ônibus e trem para chegar às aulas, enfrentando diversas dificuldades e particularidades diárias. Manter-se na Universidade é exaustivo, mas sei que não posso e não vou desistir.

Ademais, escolhi pedagogia porque há alguns anos estudei em uma escola pública na comunidade de Padre Miguel, onde tinha aulas em horário integral. Sou cria de escola pública e me orgulho muito disso. Minha professora do ensino fundamental trabalhou conosco o livro “Uma professora muito maluquinha”, e além do livro ter tocado minha alma, a aula que ela deu após o livro e o filme me sensibilizou profundamente. Foi nesse momento que percebi que meu sonho era fazer a diferença e deixar um legado. Essa professora me deu asas e se tornou o exemplo de educadora que quero ser: sensível, dedicada, empática e com muitos outros adjetivos incríveis. Após essa experiência e todas as aulas que tive com ela durante três anos seguidos, não fui mais a mesma pessoa. E eu acredito que minha história seja importante porque carrega uma lição valiosa sobre como a educação pode transformar vidas. Resgata nossas memórias culturais e afetivas, ajudando-nos a descobrir quem somos e como lidamos com o outro.

De todas as escolas que frequentei, a do ensino fundamental foi a mais marcante, especialmente por causa dessa professora que adaptava os conteúdos à nossa realidade e cotidiano. Ela promovia muito diálogo e participação em sala de aula, tornando as aulas extremamente prazerosas e significativas. Essa abordagem pedagógica, que considerava nossas vivências e incentivava um aprendizado ativo, foi fundamental para despertar em

mim o desejo de trilhar o caminho da educação. As experiências vividas naquela escola, com aulas envolventes e uma professora dedicada, foram o ponto de partida que me inspiraram a querer fazer a diferença na vida de outras pessoas, assim como ela fez na minha.

Com esse desejo no coração, optei por fazer o ensino médio na modalidade normal, ou seja, formação de professores. Lá, tive meu primeiro contato com disciplinas pedagógicas e com os estágios. O estágio foi um divisor de águas na minha vida, pois me fez decidir se realmente queria seguir no caminho da educação. Posso dizer com toda certeza que essa experiência me ajudou muito. Durante o estágio, observei práticas educativas e participei ativamente do ambiente escolar, o que me permitiu perceber tanto como agir quanto como não agir sendo uma docente. Essa vivência prática consolidou minha paixão pela educação e me proporcionou uma compreensão mais profunda das responsabilidades e desafios que enfrentarei como professora.

No meu último ano do ensino médio, a pandemia chegou e acabei me formando online. Fiquei um pouco frustrada porque sinto que poderia ter vivido e aproveitado mais essa fase. Comecei a estudar por aulas gratuitas no *YouTube* e resolvi tentar o ENEM e o vestibular da UERJ. Para minha surpresa, passei em pedagogia na UFRJ e na UERJ, duas Universidades que eu nunca imaginei estudar. Descobri que poderia estudar sem me preocupar com mensalidades, e a emoção que senti naquele dia foi indescritível! Minha família e amigos estavam muito felizes e orgulhosos pela minha conquista, eu então nem se fala.

Inicialmente, cursei pedagogia na UFRJ, mas não foi fácil conciliar a rotina de ir para a Zona Sul e ajudar minha mãe com minha irmã recém-operada. Acabei desistindo e optei por começar no segundo semestre de pedagogia na UERJ, que era mais acessível para mim. Confesso que essa escolha foi acertada, pois encontrei pessoas e professores incríveis,



que quero levar para a vida toda. Com o passar dos dias, percebi que a rotina universitária não era fácil, mas também me fez pensar criticamente e desenvolver novos conceitos e hábitos sobre a educação e a vida. Acredito que me tornei uma pessoa melhor e mais empática.

O choque inicial foi grande, pois a faculdade oferecia uma autonomia que eu nunca tinha vivenciado antes. Não precisava pedir para sair de sala, as aulas eram mais dinâmicas e dialogadas, com cadeiras em roda e até sofás. Essa nova forma de aprendizado, longe de ser mecanizada, me proporcionou uma experiência educativa muito mais rica e envolvente.

Atualmente, como membra do Grupo Espaço de Estudo e Pesquisa sobre a Infância (EEPI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tenho me dedicado a estudar e testemunhar a participação das crianças em nossos projetos. É sempre inspirador ver como elas contribuem com perspectivas únicas e valiosas para nossa pesquisa e formação docente. A maneira como as crianças enxergam o mundo e expressam suas ideias oferece *insights* profundos que enriquecem nosso entendimento sobre a infância e a educação. Essa experiência tem reforçado meu desejo de continuar meus estudos em um nível mais avançado. Por isso, pretendo fazer um mestrado ou especialização, focado em educação infantil ou em ciências sociais, abordando temas como racismo e desigualdade. Estudar sobre a infância, questões raciais, desigualdades sociais e direitos é algo que amo e considero extremamente necessário. Acredito que aprofundar meu conhecimento nesses campos me permitirá contribuir de maneira significativa para a construção de uma educação mais justa e inclusiva, onde todas as crianças tenham a oportunidade de crescer e aprender em um ambiente que respeite e valorize suas diversidades. Além disso, a pesquisa no EEPI tem mostrado a importância de abordar essas questões com sensibilidade e rigor acadêmico. Tenho visto como o entendimento das

nuances da infância e das dinâmicas sociais pode transformar práticas pedagógicas e políticas públicas. Minha meta é continuar explorando essas áreas, com o objetivo de promover mudanças positivas e duradouras na sociedade. Com a pedagogia e minhas experiências, aprendi que minha jornada como professora e pesquisadora é contínua e enriquecedora. Isso implica em estar sempre disposta a investigar, buscar novos conhecimentos, experimentar abordagens pedagógicas diversas, refletir sobre minhas práticas, escutar atentamente as vozes das crianças e de todas as pessoas envolvidas no processo educativo, e acolher suas vivências e perspectivas. Além disso, compreendi a importância de adotar uma postura de aprendizado constante, reconhecendo que também aprendo junto com meus alunos e com as pessoas em geral.

Nesse contexto, percebo meu papel fundamental no desenvolvimento integral de cada indivíduo, buscando sempre integrar os pilares indissociáveis de cuidar e educar. Isso significa não apenas transmitir conhecimentos, mas também cultivar relações empáticas, promover o bem-estar emocional e social, e respeitar as singularidades e bagagens culturais de cada um. Afinal, reconheço que as palavras têm o poder tanto de ferir quanto de curar, e por isso é essencial que minha prática pedagógica seja pautada na empatia, na compaixão e no respeito mútuo. Uma aprendizagem sem afeto não é aprendizagem, e sim reprodução.

Assim, concluo dizendo que me senti profundamente acolhida pelos estudantes da UERJ. Acredito que a maioria deles enfrenta realidades semelhantes, como trabalhar, morar longe e lidar com dificuldades financeiras. Desde o primeiro dia, encontrei um ambiente inclusivo e acolhedor, com professores e colegas que incentivam meu crescimento pessoal e acadêmico. Escolhi Pedagogia, apesar da falta de apoio de algumas pessoas que desvalorizam a profissão ou questionam minha escolha, porque eu acredito no poder transformador da educação. Através do ensino, posso

contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, e é essa convicção que me motiva a seguir em frente, superando quaisquer obstáculos.

Quero continuar tendo um olhar cuidadoso e ser uma docente significativa na vida dos meus futuros alunos, assim como a professora Alexandra tem sido desde o início das primeiras aulas da disciplina de PPP (pesquisa e prática pedagógica), sempre amorosa, delicada, incentivadora e apoiadora, sem desvalorizar nossas bagagens culturais e nossas experiências, sempre me sinto muito confortável e pertencente nas suas aulas, irei sentir falta dos nossos encontros.

Além disso, desejo proporcionar oportunidades aos alunos que muitas vezes não têm acesso ou motivação e incentivo de suas famílias. Isso é essencial para promover igualdade e desenvolvimento social. Ao oferecer recursos e incentivos a esses estudantes, abrimos portas para que possam explorar seu potencial pleno, enriquecendo não apenas suas vidas, mas também contribuindo para a diversidade de ideias e talentos em nossa sociedade. Investir em uma educação inclusiva e motivadora é construir uma base sólida para o futuro, garantindo que todos, independentemente de suas circunstâncias iniciais, tenham a chance de alcançar seus objetivos e contribuir de maneira significativa para o mundo ao seu redor.

Referências:

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: _ Vários escritos. Ouro sobre azul, 2011. P. 171-191.

GERALDI, J.W (2013). Livro: **Portos de Passagem**. 5ºed. São Paulo: Editora WMF,2013. (linguagem)

Nossos passos: da Maré para a universidade

Luanna de Sena Passos

Memorial descritivo

Meu nome é Luanna de Sena Passos, moro no Complexo da Maré/ Nova Holanda, desde o ano em que nasci, em 1996. Os meus avós moravam aqui na comunidade também, no tempo das palafitas, mas certo dia, a minha avó por parte de mãe conseguiu ser sorteada, e com isso, conseguiu se mudar daqui para fora da favela com o seu marido (meu avô) e os seus sete filhos. Foram morar em Ramos. Quando criança, eu via a Vila Olímpica da Maré, a Escola Municipal Carlos Chagas, a casa da minha amiga Letícia, a igreja Santa Luzia e São Raimundo Nonato, a casa dos meus vizinhos e a casa dos meus avós como lugares de pertencimento.

A casa dos meus avós me marcou muito, porque ficava na direção do colégio onde estudei o meu ensino fundamental inteiro. Na casa deles eu recebia o afeto da minha vó, o cuidado das minhas tias, e por parte do meu avô, a música que me alegrava. Lembro que toda a família se reunia lá para assistir a Paixão de Cristo na sexta-feira santa, e alguns finais de semana a gente também ia assistir o Auto da Compadecida. Na escola eu me sentia com a autoestima muito boa, pois recebia elogios de todos os professores. Sempre fui bastante perfeccionista com os meus trabalhos, então eu amava entregar todos sem nenhum erro. Mas ainda, enquanto estudava, eu percebia que não conseguia acompanhar as aulas direito, mesmo estando quieta. Corria atrás de tudo o que não entendia na sala de aula, fazendo as leituras das atividades em casa. E quando isso não funcionava, eu ia direto a professora pedir ajuda. A professora Telma Calazans Montenegro me ajudou muito nos meus desesperos em matemática.

A casa da minha amiga Letícia Nascimento foi um lugar marcante para mim, no sentido de que foi naquele lugar que

eu brinquei de cozinha, brincava de bonecas, tomava banho de piscina na laje, foi lá que tive o meu primeiro contato com animais de estimação. Lembro-me do papagaio da casa dela que funcionava como uma campainha da casa deles. A gente chamava a pessoa do lado de fora, e o papagaio repetia o nome dela mais alto, para ela abrir a porta. Mas antes de conhecer a Letícia, eu brincava com meu primo Arley e meus vizinhos. Brincava de bola, aprendi com eles a montar pistas com dominó para brincar de carrinho, e também pião.

Todo o domingo eu também ia à igreja católica participar da catequese, e lá descobri que também gostava de cantar, então comecei a cantar nas missas e também entrei para o coral da Vila Olímpica da Maré. Depois na Vila Olímpica, por conta de um problema de saúde, eu também precisei entrar nas atividades físicas. Entrei na capoeira, *ballet*, *jazz*, natação e teatro. E lembro-me de uma situação em que passei com uma professora de natação. A atividade era abrir os olhos debaixo da água, e eu repetia insistentemente que não conseguiria realizar essa atividade. Aí a professora Evelyn olhou bem nos meus olhos, e disse que eu iria conseguir, e me pediu para falar o contrário, falar que iria conseguir. Depois de um tempo fazendo essas afirmações positivas, eu consegui. Levo isso para a vida quando encontro alguma dificuldade.

Na minha casa na Maré, onde moro até hoje, durante a minha infância, eu morava com meus pais. Minha mãe era dona de casa e meu pai era garçom. Lembro que quando o meu pai chegava do trabalho, me entregava às gorjetas que recebia por lá. E também recebi um cofre. Então toda a vez que ele me entregava às moedas, eu colocava no cofre para comprar alguma coisa que gostasse. E geralmente eu comprava sempre alguma coisa na feira, porque existe uma feira muito famosa aqui na Maré, na Nova Holanda, que fica na Rua Teixeira Ribeiro, e ocorre todo o sábado, e essa feira é exatamente na rua onde eu moro. E minha mãe, sempre

uma mulher muito cuidadosa com os afazeres de casa, e também presente comigo. Lembro-me de algumas vezes me sentir sozinha ao brincar, e ela sempre arrumava um tempo para brincar comigo em casa. É que meu pai saía muito cedo para trabalhar e voltava de madrugada. Então somente via meu pai nas folgas dele. E também me lembro de receber muitos DVDs da minha tia Adriana, a irmã da minha mãe. Então quando a minha prima Maria Antônia, não queria mais assistir algum DVD, ela sempre passava para mim. Lembro-me de assistir os filmes “Deu a Louca na Chapeuzinho”, “Shrek” 1,2,3,4 e 5, vários “Xuxa Só para Baixinhos”, etc.

Minha relação com o meu pai era bem complicada, porque via que meus pais brigavam muito, e percebia que meu pai não deixava a minha mãe ter a liberdade dela. Ele também não nos deixava sair para ir à casa dos meus avós, ou para alguma festa junina da igreja. Porque ele achava que só poderíamos sair com ele. Já vi meus pais brigarem, porque meu pai se irritava com o fato da minha mãe me levar ao médico. Porque segundo o meu pai, eu não tinha nada. Ele dizia que médico matava. E meu pai me agredia muito quando entrava em crise. Depois de um tempo, quando eu tinha dez anos, o meu pai ficou desempregado, e não conseguia mais emprego, então ele começou a surtar. Foi um sufoco, a minha mãe e os primos do meu pai indo de hospital em hospital tentando encontrar uma solução para ele, uma internação. Somente trocavam muito os remédios dele. E o diagnóstico de esquizofrenia chegou. Até que veio a falecer com cinquenta e dois anos, e acabou morrendo do coração. Eu tinha dez anos.

Desenvolvimento

Eu não me achava muito inteligente, apesar de tirar notas boas no fundamental e no ensino médio, porque sempre fui exigente comigo mesma. E também havia muita cobrança por parte dos meus pais, que eu fosse a melhor. Quando eu tinha quinze anos, eu me inscrevi em um Pré-técnico para

fazer uma prova, para entrar no ensino médio técnico. E me inscrevi na prova da FAETEC com o técnico de secretaria escolar. E passei, com grande surpresa. E entrei no ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro).

A experiência nesse local foi bem interessante, porque fiz aula de teatro por mais ou menos um ano, conheci pessoas novas, e tenho amizades desse lugar até hoje. E fui muito feliz fazendo as aulas de teatro, porque se não fosse isso, creio que meu desenvolvimento para fazer as apresentações na turma iria ficar comprometido.

Alguns colegas de turma conseguiam perceber o meu desenvolvimento, mas eu não conseguia. Então lembro que no terceiro ano do ensino médio, eu nem fiz a prova da UERJ, por não acreditar em mim. Aí no ano seguinte eu entrei no pré-vestibular das Redes de Desenvolvimento da Maré. Lembro que tinha muita disciplina para estudar para a prova. Na hora de escolher o curso, pensei em pedagogia por conta de tudo o que me lembrei do passado, e também porque eu tinha o curso de secretaria escolar. Lembro-me de estar fazendo o estágio na secretaria do CAP- UERJ e as professoras falavam que eu passaria para as salas de aula daquele colégio.

Passei para pedagogia na UERJ em 2016, e nos dois primeiros períodos eu me dediquei arduamente apesar de trabalhar no projeto “Nenhum a Menos”, e na rua como vendedora. Mas no semestre em que passei, era greve, então só entrei no próximo, em 2017. Depois ainda peguei mais duas greves, alguns semestres depois. Na UERJ era tudo muito novo para mim, e eu sempre quis entregar tudo perfeito, mas tive que lidar com elogios e críticas em relação aos meus trabalhos. Tive também que passar pela questão da não compreensão de alguns professores em relação ao fato de eu morar na favela, e passar por muitos dias de operações, então já tive uma professora que me reprovou duas vezes, porque não conseguia fazer as provas por ser dia de operação, e porque a minha mãe ficou doente e tive que

cuidar sozinha, porque sou filha única. Quase enlouqueci, apesar de fazer acompanhamento psicológico na UERJ, no Serviço de Psicologia Aplicada. Liguei para o CVV (Centro de Valorização a Vida) algumas vezes, e em muitos momentos esse serviço me salvou. Arriscava a minha vida, para entregar um trabalho ou fazer alguma prova. Isso porque em alguns dias de operação, eu saía de casa nas pausas dos tiroteios. Até que um certo dia minha boca ficou torta, e eu fiquei com o lado esquerdo do rosto dormente. O médico me falou que tive um problema neurológico por estresse, mas segui estudando, tomando calmantes, e pegando poucas matérias. Percebi que a vida de adulto não é fácil não. Além de lidar com os meus momentos depressivos, ainda tive que cuidar da minha mãe, que teve um AVC e surtou depois de uma cirurgia para a retirada de um tumor na tireoide. Foram três meses cuidando da minha mãe em casa, e naquela incerteza se voltaria para a UERJ, mas aí voltando do trabalho com uma amiga, ela me abriu os olhos de que a minha vida universitária tinha que dar continuidade, porque a minha mãe já estava conseguindo caminhar com as próprias pernas. Então fiz minha inscrição novamente. E nesse retorno foi muito engraçado, porque parecia que eu estava em 2017 novamente. Tive a mesma empolgação do ano em que entrei. E percebi que a minha vida também era importante, porque alguém dependia de mim. Depois disso, nunca mais saí de casa durante operações policiais. Durante esse processo de UERJ, também foi um processo de autoconhecimento para mim. Fiz amizade com um colega de turma chamado Roberto Marquez, ele assim que me viu, percebeu que eu poderia ser TDAH igual a ele. Me emprestou até um livro que falava sobre esse assunto: “No Mundo da Lua”. Andava com ele para cima e para baixo na UERJ, ele me apresentou o restaurante universitário, o CAPF, o COART, até o Paulo Freire ele me apresentou nos primeiros períodos dentro da biblioteca no andar de Pedagogia. Na UERJ fiz muitas

amizades que me ajudaram muito nessa caminhada. E estudando as dificuldades na aprendizagem descobri que além de ser TDAH, eu poderia ser autista. E estou quase recebendo meu diagnóstico. Fiz amizade também com uma pessoa com deficiência visual, que é o Paulo, e no período passado eu pude ser a guia dele. Então sinto que aqui na UERJ é isso, um dando força ao outro. Depois fiz um estágio na Creche Municipal Nova Holanda, bem próximo a minha casa, e foi nesse mesmo lugar que a minha mãe estudou na escola primária. Fui muito bem recebida pela diretora Cristiane Chiletto e pelas professoras Thaís, Rose e Érica. E elas muito pacientes explicando cada parte da rotina das crianças. Lá conversando com a Thais, ainda descobri que ela me conhecia do tempo que eu cantava nas missas das crianças na igreja Santa Luzia. E a Damiana, uma das mulheres que trabalham nos serviços gerais da escola, é mãe de uma colega de turma chamada Thalia, do tempo que eu ainda estudava no Carlos Chagas. Mas o estágio acabou bem rápido, porque são apenas 60 horas de acompanhamento na creche. Mas o término do estágio para receber o termo de compromisso, foi algo bem complicado. É porque eu acreditava que a CRE mandava esse documento para o e-mail da creche, e com isso eu sempre perguntava a diretora se havia chegado, mas só no penúltimo dia de entrega do documento que descobri que entregavam na forma física, e a diretora me disse que esse documento não chegou por lá, e me pediu para ir na Escola Primária Nova Holanda, mas chegando nessa escola, também não havia chegado. Então precisei voltar mais uma vez na CRE para que eles me dessem ao menos uma xérox carimbada e assinada comprovando esse estágio. Na faculdade ainda reencontrei a Mariane e a Waléria. Elas entraram no mesmo ano em que eu entrei, e ainda estão resistindo para poderem terminar a faculdade. E todo o semestre vou conhecendo novos colegas, e com eles aprendo cada vez mais. Às vezes acabo descobrindo alguns colegas que moram próximos de mim,

então aproveitamos para marcar de irmos embora juntos. Mas outra situação que me desanimou na faculdade, foi fazer trabalho em grupo. Não foram todas as situações ruins, mas acontece de uma pessoa às vezes não ter a responsabilidade de enviar o trabalho em grupo, e isso é muito frustrante, porque é uma sensação de que alguns trabalhos foram feitos em vão.

Conclusão

Escolhi a UERJ por ser uma universidade pública, de qualidade e inclusiva, até porque sou aluna de escola pública a vida toda. E com a ajuda da BAVS (Bolsa Auxílio Vulnerabilidade Social), tenho permanecido na UERJ sem problemas. E a minha escolha por pedagogia, foi porque no ensino fundamental eu tive muita admiração por alguns professores, e dessa forma me imaginei em algum momento também realizando o trabalho que eles faziam. Também porque a pedagogia é algo amplo, então além de professor, você pode também trabalhar na área administrativa. Mas sendo bem sincera, eu amo crianças, amo trabalhar com elas, receber o *feedback* delas. Quer uma opinião sincera sobre sua aula? Pergunte a eles, que eles vão te falar o que fazer. Digo isso porque trabalho no projeto “Nenhum a Menos”, e estou nele desde o ano que passei na UERJ, e naquele lugar aprendo todo o dia o que é ser professor.

É até complicado dizer que aprendi tudo nesses anos, porque todo o ano é sempre uma novidade. Cada aluno traz algo novo para a gente pensar em um trabalho. Para o aluno hiperativo, a gente entrega o alfabeto móvel ou uma folha para ele desenhar, para o aluno com muita vergonha, a gente se aproxima somente dele, sem a aproximação de outros colegas, quando há uma operação, no dia seguinte, a gente pergunta como eles estão, porque o psicológico deles fica bem abalado. Também trabalhamos com livros que trazem uma representatividade para eles, porque a maioria dos alunos é negra, então trazemos livros com personagens

principais negros, para eles se sentirem empoderados. Trabalhamos também a questão de gênero, para que as meninas saibam que elas podem ser o que quiserem, e para que os meninos também saibam que homens também choram, e nem por isso eles são afeminados. E para que o machismo acabe através dessas crianças, trabalhamos com os livros “Coisa de Menina e Coisa de Menino”. Conversamos também que os meninos podem ajudar na casa, e que isso não é somente coisa de meninas. Também o projeto prioriza a questão de as crianças poderem sair para passeios, porque para muitas crianças a única possibilidade de sair a passeio é através do “Nenhum a Menos”. E sempre que saem é um aprendizado. Estava com uma aluna chamada Ana, e ela ficou observando o preço das coisas em Copacabana, e ficou até horrorizada. Elas também conseguem ter momentos relaxantes nesses passeios na praia e também com a atividade do professor Gustavo, quando ele faz meditação com as crianças. Mas o Gustavo é da equipe da “Lona”, não é do “Nenhum a Menos”, mas é sempre uma parceria.

No “Nenhum a Menos” as crianças também aprendem sobre o disque 100 para denunciarem violência sexual, cárcere privado, tráfico de pessoas, etc. No projeto as crianças têm aula de música e melhoram na leitura e na escrita, porque toda a semana elas têm algumas atividades de escrita e leitura. Mas ainda assim, as nossas aulas estão sendo prejudicadas pelas operações policiais que ocorrem de forma semanal na comunidade. E todos que moram na Maré são prejudicados, tanto as crianças como os adultos. Muitos tentam trabalhar na própria comunidade para continuarem trabalhando, porque se conseguirem um trabalho fora da Maré e faltarem por conta de operações, podem perder o emprego. Então algumas pessoas que trabalham fora da favela, quando podem, ainda saem para morar de aluguel, para não serem demitidos por causa disso.

Começos e meios do "meu" Memorial

Luiz Tiago da Silva Gomes

É nesta [...] concha da minha cabeça, nesta gaiola [...] que será preciso mostrar-me e caminhar; é através desta grade que será preciso falar, olhar, ser olhado; sob esta pele deteriorar. Meu corpo é o lugar.

A alma funciona no meu corpo de maneira maravilhosa. Nele se aloja, certamente, mas sabe bem dele escapar: escapa para ver as coisas através das janelas dos meus olhos, escapa para sonhar quando durmo, para sobreviver quando eu morro.

(Foucault, O corpo utópico, as heterotopias, 2013).

Os começos e meios

A escrita de um memorial tornou-se um desafio, o qual pretendo encarar. Mas nunca sozinho. Escrever envolve uma paisagem, para além das possibilidades, cheia de sentimentos, momentos, pessoas, livros, músicas, acertos e tropeços. Quando o desafio é escrever sobre si, outros traços e tramas são tecidos. Há memórias que podem ser esquecidas durante a escrita. Outras podem ser incluídas e excluídas por opção.

Para este primeiro memorial sobre *eu*, me apego nas minhas memórias e nas escritas de autores que de uma maneira ou outra me formam. Começo com Jefferson Tenório que no livro "O avesso da pele" (2020) me tira dos trilhos (para Manoel de Barros, quem anda nos trilhos é trem de ferro).

Você se transformou em uma máquina de dar aulas. Numa máquina de dar explicações. Numa máquina de *ei, já pedi silêncio*. Numa máquina de *ei, preste atenção*. Uma máquina de *não pode ir ao banheiro agora*. Numa máquina de paciência para não espancar aqueles alunos que não querem saber nada de orações subordinadas [...] A cada turma que você entra, a cada hora gasta da sua vida, você vai sentindo que está no lugar errado. Você precisa ser honesto consigo

mesmo: você não sabe como se tornou professor (Tenório, 2020, p.19).

Para Micheline Verunschik, no livro “O som do rugido da Onça” (livro que indico de olhos fechados), “as letras são animais que, depois de domesticados, apenas obedecem” (2021, p.37). Assim, pretendo aqui domesticar as letras para falar d’eu.

Deixá-las livres e à vontade na medida em que a escrita encontra minhas memórias e as escava mais e mais. Deixo fluir. A compreensão e os sentidos caçam jeito. Nesta caçada proponho a construção dos caminhos que me tornam professor. No que diz respeito à maneira da escrita deste memorial, Ruth Rocha, que me acompanha na jornada de formação enquanto professor, me ajuda. Para a autora:

As coisas que a gente fala saem da boca da gente e vão voando, voando, correndo sempre para frente. Entrando pelo ouvido de quem estiver presente [...] Mas às vezes as palavras vão entrando nas cabeças dando voltas e voltas, fazendo reviravoltas e vão dando piruetas [...] Quando falamos temos que tomar cuidado. Que as coisas que a gente fala vão voando, vão voando, e ficam por todo lado. E até mesmo modificam o que era nosso recado (ROCHA, 2012, p.8-9).

Assim, minha escrita tanto escapa dos trilhos quanto os segue. Entendo a responsabilidade na escrita deste texto que fala, sobretudo, d’eu. Há marcas cheias de dúvidas: *é isso que eu quero para minha vida? Fiz a escolha certa? Vou virar uma máquina de dar aula?* Essas, talvez, sejam questões comuns que me atravessam, mas que fazem parte de um conjunto genérico. Milan Kundera, em *A insustentável leveza do ser* (2008), permite pensar que tudo bem ter dúvidas.

Em trabalhos de Física, qualquer aluno pode fazer experimentos para verificar a exatidão de uma hipótese científica. Mas o homem, por apenas uma vida, não tem

nenhuma possibilidade de verificar a hipótese por meio de experimentos, por isso nunca saberá se errou ou acertou (Kundera, 2008, p.12).

Na condição do tempo em que eu escrevo tenho 22 anos e estou no 8º período da graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Caminhando para o término desse *meio*. Digo meio, pois penso totalmente inspirado em Nêgo Bispo, que minha trajetória na Educação é começo, meio e começo. Nos termos curriculares e do histórico, iniciei minha formação para/de professor em 2017 no Curso Normal. Para ambientar: o Curso Normal é a formação no Magistério para atuação nos Anos Iniciais da Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos no Nível Médio, no Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral (CEIAA).

De lá, participei de eventos, musicais, seminários e passeios. Organizei eventos. Fiz campanha contra *ele* (2018). Fui às manifestações em defesa da educação pública (2019). Fiz aproximadamente 900h de estágios em três anos. Ri, chorei e aprendi nas escolas que fiz estágio. Corri dos alagamentos do Rio de Janeiro em dias de chuvas moderadas e fortes. Dormi inúmeras vezes no transporte público. Pensei em desistir. Encontrei forças para continuar. Fiz o vestibular. Passei! Fica viva até hoje na minha memória a felicidade da minha avó, Osvaldinha da Conceição Gomes (mulher negra, nascida na Rocinha, doméstica sem os seus direitos) com a notícia. Hoje, ela é ancestral no Orun (céu). Mas afirmo que sou quem sou graças também a ela. Osvaldinha, presente!

De cá, na Universidade, meus primeiros semestres na graduação foram, podemos considerar atípicos. Com a pandemia de Covid-19 as dinâmicas das aulas foram na base do Ensino Remoto Emergencial (ERE), nas Ambientes de Aprendizagem Virtual (AVA), nas dezenas de plataformas de reuniões online. Dinâmicas dos desencontros. Das janelas e áudios desligados.

A perspectiva pela vacina, resultado do fomento ao ensino e pesquisa, e a larga defesa da vacinação pelo Sistema Único de Saúde solidificaram o anseio utópico pelas aulas presenciais. Pelos encontros, afetos, desafetos. Pela cotidianidade da vida.

Minha primeira aula online na graduação foi da disciplina eletiva “Cultura Afro-Brasileira e Educação” oferecida pelo Departamento de Ciências Sociais e Educação. A escolha pela disciplina ainda no 1º período estava interligada com a minha inquietação em engajar a mudança do cenário de glorificação de saberes eurocêntricos. A luta antirracismo sempre esteve e estará em *mim*. Faz parte de mim. Sou um homem negro. E me movimento na sociedade desta forma. Acrescento que sou um homem negro, umbandista, bissexual e pertencente à classe trabalhadora. Lutar é parte de mim.

No Curso Normal, em 2018 idealizei e organizei o evento *Educação Antirracista: desafios para a formação de Professores* (com total apoio, é necessário marcar e agradecer, da Diretora Adjunta, Ana Paula). Os debates do evento estavam em torno da lei 10.639/2023.

No evento, elaboramos um painel dedicado à Conceição Evaristo, que me constrói e movimenta. Em 2023, pude, na UERJ, graças à iniciativa e organização dos estudantes de Serviço Social, receber um leve aperto de mão de Conceição Evaristo e dizer “que Xangô te abençoe”. E, em resposta, recebi: “axé”. Para quem é negro, axé diz muita coisa. Axé carrega em si centenas de palavras e sentidos.

Sou filho do orixá Xangô. E é ele quem honra meus passos. E eu honro os caminhos que ele me dá. Xangô é o axé que permite minha existência. Xangô é o axé que enche meus pulmões.

*Eu vim [viver] / E sem querer mergulhei fundo / Xangô já
cansou de me dizer / Que seu calor é quem faz meu mundo
(Alcione, Afreketê).*

Antes do Curso Normal, estudei na Escola Municipal Silveira Sampaio. Foram quatro anos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) explorando em goles pequenos todas as possibilidades da educação pública, dentro e fora da sala de aula. Atletismo no 6º ano. Teatro no 7º. Artes plásticas no 9º - escrevendo sobre, rio junto com as minhas memórias, pois fugi inúmeras vezes da aula de educação física para a aula de arte; foi como fugir da escola para ficar na escola. No 9º, em 2016, organizei com a ajuda de uma colega, inspetora na Escola Municipal Alina de Brito, que estudei durante o Ensino Fundamental I (Educação Infantil ao 5º ano) e, por coincidência inspetora na *Silveira Sampaio*, que na época estava cursando letras na UFRJ, o evento “Não existe História única: África em sala de aula”. Fátima, minha colega, teve o privilégio de ser aluna da professora Aza Njeri, hoje professora da PUC-RJ. O esquema era o seguinte: Aza ensinava Fátima na UFRJ e Fátima me ensinava o que aprendeu, durante os recreios e almoços na escola. O resultado foi convidar Aza para o evento; aliás, o nome foi escolhido por ela. A atividade foi como uma estratégia de aprendizagem; já que na época era inviável ir para a UFRJ à noite. Entre os aprendizados no contexto o que ressoa cotidianamente em mim diz respeito à filosofia dos Adinkras. Aza, me ensinou naquele tempo, a filosofia do Sankofa. Sankofa é nossa memória ancestral no presente. Para o professor Maurício Barros:

Quer dizer que quando você se esquece de algo é preciso retornar ao lugar onde o acontecimento foi esquecido para recuperá-lo. Isso vale não apenas para retornos geográficos, mas para quaisquer perdas do passado. Cabe como uma luva para os brasileiros em busca de suas raízes ancestrais na África contemporânea (Portal Geledés, 2021).¹

¹Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sankofa-a-africa-que-te-habita/>

Hoje, me movo em vários aspectos e cenários da minha vida olhando para o passado para vislumbrar um futuro. A partir do evento, passei a acompanhar Aza e me dedicar aos estudos ancestrais que são, antes de tudo, *eu e nós*.

Durante o ano de 2018, quando estava no 2º do CN participei como ouvinte de um semestre de aulas da Aza no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ). Na ocasião Aza dividia as aulas com a filósofa Kátiusca Ribeiro. Observo que Aza permitiu a construção de fios com diferentes pessoas que compartilham da luta antirracista, entre elas destaco a Psicóloga Dandara Aziza e o Cineasta Clementino Junior, que além de inspirações, são ancestrais vivos e meus amigos. Os dois participaram do evento que aconteceu no CEIAA.

No texto *Filosofia e Antirracismo: Direito*, que produzi em 2020 para o site Ativismo Negro, problematizei questões que envolvem o ensino a partir da Lei 10.639/2003. No texto, iniciei com o fator da Constituição Federal de 1988, considerada cidadã, não legislar sobre a educação nos seus primeiros artigos. A reflexão deu-se sobre a hipótese do *adiamento* da formulação de um artigo para a educação, a princípio, leva a crer que há *temas* na sociedade mais importantes que a Educação brasileira. Com a brecha do significado do papel da educação na formação da identidade nacional (GOMES, 2020).

Na ocasião discuti que apesar da implementação da Lei 10.639/2003, ainda existe no cenário escolar, e prepara-se, uma lógica eurocêntrica e hegemônica nas ações docentes, nas gestões e nas produções dos currículos escolares. Em 2023, no Seminário Nacional “20 anos da Lei 10.639” organizado pela ANPUH, compartilhei essa discussão com outros estudantes e pesquisadores.

Para subsidiar a discussão, no que diz respeito ao Direito, participei do curso “A Filosofia Africana e o Direito” oferecido pela Ordem dos Advogados do Brasil em 2020. O curso “Para entender raça e racismo: raio-x do Brasil no

século XXI” oferecido pela Escola de Formação Política Castro Alves também em 2020 permitiu a problematização da lógica meritocrática estatal. Para a Rebouças (2020), a lógica meritocrática permite a criação de uma moldura educativa e jurídica que marginaliza a cidadania do sujeito negro; negando direitos, acessos, oportunidades.

Embora dedicado às questões envolvendo a luta por práticas antirracistas, a vivência na Universidade pouco construiu subsídios para tal. Parto para uma primeira crítica para a quantidade de professores negres na Faculdade de Educação; é visível que são poucos. A segunda é referente à oferta de disciplinas que discutam propostas de ensino com o que está promulgado na lei 10.639/2003 e 11.645/2011. O contexto abre as brechas para a discussão do perfil de Pedagogo e educação que está sendo formado na Faculdade de Educação.

Angela Davis nos lembra de que a luta é um processo constante. No espaço escolar é necessário estabelecer estratégias. O que encontrei, a partir da relação com *nós*, na graduação foi a organização do Ciclo de Debates “Diálogos para a formação de professores: educar, incluir e transformar”². Trata-se de um evento realizado semestralmente desde 2022 na primeira semana de aula da graduação. Quando falo do evento (na intenção que ele já dê voltas e reviravoltas), apresento a marcação *que aqui* (na Faculdade de Educação) não há espaço para racistas, homofóbicos, capacitistas, machistas etc. O evento é construído a partir do cenário de falas transfóbicas e racistas feitas em aula do 1º período, presenciadas por mim e por colegas. Por isso, é objetivo marcar aqui não. Inicialmente, tratava-se de uma organização de estudantes para estudantes com o intuito de evitar a perpetuação deste cenário; propondo os debates éticos, político e estético para a formação de professores. O evento justifica-se na máxima

²C.F.: startped.amigoped.com.br

de que não é possível formar futuros professores que sejam racistas, transfóbicos. E também na perspectiva de criação de políticas em oposição à lógica meritocrática.

A organização ganhou contornos formais e acadêmicos. Integrou também projetos e iniciativas, como o Futuro UERJ. E recebeu apoio da Faculdade de Educação através da Coordenação de Monografias. O primeiro Ciclo no semestre de 2023.1 propôs a discussão com professores universitários, da educação básica, artistas, escritores e educadores de movimentos sociais.

Retornando à escrita interconectado com uma paisagem de ideias, pessoas, sentimentos, sonhos, Certeau (1994) me faz lembrar sobre o lugar dos grupos na minha formação. Considero que meu *começo* em participação de grupos de pesquisas é anterior ao meu ingresso na faculdade.

Ao longo do CN participei de atividades de extensão, palestras e seminários na Unirio e UERJ, sendo meu primeiro contato com a paisagem da pesquisa e extensão da universidade. Na UERJ, em 2018, participei do 2º curso “Ecologia Política e Educação Ambiental de Base Comunitária na América Latina”, quando conheci pesquisadores do grupo de Estudos em Educação Ambiental desde *El Sur* (UNIRIO). Em 2019 participei de outra série de palestras e seminários na UERJ. Destaco os organizados pelo Laboratório de Políticas Públicas (LPP), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Formação Humana (PPFH). Nessa série participei, enquanto ouvinte, do Seminário Internacional “Alternativas ao capitalismo e a contribuição de Elmar Altvater”. E, durante a participação nos dois dias do seminário conheci o professor Gaudêncio Frigotto (UFF/UERJ) e o seu trabalho. Então surge a intenção de participação no LPP vinculando ao ingresso à UERJ e às problematizações de educação e políticas públicas. Com o ingresso na universidade, começo a participar como ouvinte das atividades do grupo THESE - Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho, História, Educação e Saúde, vinculado

ao LPP/PPFH, Fiocruz e Universidade Federal Fluminense.

A participação no THESE me permite a construção de arcabouço teórico e metodológico em pesquisas integradas em trabalho, história e educação. Em 2023, pude apresentar os processos da minha pesquisa de monografia no XVIII Seminário de Produção Científica do Grupo THESE. No evento apresentei os objetivos do trabalho e os aportes teóricos. Pesquiso os processos de escolarização das primeiras letras nos primeiros anos do Império, a utilização e oficialização do Método de Ensino Mútuo. A pesquisa é resultado de dois movimentos.

O primeiro trata-se da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica “Mundo Luso-Afro-Brasileiro no século XIX e XX”, oferecido pelo Departamento de Ciências Sociais e Educação. Na disciplina focalizei nos processos históricos e nos processos formativos da cultura escolar. Discutindo as permanências e rupturas dos processos históricos. Como resultado da disciplina, em 2023 participei do 32º Seminário Nacional de História da ANPUH no Maranhão; apresentei o trabalho “Os discursos da História do Cotidiano na difusão do Método de Ensino Mútuo (1827) e na BNCC (2017)”.

O segundo, a participação no Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Meu ingresso no NEPHE deu-se através do programa AIPA - Atividades de Inserção em Projetos Acadêmicos. O programa coordenado pela Pró-Reitoria de Políticas e Assistência Estudantis (PR4-UERJ), busca potencializar o desenvolvimento acadêmico de estudantes cotistas na Universidade. Através do programa tive acesso aos projetos de pesquisa, ensino e extensão dos professores da UERJ, e escolhi um projeto que pudesse me possibilitar o ingresso no campo da pesquisa e ensino. Diante disso, em 2021 ingressei no NEPHE como pesquisador voluntário.

No processo de pesquisa e atuação no NEPHE foi possível discutir e criar outras formas de divulgação do trabalho



científico produzido por pesquisadores do Núcleo, neste momento, destaco a criação do *Podcast* “História ao pé do ouvido”. Também a produção do documentário “Margens da Independência do Brasil³” (o documentário faz parte da série “Se liga na História”. No material, discutimos - trata-se de um trabalho do grupo - os desafios do Estado brasileiro na formação da identidade do Brasil e do brasileiro pela/na escola). Posso estabelecer que as funções da escola e da educação fazem parte da minha preocupação como um professor em formação.

E, constroem estratégias para problematizar a cultura escolar e reproblematicar as possibilidades de transformação e produção de subsídios éticos, políticos e estéticos.

Reafirmo minha preocupação com a cultura escolar com a observação das desigualdades sociais e preconceitos enfrentados por crianças com suas subjetividades. A fim de fortalecer os subsídios de discussão e produção ingressei em 2023 no grupo de pesquisa Kékeré (miúdo em yorubá). O grupo organiza o I Seminário Luso-Brasileiro em estudos da criança e I Seminário Luso-Afro-Brasileiro com o tema “Esperançar nas Redes: Infância, Contracolonização e interseccionalidade” (2024).

promoveremos um momento de encontros, pontes e diálogos em língua portuguesa acerca do estado da arte, das distintas epistemologias e metodologias dos Estudos da Criança. Nossa ênfase será na interdisciplinaridade, na invenção artística e na defesa da criança como cidadã política e da infância como possibilidade de educação e resistência. Em diálogo com diversas áreas do conhecimento, a programação conta com conferências, mesas redondas, oficinas, mostra de filmes, lançamento de livros, exposição, plenária dos grupos de pesquisa e comunicações orais⁴.

³Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=K5-ga3Aexjo>

⁴C.F.: <https://doity.com.br/estudosdacrianca2024>

No Kékeré, aprendi, sobretudo, que “a história é um vento. Ela espalha ventos de mudança. Quem sopra esse vento somos nós” (CAPUTO, 2017).

Diante desses *começos e meios* decidi submeter um projeto de pesquisa para o programa da CAPES e Ministério de Igualdade Racial da primeira seleção Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul⁵.

Os Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul vai estimular a troca de conhecimentos, experiências e políticas públicas que contribuam para o combate do racismo e para a educação das relações étnico-raciais a partir da cooperação acadêmica entre instituições de ensino superior e incentivo a pesquisas e ao desenvolvimento científico e tecnológico para a promoção da igualdade racial. Além disso, a ação fortalecerá a formação inicial e continuada de educadores na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2023).

Em resumo, a proposta de pesquisa submetida e aprovada é em torno dos processos de escolarização em Moçambique no pós-Independência (1975) com correlação com o contexto histórico experimentado no Brasil em 1975. No cenário da Ditadura Civil-Militar no Brasil a circulação de ideias, notícias e eventos esteve sob vigilância da censura e repressão. Diante disso, o objetivo é mapear como o acontecimento da Independência de Moçambique circulou no espaço brasileiro e como as memórias do acontecimento circulavam no país.

Entre *começos, meios e finais* há a possibilidade de mudanças. Para encerrar com a paisagem que me move, edifica e modifica. Segundo a Coordenadora de Justiça Racial e Combate ao Racismo do Ministério da Igualdade Racial, Kátia Regis, a ação do programa objetiva a articulação política no nível nacional e internacional do

⁵C.F:<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-abre-selecao-para-intercambio-em-mocambique>

enfrentamento ao racismo e crença na construção da educação a partir de outra perspectiva epistemológica e do arcabouço para a lei 10.639/2003.

Para marcar a continuação de começos “a história é mestra do futuro, mas também do presente” (Verunsch, 2021, p.69).

Referências:

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. [Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. [Tradução Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel, (1984). **O corpo utópico às heterotopias**. [Tradução: Salma Tannus Muchail]. 1º ed. São Paulo: Edições, 2013.

KUNDERA, Milan (1929). **A insustentável leveza do ser**. [Tradução: Teresa Bulhões da Fonseca]. 1º ed. São Paulo: Letras, 2008.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ROCHA, Ruth. **As coisas que a gente fala**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2012.

VERUNSCHK, Micheliney. **O som do rugido da Onça**. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

“Antes de chegar, tudo é sonho”: nos vemos no exercício docente

Luma de Lima de Oliveira

"(...) se estiver se sentindo desmotivado, ou sentindo que não é bom o suficiente, incendeia o seu coração, enxugue as lágrimas e siga em frente, quando se entristecer ou se acovardar lembre-se que o fluxo do tempo nunca para, ele não vai te esperar enquanto você se afoga em Tristeza (...)".

Kyojuro Rengoku; Kimetsu no Yaiba

A proposta de fazer memória sobre minha trajetória no Curso de Pedagogia, na UERJ Campus Maracanã, revela um desabrochar que transcreve as mudanças geradas no decorrer da caminhada acadêmica, e de vida até aqui. Gostaria de contar neste relato as boas e más histórias, os dois lados da moeda que nos forjam dentro deste espaço; narrar um pouco das dores e alegrias de se chegar neste lugar, mas deixar claro que sua resistência e permanência dependem sim, de você, também do quanto você está disposto a lutar por este sonho, falo de um micro, circunscrito no curso de formação de professores pedagogos, mas acredito que tudo o que será descrito pode ou não atravessar outros cursos, outras vidas e outras narrativas.

Antes de realizar este movimento, quero me apresentar; meu nome é Luma de Lima de Oliveira, tenho 25 anos, sou moradora do Complexo de Favelas da Maré, sou uma mulher que tem grandes sonhos e sei que tenho total capacidade de conquistá-los. A comunidade em que moro fica localizada na Zona Norte do Estado do Rio de Janeiro, com uma territorialidade peculiar, entre o cruzamento de três vias expressas: Av. Brasil, Linha Amarela e Linha Vermelha, característica que contextualiza a Maré como esse espaço de encruzilhada, culminando na proximidade da população ao espaço urbano da cidade. Quero iniciar essa narrativa



deixando claro, que minha caminhada de maneira nenhuma deve ser colocada como de superação, mas sim, trajetória, caminho, luta, rebeldia, paixão, e tantas outras formas de enxergar, como bem traduz Faustini, V. (2009), em seu *Guia Afetivo da Periferia*, quando fala sobre sua trajetória, como uma precoce biografia.

O meu percurso educacional inicia-se nas escolas localizadas na própria comunidade, do ensino fundamental ao médio. Escola Municipal Nova Holanda, em que permaneci do 1º ao 4º ano do fundamental; e que hoje é creche, o Ciep 326 Professor César Pernetta onde permaneci do 5º ano do fundamental até o 3º ano do ensino médio, e finalizo os anos de escolarização no ano de 2016. Viver dentro desta realidade em escolas dentro da comunidade e de aproximada residencial, me colocou dentro de uma verdade muito dual, ok estar perto de casa é bom, traz facilidade no deslocamento, maior participação e comunicação da escola com o território; mas também apresenta violência, medo, desmotivação, vulnerabilidade e tantos outros argumentos de separação, entre escola e favela.

Ter experienciado minha educação dentro da favela mostrou o potencial de resistência, luta e superação de todos os favelados na busca do futuro melhor, a partir do viés da educação; sei que não foram momentos fáceis, passar por operações policiais, descréditos de professores, estrutura precarizada, alienação dos corpos favelados, no que diz respeito ao alcance e limites pré-estabelecidos de forma socioeconômica e socioespacial, reduzindo sobre cada um aonde devemos ou não chegar. Por tantas vezes foram os martelos que me moldaram em uma forma de medo, falta de pertença e condenação de mim mesma.

Nos dois últimos anos de escola surge uma oportunidade muito interessante, participar do projeto Jovens Talentos FAPERJ, no território também, mas em um lugar afetivo e reconhecido por mim, o Museu da Maré, um lugar de resgate

e memória dos protagonistas favelados e da linha temporal do território que hoje é a Maré; foi lá que eu pude conhecer Carolina Maria de Jesus, Lendo o Livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, o Livro *Contos e Lendas da Maré*; fazer mediações no museu, aliado também à biblioteca Elias José que fica localizada no museu da maré, observar rodas de mediação de leitura e contação de histórias; foi uma fase muito rica e importante para minha formação como moradora, pedagoga em formação, pesquisadora e indivíduo de maneira completa.

Após o tempo escolar, foi necessário estabelecer um novo movimento, entender-me em uma realidade de "adulta" aos 17 anos e tendo que trabalhar dentro da favela, porque poucas empresas querem dar oportunidade a quem está na busca do primeiro emprego, ainda mais para quem é estigmatizado por morar em comunidade e ter sua educação dentro desse espaço. A luta até chegar à faculdade não foi fácil, saí da escola como disse em 2016, e só entrei na faculdade em 2020, foram quatro anos em pré-vestibular social, a Redes da Maré me impulsionou nessa conquista, foram anos doloridos, mas eu sei que a entrada na universidade veio no momento certo, em que eu estava bem para encarar todo aquele medo que tinha. Conquistei, mas em seguida vem a pandemia de COVID 19, tudo desabou para mim, até hoje eu nem sei quem entrou comigo, acredito que muitos já terminaram, porém, também sei que a outros como eu, e isso também é demarcado por cada trajetória. O EAD (ensino à distância) colocou minha alta estima bem para baixo, eu não sabia o que fazer, como fazer, quais eram as expectativas para esse novo momento e nessa nova configuração; não conseguia entender a realidade que estava sendo posta para mim, foi muito difícil, persistir foi uma decisão que me custou muito, porém, me ajudou a compreender o quanto é necessário agarrar nossos sonhos.

Não nos basta alcançar o objetivo é preciso resistir

O retorno da pandemia me fez entender que a pressa só me afastaria do sonho, não refletir sobre a fluidez que era necessária naquele momento de recomeço, regresso, resgate e resistência que exigia a situação, me afastaria desse lugar. Mas também foi um momento muito ímpar da minha vida; conhecer pessoas distintas, me entender finalmente nesse espaço, apreciar a visão global que o curso nos apresenta, qual área da pedagogia eu me materializo no futuro e tantas outras indagações que foram surgindo quando finalmente pude experienciar a entrada no espaço físico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Aprendi e aprendo muito; cresci demais como pessoa, como dito na primeira parte, todo o meu lugar de reflexão era circunscrito à favela que é um lugar de potência, mas permanecer estática neste lugar não me faria crescer da maneira que eu pensava. Ao encarar a realidade de cobrança que faz parte desse espaço, compreendi que era o momento de vestir a armadura e ir à luta, não foi fácil, como disse diversas vezes, mas persistir era inegociável para mim, acredito que tenha esse lugar de rebeldia porque meu pai não permitia que desistisse fácil das coisas.

Eu descobri que sou a luz do fim do túnel

Que devo toda gentileza para mim

Que sou o horizonte que tanto procuro

Que no deserto sempre fui o meu jardim

A cura veio quando resolvi falar

Quando encarei meus sentimentos, tive que me retratar

Só precisava me comunicar

O bálsamo que cura é o mesmo que te faz pensar

Música Meu Jardim-Luana Granai 25 de fev. de 2021.

Esse momento também foi para mim de emancipação, reconhecimento dos sofrimentos e silenciamentos da infância, questionar os problemas sociais enfrentados

diariamente, como na operação recente do dia 11 de junho de 2024, acontecendo uma operação emblemática no complexo de Favelas da Maré; e que afeta muito mais o direito de ir e vir de trabalhadores, estudantes e tantos outros que fazem parte desse lugar e que são condicionados por esses eventos a vulnerabilidades extremas, invasão, roubo e o que mais nos afeta, a morte de mais um da população favelada; por diversas vezes fui aprisionada em meu lar e não pude estudar, e essa é a única ferramenta a qual o estado teme, como bem apresenta a música de Wilson das Neves “O dia em que o morro descer e não for carnaval”, minha forja como pedagoga está sendo aquecida pela fúria e moldada pela busca de emancipação de outros.

Contudo, como aluna, professora e cidadã estar na UERJ é muito importante e me faz um bem danado, e também acredito estar aproveitando bem este momento; vivências de escutas em sala na trajetória como um todo no PPP (Projeto Político Pedagógico), iniciado em 2022.2, em outubro, que se encerra hoje dia 26 de jun. de 2023, foram grandes, bons e maus momentos, a ida a Sobrará ensinou-me demais, as leituras sobre grafite e arte urbana, ouvimos tantas pessoas e junto a tudo isso cada um pode estreitar laços uns com outros, dividimos medos e angústias, alegrias e descontentamentos com a universidade; entendemos e dialogamos sobre luta e pertencimento, gostaria de agradecer o cuidado da Doutora e Professora Alexandra Lima, que nos permitiu sermos nós também protagonistas e participantes dessa história que é traduzida em todos os memoriais, mas, sobretudo em nossa relação sensível de apoio, troca e escuta ativa. Então é isso pessoal, agradeço por dedicar um pouco do seu tempo a esta leitura breve sobre mim e também os atravessamentos que me permitiram chegar até aqui, beijo.



Referências

Canal Guilherme. Vídeo: **Discurso motivacional Rengoku Kimetsu no Yaiba Demon Slayer Status**. Youtube, data 16 de out. de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Ls69aP1-lP4>.

Canal Redes da Maré. Vídeo: **4 anos de Marcha Contra a Violência na Maré**. Youtube, data 24 de mai. de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xAkdkUFsEZw>.

Faustini, Vinicius. Título: **Guia Afetivo da Periferia**. Editora: Aeroplano, Rio de Janeiro, publicado em 2009. Disponível em:

<https://bit.ly/GuiaAfetivodaPeriferia-EbookGratuito>.

Granai, Luana. Canção: **Meu Jardim**. Música de composição: Luana Granai / Luiz Otávio Granai. YouTube, data 25 de fev. de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=rRryqx8MCjQ>

Neves, Wilson das. Canção **O Dia em Que o Morro Descer e Não For Carnaval**. Composição de: Paulo César Pinheiro, Wilson das Neves .YouTube, data 1 de jan. de 1996. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=RSpKelmahjM>

"Não permitirei que o medo me paralise": como cheguei à universidade

Maria Rizonete da Silva

Meu nome é Maria Rizonete da Silva, possuo 60 anos, nasci dia 26 de Julho de 1963, na cidade de Mamanguape, município do Estado da Paraíba, sou a primogênita da união de Maria José da Silva e José Francisco da Silva Filho. Neta de Antonia Pereira da Silva e Antonio Paulino da Silva. Mãe de três filhos, Luciano, Rodrigo e Lucas da Silva e avó de cinco netos, Matheus, Sara, Alice, Guilherme e Miguel.

Filha de pais separados, eu e minha irmã Maria Eliane da Silva, um ano mais nova que eu, morávamos com a nossa avó materna, uma costureira aposentada. Na época, uma cena de humilhação da qual me recordo, era quando nos víamos na obrigação de ter que recorrer ao auxílio financeiro do meu pai, embora soubéssemos que a resposta seria a mesma, "Não tenho como ajudar". Apesar de tal dificuldade salarial, não era um fator de impedimento para que no nosso humilde lar houvesse um valor imensurável, o amor, que é a base fundamental para a formação de um sujeito.

Escolarização

Minha escolarização começou a meados dos meus 10 anos, quando a minha avó pagava para a nossa vizinha ensinar a mim e a minha irmã a lermos. Um tempo depois fui para o colégio interno, permaneci lá durante um ano e poucos meses. Esse colégio interno acredito que não exista mais, tampouco achei qualquer notícia relacionado, seja na internet ou em revistas e jornais.

Fui para o Rio de Janeiro, para ser empregada doméstica, depois, nunca mais tive contato com as escolas. Somente voltei a ter contato com a educação aos meus 50 anos, quando ingressei na EJA, no Ciep Ayrton Senna da Silva,



neste local, ingressei no Ensino Fundamental, após segui o Ensino Médio e terminei com muito sucesso e determinada a continuar os meus estudos.

Dizem que na vida, tudo tem uma razão de ser, mas que também é necessário estarmos em alerta para quando as oportunidades surgirem saber aproveitá-las. Eu sempre acreditei no poder transformador da educação. Mesmo concluindo o ensino médio, continuei atuando no Ciep Ayrton Senna da Silva, manter esse contato era a chave para abrir a porta da mudança que eu tanto ansiava, na minha vida e de outras pessoas.

Em 2018, participei como voluntária de um Projeto Emergencial do Governo, dado o nome de Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Eram oficinas para reforço em matemática, língua portuguesa, cultura e outras disciplinas. Fui oficinaira de Literatura de Cordel. Fiquei assustadíssima, achava que não tinha a menor capacidade para isso, então pensei, "Não permitirei que o medo me paralise". Eis aí a primeira porta se abrindo, a nossa escola ficou em 2º lugar, também, nesse mesmo ano, um professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), surgiu buscando histórias de alunos da EJA, para a série "Segunda Chamada", hoje disponibilizada no streaming da Globo Play. O mesmo me entrevistou, perguntou se eu autorizava que a minha história fosse contada por uma personagem fictícia, eu confirmei, dessa forma, um pouco da minha experiência foi vista nas telinhas.

Fui palestrante em fóruns sobre a educação, estive na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em defesa da educação. Deste modo, me auto intitulei defensora da educação. E assim, vi muitas portas se abrindo para mim.

A vida universitária

Em seguida, conheci o Marcos Barros, professor de redação do Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha (PVCr), Marcos me auxiliou muito durante a minha caminhada

sonhada faculdade, mesmo durante a pandemia, com problemas familiares e minha perna fraturada, o meu grande amigo me ajudou em tudo que podia, foi um verdadeiro anjo na minha vida. E em sua homenagem, “darei voz” ao meu querido amigo Marcos Barros, que infelizmente teve sua vida interrompida, na madrugada do dia 24 de Abril de 2022 foi vítima fatal de um acidente de trânsito, Marcos foi uma das pessoas fundamentais para que eu realizasse o sonho de cursar Pedagogia na UERJ.

Através das aulas do PVCR conquistei minha vaga no curso de Pedagogia, fui entrevistada pela Record, para contar minha história de superação e contei minha história de vida no jornal online da Rocinha, o “Fala Roça”.

Com Marcos, escrevemos um pouco da nossa história e como ela foi ao longo da nossa trajetória e compreendemos que possuímos a mesma compreensão para a educação:

Mas para que serve a educação? Definitivamente, mudar de classe social e econômica através dos estudos no Brasil ainda é quase inatingível. Mas essa história mostra que, seja na favela, seja na periferia, seja no nordeste, muitas pessoas não alcançam seu potencial por falta de oportunidades. Além da ascensão econômica, a realização pessoal de exercer uma profissão ou função social almejada é ingrediente essencial para a receita da felicidade. Não se trata apenas de conseguir um emprego que pague melhor, mas de ser útil fazendo aquilo que escolheu, de contribuir com o mundo repassando os conhecimentos adquiridos. (Barros; 2021).

O acolhimento que recebi foi antes das aulas começarem, quando uma jovem contemporânea entrou em contato comigo e se identificou como representante de acolhimento dos calouros da universidade, disse que tinha uma mensagem de boas-vindas e queria me entregar pessoalmente. Confesso que fiquei desconfiada e me questionei: “Por que alguém que nunca me viu me ofereceu ajuda naquele momento de caloura e se daria ao trabalho de vir ao meu encontro, na localidade em que eu moro?”.



Enfim, recebi de suas mãos, uma linda mensagem fixada a um girassol. Recebi esse agrado como uma ação genuína de acolhimento, o que é bastante diferente de ser aceita ou aceito. Em relação aos meus colegas de curso e docentes tive a impressão de que poucos me acolheram.

As disciplinas em geral, os PPPs concluídos e TCC I, não são fáceis, mas eu penso que a minha dificuldade não está em compreender e atender ao que é pedido em aula, e sim, o meu maior desafio está na falta de habilidade com a escrita. Porém, como o aprendizado é um processo e a professora Alexandra valoriza a bagagem de conhecimento dos estudantes, eu creio que será questão de tempo para que eu derrube esse muro.

Conclusão

Desde o meu primeiro período até os dias de hoje, vejo se confirmar o que sempre me contaram sobre a dificuldade de permanência na faculdade. Principalmente, para as pessoas que mesmo antes de nascerem, têm seus direitos roubados por poderes superiores. As pessoas me perguntam se estou gostando dessa experiência na faculdade, eu respondo que sim, que apesar das dificuldades, eu não posso pensar em estar em outro lugar, a não ser a universidade. Para mostrar para todos aqueles que se identificam comigo que e que sonham com isso, possam acreditar e por assim se tornar realidade. Por isso continuo com o meu sonho de lecionar e formar pessoas que passem pelo meu caminho. Sou grata a todos os professores que me ajudaram durante toda a minha formação, me acompanharam e me incentivaram a chegar aonde cheguei, na universidade. Digo para todos que crê para não desistirem, a luta é difícil, mas não é impossível. Se eu consegui, você consegue também. Gostaria de finalizar meu memorial com um poema meu, no qual tive a felicidade de publicar junto a outras amigas e moradoras da comunidade da Rocinha.

*Os Direitos não são iguais
O filho do patrão, um privilegiado, tinha direito a uma
casa bonita, cama quentinha,
Comida saborosa, mas, eu não.
Minha mãe cuidava de todo resto da casa,
Eu, do filho do patrão, que tinha direito à infância,
brincadeira na pracinha, eu fazia milagre pra evitar um
arranhão. Eu o arrumava para ir à escola, ele tinha direito à
EDUCAÇÃO, eu me perguntava por que ele vai, mas eu não?*
Maria Rizonete da Silva

Referências

Barros, Marcos; **Para que serve a educação?**. 2021.

Moradora de favela realiza sonho e passa em universidade pública, Jornal da Record, 21 jun. 2023, link: (8) Diarista realiza sonho de ingressar em universidade no Rio de Janeiro - YouTube

SILVA, Michel; LOPES, Osvaldo. **Aos 58 anos, a moradora Maria Rizonete passa em faculdade pública e vira universitária**. Fala Roça, 13 out. 2021. Disponível em: <https://falaroca.com/58-anos-moradora-universitaria/>.

Nasci navegando por essa Maré

Matheus Siqueira Euzebio

Trajetória

Me chamo Matheus Siqueira Euzebio, 24 anos, e morador de Nova Holanda, Maré. Minha trajetória escolar tem início em uma creche comunitária na Baixa do Sapateiro, Maré. Minha mãe contou que empurrava o carrinho de bebe comigo, meu irmão gêmeo e minha irmã mais velha por quase dois quilômetros até a favela vizinha. Por conta do baixo número de escolas e creches na Maré, tínhamos que ir para onde conseguisse vaga, independentemente da distância.

Essa creche comunitária ficava na divisa entre as favelas Nova Holanda e Baixa do Sapateiro, que são dominadas por grupos de facção de civis armados que disputam território entre si, com confrontos bélicos a qualquer hora do dia. Por várias vezes, deixamos de frequentar a creche devido aos intensos tiroteios. Também, as operações policiais foram empecilho para a chegada à creche. Infelizmente, esse assunto vai aparecer em diversos momentos narrados ao longo do texto.

Após o primeiro ano na creche conseguimos uma vaga em outra creche, agora municipal, mais perto de casa. Creche Municipal Nova Holanda. Com isso, minha mãe consegue ir mais tranquila trabalhar, sabendo que a vizinha iria buscar a gente na creche e cuidar até sua chegada do trabalho, que muitas vezes não era percebida por nós.

Os anos se passaram e fui matriculado no CIEP Hélio Smith, localizado ao lado do 22º Batalhão de Polícia Militar e tinha vista privilegiada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lugar aquele que por muitas vezes não foi apresentado como um lugar de possibilidade de mudança de vida, como um lugar de oportunidade que eu poderia ocupar, mesmo estando tão próximo.

Foi nessa instituição pública que vivenciei o primeiro tiroteio dentro do espaço escolar. Garanto que não consigo contabilizar quantas vezes ao longo da minha trajetória isso ocorreu. Situações como essa são corriqueiras, acontecem ainda hoje. Essas experiências deixam marcas difíceis de serem superadas por estudantes da Maré.

Chegando ao Ensino Fundamental 2, minha mãe decidiu que eu estudaria em uma escola fora da Maré, onde não ocorria operações policiais, conseqüentemente havia mais dias letivos de aulas. Porém, nessa época a Maré foi ocupada pelo Exército Brasileiro, por 14 meses, onde foi prometido mais segurança e qualidade de vida aos moradores, mas isso não aconteceu.

Muitas vezes fiquei na entrada da favela, após o horário da escola, esperando o confronto entre civis e militares cessarem para conseguir chegar em casa. Já fui impedido de deixar a escola após o horário, pois a diretora foi alertada sobre os intensos confrontos na Maré. Como essas experiências inibem os sonhos dos estudantes da Maré?

Uma pesquisa realizada pela Redes da Maré identificou que os estudantes da Maré estudam até dois anos a menos se comparados a estudantes que não residem em favelas durante toda a trajetória escolar. As operações policiais são o fator determinante para esse número tão alarmante, grave. Como os estudantes da Maré se sentem preparados para disputar vagas em universidades e institutos federais diante dessa deficiência promovida pelo Estado?

Mesmo passando por todos esses percalços no contexto escolar, decidi ser professor. No Ensino Médio escolhi por conta própria que queria estudar em um colégio de formação de professores, Curso Normal. Lá tive a oportunidade de acreditar que poderia mudar minha vida através da educação e me tornar um profissional da área. Foi ali que pela primeira vez sonhei com a universidade, mesmo residindo tão próximo à UFRJ.

Escolhi que queria cursar Pedagogia na Universidade

Federal do Rio de Janeiro, mas, me frustrei quando soube que o curso era oferecido no campus da Urca, zona sul. Não consegui me enxergar como jovem negro frequentando a aquele espaço predominantemente branco, ao mesmo tempo, superei as inseguranças e coloquei na minha cabeça que queria quebrar barreiras, superar os estereótipos. Ainda no terceiro ano do ensino médio, escrevi no pré-vestibular Maré de Saberes, mantido pela Redes da Maré desde os anos 90. Não passei na seleção naquele ano, mas tentei novamente no ano seguinte e fui aceito.

Em 2019 após ter me formado e não ter conseguido um emprego na área de formação, me matriculei no pré-vestibular comunitário, ao mesmo tempo, buscava um emprego, pois a necessidade de trabalhar também era um objetivo a ser superado. Fazia bicos durante o dia e estudava de noite, foi assim ao longo do ano. Passei pela frustração de não ser aceito em nenhum curso de graduação nas universidades públicas, mas não desisti. Fiz novamente minha inscrição no pré-vestibular no ano de 2020.

Decidi me dar mais uma chance de sonhar e foquei mais nos estudos. Tinha decidido que era agora ou nunca. Logo no reinício das aulas após a pausa para o carnaval, o mundo foi surpreendido pela Covid-19. Doença até então desconhecida, mas que fez um rebuliço no mundo inteiro. As aulas do pré-vestibular foram transferidas para o ensino remoto, com a expectativa de durar uma semana, mas, não foi o que aconteceu.

Com o anúncio da pandemia, as aulas se mantiveram online. Tive muita dificuldade de participar dos encontros, pois a conexão de internet na Maré é muito ruim, impossibilitando assistir às aulas de forma plena. Eu nunca havia tido um computador na época, meu celular não suportava a demanda de encontros *on-line*. Tive que abandonar as aulas até que retornasse presencialmente.

De novo, a necessidade de trabalhar bateu na porta e não tive como correr. No fim do ano de 2020 fui trabalhar de

carteira assinada em uma rede de *fast food*, de domingo a domingo, me impossibilitando de estudar por conta própria em casa para o vestibular que se aproximava. Em janeiro de 2021 fui fazer a prova do ENEM, na UERJ, após ter trabalhado de madrugada na zona sul do Rio, território onde passei por diversas situações de racismo e preconceito.

Dormi durante o Exame Nacional do Ensino Médio, meu corpo não aguentou as poucas horas de descanso antes da realização da prova. Quando acordei faltava poucas horas para o fim do exame, por isso, fiz correndo com receio de não conseguir ser aprovado mais uma vez. Após, fui novamente em direção à zona sul trabalhar. Não tive o direito de me ausentar.

No mesmo ano, fui convidado a integrar a equipe da Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto, equipamento cultural gerido pela Redes da Maré. Desde então atuo como mediador de leitura e auxiliar de biblioteca. Porém, minha relação com esse equipamento começou ainda criança, pois a biblioteca fica a poucos metros da minha casa. Foi na Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto que tive o primeiro contato com a literatura, encontro que foi fundamental para a minha trajetória. Ali, foi incentivado em mim o gosto pela literatura e o contato com o livro. Por esse contato, passei a ler melhor, escrever melhor, aprendi a fazer uma leitura crítica do mundo.

Poucos meses depois, faço o exame vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e sou surpreendido com a aprovação no curso superior de Pedagogia. Após tantos percalços ao longo do caminho pensei em fazer um esforço e me matricular em uma universidade privada, pois acreditei que a universidade pública não era pra mim, assim como muitos outros jovens negros e moradores de favelas.

Hoje, na reta final da faculdade, tenho certeza que minha trajetória me levou a quem sou hoje e as escolhas que fiz na minha vida profissional e acadêmica. Desejo ser um

educador que atua na Maré para transformar a vida através da educação e literatura.

Enegrecendo por meio da educação: relato de descobertas por meio da educação

Núbia de Sá Teixeira Lima

Eu não sou uma potencialidade de algo [...] sou plenamente o que sou. Não tenho que recorrer ao universal. (FANON, 1967)

Apresentação

Este memorial apresentará muito do que a escola não me contou e um pouco de minha trajetória universitária, até o momento presente. A minha intenção comunicativa atrás do mesmo, terá apresentações fragmentadas em: 1) brevemente sobre a descoberta da historicidade do nome Núbia e suas contribuições em mim; 2) o início do percurso da graduação sintetizadamente, enfatizando a minha reconstrução de consciência de ser negra por meio da disciplina Questões Étnico-Raciais e Educação, seguindo em constante transformação e desconstruções estigmatizadas historicamente; 3) e, por fim, não menos importante, a permanência na universidade pelas contribuições das reuniões do grupo de pesquisa NEAB-Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros.

A escolha do meu nome, a descoberta do seu significado civilizatório africano e o que representou para mim

Cresci até os meus 26 anos de idade, sem o conhecimento da origem do meu nome e aos 27 acessei diversos significados. Minha mãe foi quem escolheu o nome de todos os meus irmãos e o meu. A mesma disse-me que não se lembrava do que a levou a por este nome, principalmente porque teve muitos filhos, somos sete. Ela e o meu pai, não sabiam o significado étnico-racial do meu nome. Os mesmos frequentaram a escola até o primeiro segmento e evadiram posteriormente, por meio das interseccionalidades.

No ano de 2019, inicialmente, tive acesso a História do

Brasil e as influências do fundamentalismo religioso, por onde a História é “baseada em interpretações bíblicas” (VIEIRA, 2017, p 45). Foi por meio do Pré-vestibular Comunitário Marielle Franco, que a acessei. A sede do Pré-vestibular localizava-se no centro da cidade, na Rua Sacadura Cabral, 151, Rio de Janeiro e, atualmente, localiza-se na Rua Bento Ribeiro, n.º 85 (Cobertura) Gamboa, Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que pude conhecer e compreender, inusitadamente, o porquê das abordagens policiais para com os meus amigos negros e para comigo, mas não me lembro de ter estudado sobre os Núbios. Entretanto, reconheço o diferenciamento em minhas reflexões a partir da oportunidade dos conhecimentos acessados no ano de 2019.

Adentrei em 2021/2 por vestibular, como graduanda, para o curso de Pedagogia. Conhecer diversos significados do nome Núbia, onde em muitos países africanos, têm ligação ao nascimento da criança, sendo importante e significativo no Egito, como ouro, tornou-se simbólico para mim. Segundo o texto de Vieira (2017, p 2), Núbia remete a:

Um reino unificado desde o terceiro milênio antes da era cristã, a Núbia era composta por grupos somáticos e reinos independentes a ocuparem as terras ao sul da primeira catarata do Nilo. (MOKHTAR,VERCOUTTER, 2011:XXXIV).

Durante o 2º período em 2022/1, cursei a disciplina Questões Étnico-Raciais e Educação, ofertada pela Profª Dr.ª Maria Alice Rezende Gonçalves e neste período, simultaneamente, me inscrevi nas disciplinas: História da Educação; Sociologia da Educação; Filosofia Política da Educação; Infância e Políticas de Educação Infantil; Processos de Desenvolvimento Infantil e Educação; Diversidade e Educação. Quão ressignificativa estava sendo a aprendizagem dos conteúdos das disciplinas, por cursar, M5M6 (10:40h às 12:30h), Questões Étnico-Raciais e T5T6,

N1N2, N3N4 (16:10h às 21:20h), às demais supracitadas.

Na disciplina História da Educação, refletimos e discutimos diversos textos, um deles abordou, brevemente, sobre os Núbios e durante a minha apresentação do seminário, sobre a Educação Quilombola, argumentei: Se eu soubesse da origem étnico-racial do meu nome, por meio dos Estudos Afrodiaspórico que me foram negligenciados, mesmo sendo obrigatório pela Lei 10.639/03, minha autoestima não teria sido atravessada por tanto tempo. A escola não me contou e Santos (2017) reforça que:

Aqui no Brasil, nas suas práticas educativas, conteúdos curriculares [...] hegemonia cultural de valorização da branquitude e de desvalorização de padrões e valores culturais “não brancos”. De modo particular, a cultura negra, fatos, personagens e suas contribuições na construção da sociedade são consideradas menor valor, até mesmo invisibilidades.

Conhecer, segundo Vieira (2017, p. 64), o mundo negro da África, que os antigos Egípcios pertenciam à raça negra, e o significado do meu nome de modo visceral, permitiu debruçar-me, aprofundar-me mais nas questões raciais afro-brasileiras, como neste mundo eu posso ser e que “sou uma, mas não sou só” (NUNES, 2021).

Resgatar a percepção do meu corpo, através do conhecimento do mundo negro, faz com que o meu comportamento produza conhecimento, cuidado com a saúde mental e significações de que aprender não pode ser mais valorizado pelo porquê de ter que aprender e saber. E o fio condutor que me auxiliou a reconhecer meu pertencimento, são conexões de conteúdos disciplinares, fontes diversas.

Este (auto)conhecimento tem me proporcionado o resgate de identidades e o sentido da vida do negro na História da humanidade. E no campo da Educação, sigo entendendo a inferioridade e as desigualdades sobre os Afro-Brasileiros, atravessados pela historicidade



eurocêntrica, que se articula a descrição de Núbia, segundo Vieira (2017), sobre não somente:

Desafricanizaram o Egito pelo embranquecimento dentro da ciência egiptologia, transferiram para o passado remoto uma ordem hierárquica para justificar a desigualdade social das raças do presente contexto. (VIEIRA, 2017, p 48)

Mas apesar desse contexto ser desafiador, ter que formular em escrita, principalmente a respeito de quem eu sou pensando na epistemologia, a palavra inenarrável emerge potencialmente em minha mente e no meu coração.

A proximidade professor-aluno, genuinamente, contribuiu para que a Prof^a Dr^a Maria Alice Rezende Gonçalves compartilhasse sobre a sua experiência por meio de uma viagem ao Egito e a existência de uma comunidade às margens do Nilo que se chama Núbia Village. A mesma visitou os núbios e mencionou que eles são um povo muito interessante e uma comunidade toda colorida. Que criam crocodilos como pets, quando crescem, os soltam no Rio Nilo e o calor por lá é imenso.

Por meio das fotos que a mesma me enviou, compreendi que “as noções de raça, cor e etnia têm sido usadas de maneiras diversas para classificar e ordenar, hierarquicamente, indivíduos e grupos socialmente desqualificados” (GONÇALVES, 2014, p 145), desvalorizando as cores e os aspectos étnico-raciais.

No retorno às aulas, em 2022.2, a Prof^a Dr^a Maria Alice Rezende Gonçalves propôs conversarmos sobre o Egito, a perspectiva do afrocentrismo e de como a exaltação da civilização egípcia é impressionante. E se eu quisesse participar do Grupo de Pesquisa, seria bem-vinda.

Esta troca me alcançou para além da produção acadêmica, como potência e reflexões que dialogam com a memória ancestral, antes desconhecida por mim. No segundo fragmento, estarei enfatizando o início da minha reconstrução de consciência de ser negra, por meio da

disciplina **Questões Étnico-Raciais e Educação e o reencontro comigo mesma.**

Vale ressaltar que, por meio da descoberta do meu nome, consegui recuperar meu interesse na graduação, na pesquisa e no caminho da Educação de modo geral. A graduação começou a ter mais sentido a partir do acesso às memórias, caminhos, conhecimentos ancestrais e compreensão para onde estou indo. Está sendo significativa a formação, depois que compreendi tudo isso. Aquela que é, segundo hooks (2019, 113, 114):

“apaixonada por seu modo de ensinar, confiante de que seu trabalho na vida [...], não era só nos ensinar o conhecimento dos livros, mas nos ensinar uma visão de mundo contestadora-diferente daquela de que nossos exploradores e opressores-uma visão de mundo que nos permite ver a nós mesmo não através das lentes do racismo [...], focar de forma clara e nítida [...], completude [...], poder transformador do ensino, da pedagogia”.

Contudo, por meio de uma relação de professor-aluno sem a questão do poder. Com suas perspectivas, dádiva, criatividade, sensibilidade, vivências, produções extraordinárias, os seus conhecimentos exotéricos para “exaltar e glorificar o poder e a beleza de nosso intelecto [...] moldando nossos futuros [...], profundo impacto” (hooks, 2019, p 114, 115). E tem me orientado para além das intenções do carreirismo acadêmico.

A disciplina **Questões Étnico-Raciais e Educação e o Neab ecoando em minha formação**

Descrever as relações entre o ensino-aprendizagem dos conteúdos, questões étnico-raciais, o conhecimento inferiorizado da identificação para pessoas pretas e a ausência da cultura Africana na Educação, é afirmar que essa relação tem sido essencial para a amplitude de saberes para quem jamais sonhou um dia poder ingressar na graduação. E este alguém sou eu, pois o contexto acadêmico

é eurocêntrico, contém características excludentes.

A realização dos trabalhos escritos para que todos os professores tenham a compreensão das minhas produções de conhecimento, a minha base para tal, são as pesquisas, os estudos sobre os Afro-Brasileiros, impactando, continuamente, no meu entendimento das ofertas nas disciplinas cursadas. Não hesito de escrever de acordo com minhas vivências e isso tem me oportunizado trilhar caminhos significativos na construção de trabalhos acadêmicos.

Os caminhos são específicos, afrocentrados e positivos, fazendo enxergar-me como “uma mulher de língua afiada”, uma mulher que falava o que vinha a cabeça, uma mulher que não tinha medo de erguer a voz (hooks, 2019, p 38) que tentam silenciar nas aulas, desde quando “os negros foram reduzidos à escravidão” (QUIJANO, 2005, p 118) e, mesmo sem ter tido acesso a uma educação escolar privilegiada, o conhecimento esotérico ancestral convive potencialmente e luminosamente conosco.

A disciplina Questões raciais, parafraseando Kilomba (2019), me possibilitou criar estratégias importantes e continuamente usadas para desconstruir posições dentro da academia, para mim.

Saídas, mobilizações, entre outras maneiras de descolonizar o conhecimento acadêmico eurocêntrico e os contextos sociais desvalorizados, fazem parte deste processo de desconstrução. Interligar com a Educação, permitindo-me “escrever sobre o próprio corpo e explorar os significados” (KILOMBA, 2019, p 63) para atuar no campo educacional, aciona a minha identidade de mulher negra afro-brasileira, desbravando diversos caminhos.

A identificação por meio dos textos, livros e escritas, que apresentam letramento racial crítico, são potências didáticas pedagógicas, dando sentido dentro deste reconhecimento como sujeito que produz sobre quem somos e tornando-me quem eu sou.

Iniciei como membra/pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior-Voluntária em 2022.2 e em 2024.1, no Programa de Bolsas de Iniciação Científica - Fomento UERJ- Via Bradesco, compondo o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UERJ (NEAB - UERJ), onde conheci pesquisadores incríveis e estou aprendendo de maneira diaspórica, fora da sala de aula, com pesquisas empíricas. Esta experiência está sendo marcante à compreensão dos conhecimentos decoloniais adquiridos. Todos os textos escolhidos pelo grupo e disponibilizados nas disciplinas cursadas contribuem para com o meu comprometimento referente às dinâmicas do cotidiano acadêmico.

No NEAB, tenho a oportunidade de debater, de maneira muito respeitosa, uma série de questões raciais, institucionais, acadêmicas e até subjetivas. O acolhimento em participar do NEAB, está para além de uma vaga de bolsista...

Participo com propriedade, pertencimento e inclusão, resgatando “os excluídos que vão à luta e matam seus dragões” (NILÓPOLIS, 2023) não permitindo que o desalento faça morada, pois segundo Gilles (DELEUZE, 1925-1995):

O poder requer corpos tristes. O poder necessita da tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é necessária, porque ela não se rende. A alegria como potência de vida, nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria.

A consciência racial desvelou as histórias negligenciadas historicamente. Continuamente as estudo, percebendo-me, compreendendo o que é ser negro, aprimorando o meu olhar para mim mesma, tornando-me mais branda, requisitada.

Conclusão e reflexão: como tem sido a experiência como aluna negra na faculdade de Educação?

Simultaneamente aos estudos de Fanon (2020), o acesso à consciência da experiência em si, de ser negra na graduação, está sendo possível ser pensado por meio de “um quadro sistemático para análise dos traumas cotidianos e dos custos psíquicos da desigualdade racial [...]” (KILOMBA, 2019, p 90,91) e, tem contribuído como orientação neste processo de formação, de resgate do autoconhecimento do corpo negro e comportamento desse corpo que produz conhecimento.

Desbravar como graduanda e não reproduzir uma escrita que, “nesse sentido, é uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente” (KILOMBA, 2019, p 224) faz com que eu continue aproximando-me de mim mesma, e em progresso, acessando a mente e reconhecendo o quanto “afastei-me muito de minha presença, me fiz de fato um objeto” (FANON, 2020, p 112).

Os meus instintos movimentam o meu corpo e são os afetos genuínos que me fortalecem. Escrevo a respeito da grandeza ancestral que habita em mim, que eu valorizo e me reconheço nessa trajetória. Refinar a minha sensibilidade, me capacita em relação ao posicionamento crítico e exigente sobre os meus direitos que, historicamente, são negligenciados e controlados.

Escrever de acordo a linguagem acadêmica, quando se vem de uma família que tem o capital cultural marginalizado historicamente, faz com que seja possível desacreditar e desistir de si mesmo, das “reconquistas” e até evadir. Entretanto, reconheci as questões sociais que vivenciamos e que convivemos até hoje e por ser afrodescendente, que vive constantemente “reescrevendo” a própria história, dou continuidade de cabeça erguida. Estou aprendendo o que é ser negro, a me ouvir e a ouvir o outro, para entender as condições de eu estar aqui.

Sigo pesquisando, não pelo o que sou e represento, mas pela raça que é rica. Não paro, pois, agora eu sei de onde venho e que são inimagináveis tudo o que, ainda, não pude acessar. Compreendendo que “no processo de formação identitária, a visão do outro é capaz de interferir na visão que temos de nós mesmos” (GONÇALVES, 2020, p 261), por meio das minhas escritas, minha consciência de mim mesma, me valoriza atentamente para eu não evadir.

As histórias que a escola não contou (NILÓPOLIS, 2023) permanecem marcantes em minha vida com persistência. Grata por não me sentir tão só na graduação, pela orientação da Prof^a Dr^a Maria Alice Rezende Gonçalves, a qual enfatiza a possibilidade de ir além, considerando mestrado, doutorado e o que for necessário para a minha formação intelectual e humana.

Referências

DE OLIVEIRA BRAGA, A.; REZENDE GONÇALVES, M. A. **INFLUÊNCIA DO OUTRO NA CONSTRUÇÃO DO OLHAR: CABELO CRESPO, INFÂNCIA E GÊNERO E RAÇA**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 12, n. 33, p. 257–272, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1012>.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **Políticas educacionais, ações afirmativas e diversidade**. Crítica e Sociedade, p. 142-162, 2014.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380 p.

_____ **Os Filhos da Núbia. Etnicidade e Deslocamentos Culturais na África Antiga sob a XVIII Dinastia Egípcia**. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História (2017).

Sagredo, Raisal. **Raça e etnicidade: questões e debates em torno da (des) africanização do Egito Antigo**. Diss. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

VIEIRA, Fábio Amorim. **Distâncias egípcias, encontros núbios: interações culturais e fronteiras étnicas no Novo Império egípcio**. (2014): 1-18.

SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. **A revista "Raça Brasil": uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XXI?**. 2017.

<https://www.instagram.com/p/C-LncGnPit5/?igsh=MW1sZzMxMHE5eXdjBA==>

<https://www.letras.mus.br/sued-nunes/povoada/significado.html>

<https://www.letras.mus.br/sambas/beija-flor-de-nilopolis-samba-enredo-2023/> [Enredo: Brava Gente! O Grito Dos Excluídos No Bicentenário da Independência]

<https://www.letras.mus.br/sued-nunes/povoada/significado.html>

Entre sonhos e desafios: a trajetória pela formação profissional

Stefanny Sodre de Azevedo

Alguma vez na vida você já se perguntou se precisaria falar de si com tanta precisão e veracidade? Pois é, eu não pensei em falar tanto de mim, mas sempre quis ser lembrada por quem eu sou ou fui para alguém, e cá estou, na tentativa de contar com palavras sobre mim e minha trajetória em busca do meu sonho de ser Professora.

Espero que você leitor, possa ler este memorial na certeza de que eu o escrevo com todo carinho pela minha trajetória. Sejam Bem-Vindos!

A vida é um quebra-cabeça?

Quando me pergunto se a vida é um quebra-cabeça, me refiro ao sentido literal de que cada etapa da nossa vida se torna uma peça e que com o passar dos anos, elas vão se encaixando de maneira que se completam formando uma só imagem. Enquanto escrevo, penso em mil e uma maneiras de registrar aqui, a minha vida. Mesmo com toda a bagunça, sinto que após escrever este memorial, sentirei como se eu estivesse organizado minha vida no papel e que futuramente, alguém lerá meu rascunho.

Nas inúmeras tentativas de escrever esse texto, penso o quão difícil e delicado é falar de si, mas sempre muito necessário, não somente para que nos ouçam, mas para que possamos reavaliar e/ou sentir nossa trajetória. Antes de escrever, tenho buscado elementos para compor essa escrita na tentativa de deixar aqui, tudo o que me completa. A Stefanny do amor, da música, leitora, profissional, amiga, entre tantos outros 'Eus' que posso dialogar aqui, e finalmente me completar.

Prazer, me chamo Stefanny Sodré de Azevedo, tenho 23 anos, sou estudante do curso de Pedagogia pela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, sou moradora do bairro de Campo Grande, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sou filha de dois excelentes pais para mim e um irmão que me agradeceu com sua chegada ao mundo.

Trajetória: caminhando pelos questionamentos

Durante a minha Educação Básica, em muitos momentos me vi sem amparo por parte da escola. Sofri muito com *bullying* dos meus colegas de turma e até mesmo de um professor que marcou toda a minha infância e adolescência. Não me esquecerei do dia em que ele ousou me apelidar nas aulas de Educação Física na qual eu detestava fazer, sempre me sentia cansada e grande parte das vezes, me sentia julgada por ser uma criança gorda praticando as atividades físicas. Basicamente, passei meu Ensino Fundamental todo sentada na arquibancada da quadra da escola. Na sala de aula, sempre fui a criança que muito conversava, era necessário para mim conversar com os colegas, brincar durante as aulas, andar pelos corredores e por mais que eu fizesse tudo o que a professora me pedisse para não fazer, eu também era uma aluna respeitosa, gostava de estudar, gostava de ser ajudante da professora, de ajudar meus colegas. Mesmo com todas as coisas boas que a escola me despertava, eu ainda me sentia reprimida boa parte do tempo, sentia que eu era limitada a tudo o que fazia ou pensava e isso me trouxe muitos questionamentos quanto a minha existência na escola e como eu deveria me comportar.

Eu tive professores maravilhosos que zelaram por mim e meu bem-estar, mas também tive os que despertaram em mim, a sensação de rejeição e incapacidade. Eu sabia que ser professor era estar para além da sala, e que eles também eram seres humanos assim como eu, mas essa sensação de ser incompreendida por eles me deixava com raiva e me fazia sentir como se para ser tratada bem, eu precisasse ser escolhida para isso. Lembro-me de quando eu caminhava

para a escola no meu 6° ano, eu chorava durante o trajeto até a escola, sempre em um ponto específico. Esse ponto era o orfanato no qual meu pai passou muitos anos da vida dele, até hoje, não entendo o porquê esse lugar em específico era onde me despertava a vontade de chorar, era involuntário, eu sabia que ia chorar, eu sentia como se naquele exato momento o caminho se tornasse escuro, eu só conseguia sentir o mais profundo de mim. Quando chegava à escola, sempre arrumava um cantinho no qual eu pudesse me encostar e esperar até o momento de ir para a sala e me esconder entre os meus colegas da turma, essa foi a minha rotina até o meu 9° ano do Ensino fundamental, onde eu fiz amigos no último semestre, eu sei, no último segundo do meu ensino fundamental eu fiz amigos, quem diria, isso tudo graças a professora Silvia que teve a brilhante ideia de juntar a turma para juntos, atuarmos em uma peça sobre *O Diário de Anne Frank*. A professora Silvia talvez nem saiba, mas ela me salvou de uma escuridão na qual eu achei que não pudesse sair naquele último ano. Ela nos indicou quais eram os grupos e disse que poderíamos escolher onde ficar, podendo ser; atores, atrizes, sonoplastas, figurinistas, e eu sendo uma pessoa tímida, obviamente escolhi estar por trás das “câmeras” e ser figurinista. Foi aí então, que pude me enturmar e fazer grandes amigos na turma, eu jamais imaginei ser capaz de fazer os amigos que fiz, embora boa parte deles, eu já os conhecia dès da época do Ensino Fundamental 1 na outra escola, mas que a minha oportunidade foi naquela aula. Foi um momento único para mim, eu sentia como se eu fosse útil a mim, aos meus colegas, a professora e a escola, por estar participando de algo que seria produzido por todos nós e apresentado. Eu criei muitos vínculos, especialmente com a professora, que por muitas vezes, me fez sentir o amor que ela tinha ao fazer aquele trabalho conosco, a partir disso, a escola voltou a ter cor para mim, pude aproveitar meu último ano naquele colégio como nunca



aproveitei antes. Daí comecei a me questionar sobre como é o trabalho docente, a função da escola, da comunidade escolar, passei a me perguntar como a educação era oferecida aos alunos, o que podíamos ou não aproveitar dela, como eu e tantos outros alunos de escolas públicas éramos vistos e tratados em um bairro onde parte dele, considerou naquele ano, ser “moda” estar em colégio particular. Eu só consegui me perguntar como isso de alguma maneira nos fazia ser “diferentes” uns dos outros, me despertava a sensação de injustiça. E talvez eu fosse uma adolescente que pensasse muito...

De Aluna a Professora: a busca por mudança.

Você já sentiu como se todos à sua volta estivesse vivendo menos você? Assim eu me sentia perto daquela turma do 9º ano, parecia que eu estava sufocando sozinha, sempre imaginando que todos me julgavam secretamente por ser sozinha. Mas nem tudo estava perdido, eu ainda tinha a vontade de me tornar professora, depois de todos esses acontecimentos, afirmei em meus pensamentos que eu queria ser igual às professoras que me ajudaram a perceber a docência como um caminho de possibilidades, e assim como elas fizeram comigo, eu gostaria de fazer com meus alunos. Abraçar o mundo não me pareceu uma tarefa difícil quando a vontade de mudança me surgiu, mesmo que isso significasse uma longa trajetória na busca incansável de tornar a vida dos meus futuros alunos melhor, não que eu quisesse ser uma super-heroína dentro da Educação, mas me pareceu importante fazer diferente.

O meu desejo em ser professora começa muito antes do que eu poderia imaginar. Eu cresci em uma casa onde meus pais eram professores da Escola Bíblica Dominical em uma igreja evangélica próxima a nossa casa, onde passei minha infância assistindo eles em suas classes. Observá-los sempre foi um exercício para mim, pois por mais que eu enquanto criança achasse entediante, eu me espelhava no que eles

faziam. A verdade é que a minha escolha em ser professora não vem de observar os meus pais em suas classes, mas sim do meu desejo em ser para alunos, a professora que eu gostaria de ter dito quando criança. Não estou dizendo que meus professores tenham sido cruéis comigo, mas tenho certeza que o meu processo de escolarização poderia ter sido mais leve e prazeroso.

Atrás da minha casa, havia uma garagem na qual eu usei boa parte da minha infância como um espaço para brincar com os meus colegas. Esse espaço, um dia tornou-se a sala de aula em que eu insistia em brincar com os meus amigos, daí, o meu contato com a profissão docente estava cada vez mais perto. Confesso que não esperava uma grande repercussão sobre isso, mas com o passar dos anos, meus colegas ainda me procuravam para tirar dúvidas e fazer trabalhos da escola, até o meu 1º ano na faculdade, isso ainda era bem presente. De certo modo, sempre me senti lisonjeada por saber que eu poderia ajuda-los, mas muito me preocupava o porquê de eles ainda precisarem da minha ajuda quando na verdade, já eram capazes de pensar o tanto quanto eu. Nessa garagem, eu criei as minhas mais gostosas e felizes lembranças, foi onde eu me enxerguei como a profissional que hoje, busco ser.

Em 2017 quando completei 16 anos, meus olhos brilhavam para estudar no Instituto de Educação Sarah Kubitschek, colégio esse que na época, eu achava que precisava fazer prova para entrar, então, no meu 1º ano no ensino médio, descobri que não precisaria fazer prova para entrar e imediatamente meu pai começou a missão de me matricular nesse colégio. Foram longos dias na porta daquela escola para que meu pai conseguisse a minha vaga, e com muita insistência, ele conseguiu. Naquele momento, eu só pensava que não poderia desapontar o meu pai depois de vê-lo tentar por muitas madrugadas na frente daquela escola. E assim eu fiz. Acredito que uma das maiores felicidades dos meus pais é me ver segundo o sonho da

profissão docente com tanta certeza do que quero.

Os meus primeiros dois anos naquele colégio foram de muitos desafios para mim, o fato de eu morar na contramão, de estudar de 7h às 18h, de ter muitas dificuldades quanto à condução para ir e voltar. No meio disso tudo, passei pela separação dos meus pais, que sinceramente, foi o momento mais doloroso da minha vida. Pude sentir tudo o que havia de mais profundo em mim, nada fazia mais sentido para mim e quando eu achei que não pudesse ficar pior, lidei com a prematura responsabilidade de me tornar dona de casa. Não era mais eu e meus estudos, era eu, minha casa, cuidar do meu irmão, me preocupar com meus pais e ainda sim, construir meu futuro. Mesmo com tantos acontecimentos de uma vez, eu não desisti de estudar. Eu precisava fazer algo por mim que não fosse cuidar da minha casa e meu irmão, sendo assim, eu insisti muito em continuar, mas não contava que uma depressão fosse fazer parte disso.

Ainda em 2017, iniciei a terapia e a medicação para ansiedade e depressão, foi um período muito difícil para mim, minha família não entendia porque eu estava passando por isso e muitas vezes, até desacreditaram. Meu estado era bem delicado, estava em depressão estágio quatro, terapia e remédios já não eram mais o suficiente para mim, eu estava em um constante estágio de negação, aquilo não poderia estar acontecendo comigo, eu me sentia impotente, acreditei por um tempo que eu não sairia dessa depressão. Passei a faltar bastante na escola, e conversando com a psicóloga, ela disse que me ajudaria enviando uma carta à escola para justificar a minha ausência, eu só não esperava que a escola pudesse tratar disso com tanta indiferença. Eu esperava ser acolhida pela direção escolar e os professores, mas não foi o que aconteceu, ainda me lembro do jeito em que a coordenadora do colégio me olhou e respondeu ao ler a carta que a psicóloga havia feito. E daí então mais uma vez me vi na condição de repensar a escola e sua relevância. A falta de amparo da escola me levou novamente ao mesmo

questionamento que me fiz ainda no ensino fundamental, “Qual é o dever da escola? Como ela faz eu me sentir?”.

*Eu nunca perco, é tudo troca
Eu nunca perco, é tudo troca
Eu sempre deixo, o que é meu volta*

BK

Essa canção me faz sentir inúmeras sensações, passei parte da graduação ouvindo esta canção. Foram dias e noites nas quais eu buscava por algo que me confortasse, que pudesse de alguma maneira me lembrar de que eu estava seguindo o meu coração.

Quando eu penso na letra da canção, imagino que tudo o que eu um dia quis ou sonhei e não tive no momento de minha presa, veio a mim quando deveria ser. “*Eu sempre deixo, o que é meu volta*” para mim, significa a esperança, a espera, a paciência. Claro, podendo ter múltiplos sentidos, e que nesse momento, me conforta em poucas palavras me fazendo sentir-me esperançosa de que momentos melhores, sempre virão.

Após eu sair do Ensino Médio em magistério, precisei me ausentar dos estudos durante um ano para que eu pudesse me reestabilizar psicologicamente depois dos dois últimos anos tão turbulentos para mim. Em 2020, iniciei novamente os estudos para prestar o vestibular, era novo para mim, eu sentia um frio na barriga, a sensação de estar se preparando para algo que poderia garantir o meu futuro. Entre os inúmeros nervosismos e sensações, eu estava mais destemida do que nunca para voltar a sonhar, bom, não foi exatamente assim... Ainda em 2020, tivemos a Pandemia da COVID-19, onde lidamos com o medo e o desespero para mantermos nossas vidas. Mesmo com todas as dificuldades do ano, eu comecei a estudar sozinha para o vestibular, visto que não havia outra solução em meio o distanciamento social, que no momento, era o que me separava da sala de

aula. Eu não imaginava passar no vestibular naquele ano depois de não ter feito um bom aproveitamento dos meus estudos, visto que estudar só, não era uma tarefa muito fácil para mim.

Eu seria incapaz de explicar a minha tamanha felicidade ao passar no vestibular, era a minha universidade dos sonhos, no curso que eu escolhi, parecia mais do que um sonho para mim, e convenhamos? Que gostosa é a sensação de realizar nossos sonhos. Eu costumo dizer que meus sonhos me movem e todos os dias eu tenho mais convicção disso, eu vivo e respiro pelos meus sonhos, e sabe o que eu acho mais gostoso neles? O processo! O processo sempre é subestimado quando queremos muito algo, nem sempre conseguimos ter os olhos e ouvidos sensíveis para perceber o quão proveitoso possa ser o nosso caminho até o sonho, claro, não estou dizendo que não haja dificuldades nesse caminho e isso pode ser até relativo, mas o caminho até os nossos sonhos é onde mais adquirimos conhecimentos e experiências, quem sabe até criar outros sonhos no caminho, repensar o objetivo. Sonhos são processos!

Ocupando espaços: a universidade como lugar de pertencimento e aprendizado

Pisar o chão da universidade foi um momento muito gratificante, ver todas aquelas pessoas me fez sentir que estava viva, eu sabia que vinha muito pela frente, e estava disposta a viver tudo o que eu pudesse, e assim fiz. Tenho vivido grandes momentos, conheci pessoas, fiz muitos amigos, participei de eventos, iniciei como bolsista de Iniciação Científica, que inclusive, tem sido muito proveitoso. E novamente, a plena sensação de estar no caminho que sempre quis. Nesse caminho, fiz amigos incríveis que ainda hoje são parte da minha força e motivação em permanecer na universidade. Estar rodeada de amigos sempre foi um desejo meu, visto que há alguns anos, eu era incapaz de responder toda e qualquer interação

que fizessem a mim. Com toda certeza, afirmo que estar na universidade também me despertou uma vontade que eu há tempos não conseguia, perder a timidez! Quando entrei na faculdade, me dispus a ser alguém em que eu há anos gostaria de ser, e tirei de letra, pensei não conseguir com tanta facilidade, mas desde o momento em que pisei naquele lugar, eu fui a Stefanny que sonhei ser.

Outra canção que me faz lembrar a minha trajetória até a universidade, é a canção “Levanta e Anda”, do cantor Emicida que entre essa e tantas outras músicas, me aguça os mais sensíveis sentimentos. Às vezes em que ousei questionar-me sobre as minhas escolhas na academia, essa música veio a mim como uma motivação para seguir o meu caminho, não somente por mim, mas por todos aqueles que torcem por mim e pelo meu sucesso. Não é fácil pensar que existem pessoas ao seu redor que veem em você, uma motivação, e por isso, você passa a se cobrar mais em seguir em frente, pois há quem torça por você, sem esquecer que esse sonho ainda é SEU.

Hoje como graduanda, percebo que o meu sonho e desejo por mudança aconteceu antes mesmo de eu estar graduada. Sempre achei que para eu ser “importante” para alguém, eu teria que estar formada, quando na verdade o processo antes e durante a minha graduação fez com que eu me sentisse realizada antes mesmo de terminar. A sensação que tenho é que o meu caminho foi muito mais importante para mim do que o meu objetivo, não é fácil pensar no processo quando você almeja tanto pelo final. Mas eu coloquei para mim que seria muito importante que eu aproveitasse o meu caminho até o objetivo.

Encontros

Costumo dizer que quando se trata da minha formação, existem coisas que vêm até mim, e novamente volto à letra da canção quando diz “*Eu nunca perco, é tudo troca*”, e na universidade isso não tem sido diferente. Aqui pude ter

muitos encontros, em especial, conheci melhor o trabalho da professora e escritora bell hooks que desde então, tem sido um grande referencial em minha trajetória.

Bell hooks tem grande influência na minha escolha em ser professora. Seus pensamentos e indagações sempre foram dúvidas e questionamentos que me fiz ao longo não somente do campo profissional, mas da vida. Hooks me fez sentir abraçada por sua escrita e pensamentos. Nunca me senti tão bem representada e envolvida em uma leitura, como me sinto quando leio *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*, ele veio a mim como um abraço, sim, um abraço, um abraço daqueles que nos confortam e nos faz sentir como se tudo estivesse voltando aos eixos, que nos acolhe e nos permite sentir-se livres para novas emoções.

A universidade está longe de ser as mil e uma maravilhas que pensamos, mas sinto que este caminho pode nos proporcionar ensinamentos, possibilidades, e muita, muita, muita coragem para enfrentar o que quer que venha nos encontrar. Hoje, como graduanda, percebo que o meu desejo e sonho por mudança aconteceu antes mesmo de eu estar graduada, me sinto realizada antes mesmo de me formar. E talvez, o meu maior aprendizado foi chegar até aqui sendo que eu me imaginei ser somente depois de estar com o famoso “canudo” em mãos. Há um trecho que sempre me faz sentir a esperança na profissão docente:

A academia não é um paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. (HOOKS, bell, 2017, P.273)

Hoje tenho a plena certeza de que estou no lugar em que sempre quis estar, e agora, carrego comigo a coragem que nunca me faltou e uma vontade gigante de fazer da vida dos meus alunos, família e amigos, um lugar de *possibilidades*.

Agradecimentos

Dedico este memorial a todas as pessoas as quais estiveram fielmente comigo nessa jornada que, ainda não se encerrou, mas que desde o princípio, foram a base para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus pais Ruth e Fabio que foram os meus maiores incentivadores nessa escolha.

A Alexandra Lima, que muito me inspirou e não mediu esforços para ser uma excelente professora.

A vocês, Fabrycio, Ananda, Paulo Henrique, Thayná, Calebe, Thamyris e todos os amigos que fiz nesse caminho, pelo apoio e parceria.

Com Amor, Stefanny.



Uma trajetória de Resistência, Permanência e Resiliência

Thamyris Cristina da Silva Barboza

Nunca pensei em contar minha história de vida, todos nós temos nossas lutas diárias, que nesse percurso não temos tempo para compartilhar nossas vivências boas ou ruins. Mas escrever esse memorial foi algo prazeroso porque pude voltar em alguns lugares que me marcaram. Que trouxeram lembranças e reflexões.

Espero que olhem para minha história com amor, fiquem a vontade nessa caixinha de surpresa que é a minha vida.

Memorial

Me chamo Thamyris Cristina da Silva Barboza, nasci no dia 28 de maio de 1998 em uma quarta-feira, sou filha única. De Sandra Regina da Silva e Carlos Alberto Pereira Barboza, ambos têm 60 anos, minha mãe é Professora e meu pai promotor de vendas.

Moro na zona oeste do Rio de Janeiro, no bairro de Paciência, sempre moramos de aluguel, já nos mudamos algumas vezes.

Minha história de vida começa quando minha mãe descobre, com dois anos de idade, que eu tinha um sopro no coração. Que o sangue do meu coração encharcava o meu pulmão, isso poderia me provocar um AVC, não teria uma vida saudável.

Tínhamos um plano de saúde, porém não cobria a minha cirurgia que na época era em torno de 40 mil. Meus pais tentaram de tudo, assistência social, o que possa imaginar. Conseguiram uma prótese, porém meu canal era grande e engoliu a prótese.

Mas com o plano de saúde que tínhamos ainda conseguimos frequentar a minha pediatra que foi um anjo em minha vida.

Minha pediatra, a Doutora Luci, que cuidava de mim, conseguiu uma prótese para mim, e trouxe sua equipe médica de um hospital particular de Laranjeiras para me operar.

No dia 6 de julho de 2002, minha cirurgia aconteceu, com duração de cinco horas, como eu era pequena, ocorria o risco do meu corpo recusar a prótese. Prótese que se chama *umbrella* em português guarda-chuva devido abrir igual a um. E a cirurgia foi um sucesso, não tive nenhuma sequela, tive acompanhamento médico até os 18 anos.

Minha infância foi uma infância feliz, mesmo com essas adversidades da vida, minha família muito presente, minha avó cuidava de mim para meus pais trabalhar, como sou filha única, brincava sozinha com as minhas panelinhas embaixo da mangueira que tinha no quintal depois da creche, e a tarde na rua com a minha melhor amiga.

Tive que ser atrasada na escola, devido ao tempo perdido. Em 2006 tive um caso de otite que inflamou. Os médicos não sabiam o que tinha motivado aquela inflamação que surgiu um caroço na parte lateral do meu rosto. Passei por muitos médicos e alguns suspeitavam de câncer. Fui submetida a um exame muito doloroso para confirmar o diagnóstico, mas o resultado foi negativo. No entanto, tive que me submeter a uma cirurgia para remover o caroço. A cirurgia estava marcada para o dia 19 de novembro de 2006 e, durante esse período, minha avó faleceu. Fiquei muito abalada com o ocorrido e não queria falar com ninguém, nem me alimentar. No dia da cirurgia, quando os médicos me examinaram na maca hospitalar, ficaram em choque ao perceber que o caroço tinha sumido.

Outros vieram me examinar e confirmaram, foi uma grande felicidade, pois eu corria o risco de ficar com parte do rosto paralisada e com uma grande cicatriz. Para mim, esse milagre foi minha avó Maria Rodrigues, que sempre orava por mim e que todos os dias escutava sua missa na rádio, deixando um copo de água na frente do rádio e

pedindo para eu beber. Nesse meio tempo, como não tinha ninguém para cuidar de mim, tive que ir trabalhar com a minha mãe, que é professora. Na época, ela trabalhava em uma escola particular no bairro do Méier, zona norte do Rio de Janeiro, frequentada por pessoas de classe média.

Antes de estudar nessa instituição, minha mãe sempre deixou claro que nem tudo que meus amigos podiam ter, eu teria, mas que ela faria o possível para me proporcionar as mesmas oportunidades e que não aceitaria nenhuma humilhação por causa da minha cor de pele ser negra.

No primeiro dia de aula, estava nervosa. Tudo era novo, C.A, novo primeiro ano do ensino fundamental. Minha mãe tinha comprado uma mochila linda da Penélope Charmosa rosa, que eu sempre quis. Chegando à sala, foi um choque ver que eu era a única aluna negra. Mas todos me trataram bem e a professora Bianca era um amor.

As primeiras semanas foram tranquilas, mas depois... No horário do recreio, senti pela primeira vez o que chamamos de racismo.

Um amigo de outra turma me chamou de cocô e disse que a minha cor era igual, falando isso várias vezes. Fiquei incomodada com aquilo e falei com a minha mãe, que ficou transtornada. O menino era filho de uma professora também, então medidas foram tomadas e ele pediu desculpas em frente à classe.

Minha professora explicou para a turma que todos nós somos iguais, que a cor da pele não interfere em nada, apenas nossas características são diferentes, e que ela não toleraria mais aquela situação.

Nesse percurso de casa para escola, era bastante cansativo, pois sou moradora da zona oeste. Tínhamos que nos locomover até a zona norte. Então utilizávamos o ônibus até o centro de Campo Grande e depois o trem.

O trem foi algo que marcou a minha rotina. Pessoas muito humildes trabalhando, buscando sua renda, outras indo trabalhar. Fiquei conhecida como a "menininha que dormia

no colo da mãe", pois chegávamos tarde em casa, devido ao fato de minha mãe sair do emprego às 19 horas. Costumávamos chegar em casa por volta das 22 horas. Eu ficava bastante cansada e já tinha que acordar às 5:40h da manhã do dia seguinte. Mas o trem fazia parte do meu dia. Fizemos amizade com os camelôs, com grupos de amigas que eram costureiras em Madureira e com uma moça que vendia o jornal Meia Hora.

Estudei o meu ensino fundamental todo lá, no ensino médio optei por sair, devido que o ensino era integral, pela localidade que morava não ia conseguir frequentar as aulas do primeiro horário. Então iniciei meu estudo na instituição pública de ensino, que era algo totalmente fora da minha realidade em relação ao Ensino privado.

Terminei o ensino médio, fiz o Enem, mas não obtive a nota para o curso de nutrição que era minha primeira opção, então investi em um curso profissionalizante.

Em 2020, resolvi fazer a prova da UERJ, mas no curso de Pedagogia, como minha mãe tinha me sugerido, devido que ela sempre dizia que tinha todo jeito de professora, então veio a Covid, atrapalhou o curso que estava fazendo na época, isolamento físico, aquilo me desmotivou.

No dia da prova não queria ir, mas minha mãe me motivou a fazer. No dia que saiu o resultado não quis ver a classificação, pois não acreditava que tinha passado.

Minha mãe então foi olhar a classificação, e o meu nome estava lá, brigou comigo, por eu não acreditar em mim e no meu potencial, se ela não tivesse parado para olhar provavelmente não estaria realizando o sonho de fazer faculdade em uma instituição pública como a UERJ.

A estrada

Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui

Percorri milhas e milhas antes de dormir

Eu nem cochilei

Cidade Negra

Na faculdade durante a disciplina de PPP com a professora Alexandra Lima, que abordou o tema Pedagogia nas ruas, um tema amplo que me trouxe curiosidades. A professora compartilhou suas experiências com a turma, também levando para aulas de campo, no circuito da pequena África pelo Instituto pretos novos (IPN), Mucab e quilombo de Sobara em Araruama que me deixou encantada por valorizar sua cultura negra, mesmo com toda dificuldade segue resistindo.

Foi muito importante, porque me fez refletir, essa bolha em que nós vivemos estourou, mostrando que mesmo no século XXI, com toda modernidade ainda há trabalhos com péssimas condições, que não valoriza o trabalhador local, nesse quilombo de Sobara ainda há o trabalho de boia-fria que trabalha o dia todo embaixo do sol e não é reconhecido. A indústria que invade o território do quilombo.

Que essa sociedade elitista não valoriza a cultura, ancestralidade dos povos africanos que conquistaram aquele local, com muito sofrimento, que só valoriza o capitalismo, não importa quanta história há aquele local e a importância para aquele povo.

Concluo que minha vida é como uma caixinha de surpresas, não podemos prevenir nada. Que as oportunidades surgem, que só temos que saber aproveitar e ter sempre esperança e fé. Acreditar nos nossos sonhos e no seu potencial. Mesmo que tudo pareça impossível, sempre há uma solução.

No meio profissional, espero me tornar uma educadora que passe essas virtudes e valores aos meus alunos, que valorizem a luta do outro. Que respeitem a diferença de gênero, raça e credo. Que haja mais oportunidades para pessoas de pele negra, que resistimos, mas ainda é difícil o mercado de trabalho para nós, que utilizem mais livros didáticos de autores negros nos ambientes escolares e planejamentos antirracistas não só em uma data específica do ano. Que haja equiparação nessa estrutura da sociedade

para que todos tenhamos os mesmos direitos, é isso que eu espero.

Meu agradecimento, para meus pais: Sandra e Carlos, meus tios: Carlos, João e Tânia, Meu namorado: Vitor e minhas amigas da opressão, especialmente a Stefanny, por me apoiar nesse percurso da faculdade, que é muito importante, mesmo com todas as adversidades nunca me deixaram desistir, sempre me apoiando e acolhendo para que meu sonho seja concretizado!!!

Um passeio saudoso às memórias e ao legado de minhas ancestrais

Victória Fernanda de Ornelas Azevedo

Nascida em 17 de dezembro de 1996 no IASERJ, Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, em uma terça-feira ensolarada típica do verão carioca, me chamo Victória Fernanda de Ornelas Azevedo.

Narrar minha trajetória até a universidade sem falar das mulheres que me orientaram e possibilitaram minha chegada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro é impossível. Se ocupo este lugar, é pela luta incessante de minha mãe e pelo zelo de minhas tias e avó que carregam, assim como eu, o sobrenome Ornelas.

Como um rio que nasce tranquilo e ganha força em sua extensão, transformando a vida de quem vive ao seu redor ou como uma cerejeira, que nasce de uma pequena semente e distribui seus frutos por onde estiver enraizada, é a origem da minha conexão com a Educação, que nasceu em 1937 no interior de Minas Gerais, numa cidadezinha chamada Carangola. Essa origem tem nome e sobrenome: Marilda de Araújo Ornelas, minha avó materna, chamada carinhosamente por mim de Vovóda. O sobrenome Ornelas passou a fazer parte de seu nome depois de seu casamento com meu avô Benedito de Ornelas.

Minha avó transformou um desejo de infância em um legado quando, aos 12 anos de idade, precisou sair da cidade pacata em que vivia para morar no Rio de Janeiro. Chegou aqui acompanhada de sua mãe, dois irmãos, algumas mudas de roupa e muitos sonhos. A vinda para cidade grande forçou Vovóda a encarar a face sem muitos encantos da vida. Não havia mais como “perder tempo” com os estudos, ela precisou aprender a trabalhar e teve a costura como ganha pão por longos anos de sua vida. Mas o desejo latente de voltar à escola sempre esteve presente em seu

coração. Já havia ali a sabedoria do poder transformador da educação.

Depois de casada e de ter dado a luz a seis meninas e três meninos, mesmo passando por muitas dificuldades e sofrimento com a ausência de suprimentos básicos, uma coisa não podia faltar de jeito algum em sua casa: livros, revistas, gibis, jornais... Era um lar carente de muitas coisas, mas jamais carente de incentivo aos diversos tipos de conhecimento.

Nesse universo potencializador cresceram minha mãe Valéria e minhas tias Isabel, Sônia, Patrícia, Solange e Elisabete. Das seis, cinco seguiram o caminho do magistério. Até minha madrinha Patrícia que cursou Enfermagem e atuou em hospitais federais do estado, hoje leciona na área.

É evidente que na criação de seus filhos, minha avó lhes passou o que tinha de maior valor e estima: a sede e a paixão pela educação e pela sala de aula. Minha mãe, Valéria Fernanda de Ornelas, herdou essa paixão e desde muito nova já brincava de dar aula. Aos 13 anos, a prática saiu do imaginário e se tornou realidade. Ela já dava aulas em casa. Anos depois fez o Curso Normal no Instituto de Educação Carmela, instituição tradicional localizada no bairro de Madureira, zona norte do Rio de Janeiro e local onde eu também me formei como professora anos depois. Logo minha mãe se tornou funcionária pública, do Governo do Estado do Rio de Janeiro e é aí que de fato eu entro nessa história.

Aos 29 anos minha mãe me deu a luz e depois de alguns meses de licença, voltou a dar aula em turmas noturnas da EJA. Porém agora, comigo a tiracolo. Não foi fácil segurar a barra dos conflitos familiares após minha chegada, mas ela aguentou firme por amor à filha tão sonhada e desejada por ela.

No ano de 1999, haveria a inauguração do CAIC Theophilo de Souza Pinto. Um colégio estadual localizado na Nova Brasília, uma das favelas que compõem o Complexo do

Alemão, idealizado aos moldes dos famosos CIEP's criados por Darcy Ribeiro. A ideia era formar a primeira Equipe Pedagógica e o grupo com os demais funcionários que viriam a compor aquela comunidade escolar, com moradores da Nova Brasília. Sendo assim, minha mãe que foi nascida e criada naquela favela recebeu um convite para ser Diretora Adjunta do CAIC. Mas havia a preocupação comigo... Não havia com quem me deixar aos cuidados. Então, ao responder ao convite, ela disse que poderia aceitá-lo, porém, haveria uma única e muito importante condição: poder me levar junto a ela todos os dias ao trabalho. A proposta foi aceita e a partir dali eu tive o primeiro contato com o lugar que mais marcou e influenciou minha infância, minhas vivências, no meu olhar para o mundo, minhas melhores memórias e sem sombra de dúvidas na escolha da minha profissão.

Aqueles corredores, o cheiro do mimeógrafo, aquela cozinha industrial enorme, a quadra, o gramado, as pessoas, os banhos na pia, as datas festivas e os aprendizados adquiridos naquela escola me tocam e me atravessam até hoje. Pensar nela é como um passeio saudoso ao meu passado e ao resgate de importantes memórias não só minhas, mas também de toda uma comunidade. Fui muito feliz naquele espaço. É o lugar que marcou minha infância e que está inserido no local em que minha mãe e familiares nasceram e viveram. Então aquela escola e aquele contexto social sem dúvidas fazem parte da minha formação e da construção de quem eu sou hoje. Vivi ali os primeiros anos de uma infância muito gostosa, feliz e leve.

Pouco mais de um ano depois, fui matriculada em um colégio pequeno de bairro chamado Castelinho. O Castelinho era na verdade uma casa adaptada para funcionar como escola. Os anos passaram, eu já havia passado por outras escolas, até que em 2006 fui para o Martinsinho. A mensalidade era caríssima e minha mãe pagava com muito esforço porque o propósito dela era me preparar para

provas do Colégio Militar, Pedro II e Colégio de Aplicação da UERJ. Acontece que essa mudança não me fez muito bem. A cobrança naquele lugar era muito grande, as propostas pedagógicas divergiam demais do que eu estava habituada, além de eu não me sentir pertencente àquele espaço. Então em junho do mesmo ano, por questões emocionais relacionadas ao estresse, consequência de tantas mudanças, descobri ter PTI, Púrpura Trombocitopênica Idiopática, uma doença hematológica que se manifestou por eu não saber lidar com os problemas emocionais que estava vivendo. Depois de alguns dias de internação no CTI, correndo grande risco de vida, a PTI nunca mais se manifestou e pude viver uma vida sem restrições.

É interessante como até essa fase me trouxe lições no que diz respeito a metodologias que já aplico e busco aprimorar como docente. Depois de anos de estudo a respeito de tudo o que norteia as concepções de Educação, compreendo ter vivido os malefícios do preparo para avaliações unificadoras, que não respeitam os processos individuais dos educandos. Esse episódio me balançou, mas segui em frente.

Concluí o Ensino Fundamental depois de ter passado por mais algumas escolas. No Ensino Médio, cheguei ao Instituto de Educação Carmela Dutra. Segundo minha mãe: “Pobre tem que ter profissão!” e eu sairia dali apta para entrar em sala, como se àquela altura eu tivesse alguma outra opção ou escolha. Afinal, qual outra profissão se não essa eu poderia seguir?

Eu respirava escola, na minha escola, no trabalho da minha mãe, na minha casa, na casa das minhas tias e na casa da minha avó, que era o ponto de encontro da família para os lanches nos finais da tarde dos sábados. A casa da Vovodá é conhecida até hoje como “A casa das palestras”. Pensa em uma sala cheia de professoras que cresceram juntas e que gostam muito de falar. Agora acrescenta no mesmo lugar seus filhos que não regulavam a idade. Haja resenha! E se tem professora reunida, a conversa sempre

passa pelo assunto trabalho, mais cedo ou mais tarde. O mais gostoso disso tudo é ter a qualquer momento minhas consultoras educacionais a postos para me socorrer caso necessário.

Em dezembro de 2015, com 19 anos, concluí o Curso Normal. No início do ano letivo seguinte, cheguei como auxiliar no CEMA - Centro Educacional Machado Amaral. Em apenas três meses, recebi o convite para ser professora regente de uma turma de Pré I. Que emoção! Fiquei radiante! Em tão pouco tempo e tão nova havia sido vista como competente para assumir o cargo. Até hoje vejo isso como o retorno de tantos anos aprendendo intrinsecamente a respeito da postura e conduta profissional de um educador. Costumo inclusive brincar que tenho carga horária vitalícia de estágio no currículo. Atuei no CEMA por mais dois anos em outra turma de Pré I e do 2º ano do Ensino Fundamental.

No segundo ano em que estive no Centro Educacional Machado Amaral, em 2017, sofria com uma enorme pressão de minha mãe para que desse início ao Nível Superior. Então me matriculei em Administração na Universidade Estácio de Sá. O curso nada tinha haver com o caminho que havia trilhado até ali, mas atuando em sala de aula e sentindo na pele as problemáticas que enfrentam o professor, vivia um momento de muitas dúvidas relacionadas ao futuro. Segui o caminho mais fácil, mas logo notei que aquilo nada tinha haver comigo.

Foi quando em 2019 me reconectei com meus ideais e consegui uma bolsa de cem por cento no curso de Pedagogia da UniGama, campus Olaria. Fazia quase uma viagem todos os dias para chegar lá, mas não tinha pra onde fugir, nesse curso é o meu lugar. Concluí um período e perdi a bolsa por problemas burocráticos. Fiquei por um tempo ociosa e em algum momento de 2020, ao que me lembro através de alguma postagem que vi navegando pela internet, soube que abririam as inscrições para o vestibular da UERJ. Cresci

observando dois primos que tenho como referência ocupando universidades públicas. Com certeza João Paulo Ornelas e Mariana Ornelas, filhos de minha tia Isabel Ornelas, fomentaram em mim um desejo enorme de também ingressar em uma universidade pública. Então me inscrevi, mas a pandemia me fez enfrentar sucessivos cancelamentos do vestibular, o que me causou bastante frustração.

Quando ele finalmente aconteceu, em 2021, saí da prova com a certeza de ter tido um desempenho muito ruim. Mas ainda havia uma pontinha de esperança em ter conseguido minha vaga. Cheguei em casa, pesquisei as notas de corte dos anos anteriores e assim que saiu o gabarito, vi que havia de fato a possibilidade de ter sido aprovada e realmente fui. Finalmente pude falar com orgulho que estava na UERJ, “a mais ousada”, como costumava ouvir falar.

Pertencer à Universidade do Estado Rio de Janeiro é sinônimo de conquista, de felicidade, de orgulho, mas principalmente de raízes, das minhas raízes! Estar na UERJ, cursando Pedagogia, é como afagar aquela menininha que saiu de Minas Gerais e fez da Educação o alicerce de sua vida e da vida de todos os que descendem dela. Hoje eu sigo, dou continuidade e sou fruto do legado plantado por minha avó e regado por minha mãe. Se à UERJ cheguei, foi pelo suporte e exemplo dado pelas mulheres Ornelas. Serei eternamente grata à Valéria Ornelas, Marilda Ornelas, Isabel Ornelas, Sônia Ornelas, Patrícia Ornelas, Solange Ornelas, Elisabete Ornelas e Mariana Ornelas. Sem elas, eu nada seria.

Licença para sonhar

Licença, prezado senhor, prezada senhora
Peço permissão para sonhar
No reino das portas de vidro
Erguido a partir de destroços
Quem olhava de fora para dentro
Lá dentro desejava entrar
O que é preciso fazer para sermos aceitos
Naquele bonito reino?
No reino das portas de cristal
As coisas se resolvem às portas fechadas
Por que são impenetráveis
As portas daquele reino?
Nem todo mundo que lá dentro entrava
Visto conseguia ser
Nem todo mundo podia falar
Comporte-se
É preciso pedir permissão para falar!
Escuta?
Silêncio!
Façam silêncio!
Para as pessoas que não se encaixavam
Eram definidos lugares
Quartinhos sem camas
Para que não tivessem as mesmas condições
Para sonhar
Consigam lugar para sentar
Se virem
À própria sorte
Sem rumo
Puxem os tapetes
Todos sem chão
O sol é para todas
Basta trabalhar
Em silêncio

Me levantei
Perdi o sono
De olhos abertos estou
Numa madrugada sem fim
Quem sabe esses sussurros
Ainda que tímidos
Insones
Um dia
Se tornem voz
E que a força dessa voz
Rompa silêncios
Daqueles destroços
Para que finalmente
A gente volte a sonhar



Alexandra Lima da Silva



Amanda Peixoto de Pina | Ana Beatriz Melo dos Santos | Ana Lidia de Meneses Leite Vieira da Silva | Bruna da Silva dos Santos | Bruna Ferreira Vanzillotta | Débora Marcelino Constantino | Debora Ribeiro dos Santos | Érica da Silva Oliveira | Fernanda Martins Botelho de Lacerda | Hevelyn de Jesus da Silva | Jeycellany Dionisio da Conceição | Kianny Oliveira Dias | Larissa Gonçalves Oliveira | Luanna de Sena Passos | Luiz Tiago da Silva Gomes | Luma de Lima de Oliveira | Maria Rizonete da Silva | Matheus Siqueira Euzebio | Núbia de Sá Teixeira Lima | Stefanny Sodre de Azevedo | Thamyris Cristina da Silva Barboza | Victória Fernanda de Ornelas Azevedo.